

**Formação Desportiva Profissionalmente Orientada e Atitudes dos Jovens
Face à Prática Desportiva**

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO

1.1. Pertinência do estudo

A motivação constitui um aspecto importante na linha de acção de todas as condutas humanas sejam elas na política, negócios, com os pais, os treinadores ou sociedade civil e interfere decisivamente na vida privada de cada um. Refere Roberts (2001) a este propósito que a compreensão e desenvolvimento da motivação constitui uma das preocupações centrais da conduta humana, sendo um tema mal compreendido. Então, o que é a motivação? Segundo o dicionário universal da língua portuguesa, motivação refere-se ao:

Acto de motivar, conjunto de factores psicológicos, conscientes ou não, de ordem fisiológica, intelectual ou afectiva, que determina um certo tipo de conduta em alguém.

Um objectivo, um intuito um fim que se percebe de determinada forma segundo aquilo que nos caracteriza, a forma como vemos o mundo e que, por sua vez, compreende toda uma assimilação e interacção entre factores de personalidade intrínsecos e factores ambientais iniludíveis. Assim, desde o estudo pioneiro de Alderman e Wood em 1976, muito se tem pesquisado e descoberto nesta área emocionante. Transversalmente a todos os estudos descobrimos as mesmas razões para a participação desportiva: competência física, aceitação social, fitness e divertimento (Fonseca, 1995; Weiss & Ferrer-Caja, 2002). O objectivo é, em suma, entender a desigualdade na motivação de forma a ajudar os indivíduos, independentemente da sua habilidade para alcançar o seu potencial, o ponto central reside no estudo sobre a variabilidade

dos padrões comportamentais do que predizer a performance (Nicholls, 1989). Quando gostamos e estamos interessados intrinsecamente naquilo que fazemos, estamos motivados e consideramos a qualidade da actividade como superior.

Interessa então perceber porque é que os jovens investem no domínio da actividade física, importante na procura de estilos de vida activos e descobrir o que é importante sobre o desporto e actividade física na cabeça dos rapazes e raparigas (Duda, 1996). Ou seja, na teorização da motivação para a realização de objectivos um importante ponto refere-se ao facto dos objectivos influenciarem a forma como interpretamos e respondemos a acontecimentos de realização. Especificamente, é sugerido que a perspectiva individual de realização de objectivos vai afectar as auto-avaliações de demonstração de habilidade, esforço dispendido e atribuições de sucesso e fracasso (Nicholls, 1992).

1.2. Teoria da orientação para a realização de objectivos

Roberts (2001) refere o assumo de que os comportamentos evidenciados pelo indivíduo estão na sua dependência relacionados com a predisposição para se envolver para a tarefa ou para o ego. As duas orientações para a realização de objectivos de Nicholls (1984a, 1989) compreendem diferentes formas de processamento de uma actividade que pode flutuar durante um evento, jogam um importante papel influenciando as realidades subjectivas dos indivíduos. Nicholls afirmou peremptoriamente que os objectivos de realização e as crenças sobre as causas de sucesso estavam ligadas de uma forma conceptual e constituem a teoria pessoal de realização de objectivos no desporto.

Pesquisas anteriores no domínio do desporto evidenciaram que as percepções de competência demonstrada englobam percepções de objectivo realizado ou sucesso e fracasso subjectivo (Roberts & Duda, 1992). Estudos anteriores, empregando técnicas quantitativas e qualitativas sugerem

igualmente que os participantes desportivos baseiam os seus objectivos no desenvolvimento pessoal e mestria da tarefa bem como a demonstração de habilidade superior (Duda, 1985).

De acordo com a teoria, as pessoas diferem nas suas concepções de habilidade e critério de sucesso e no sentido que dão a estes conceitos. A teoria diz ainda que se aplica não só às pessoas que tentam alcançar um objectivo de construção social ou pessoal num determinado contexto de perseguição de objectivos, mas também questiona o porquê da pessoa estar nesse contexto e argumenta que a maior razão porque se procura realizar um objectivo é para demonstrar competência. Contudo, é interessante pensar que apesar da teoria para a realização de objectivos ter sido desenvolvida para um contexto de educação, muito pouca pesquisa tem aplicado e testado a relevância contextual desta teoria na Educação Física (EF), particularmente no desenvolvimento de programas de intervenção desenhados para aumentar a motivação (Treasure, 2001). A Educação Física, por exemplo, oferece oportunidades únicas para o desenvolvimento motor e aprendizagem de técnicas, noções de atitudes associadas a um estilo de vida activo. Não é de descurar portanto a sua função educacional (Biddle & Goudas, 1995).

1.3. Atitudes face à prática desportiva

Desta forma, o desporto infanto-juvenil apresenta justificações educativas que redundam na necessidade de rever os comportamentos para a realização de objectivos na promoção de comportamentos adaptativos. Nicholls (1992) refere que as dimensões para a tarefa e para o ego podem ser usadas para descrever ambientes subjectivos, teorias de classes inteiras ou equipas desportivas. No desporto como na educação há provavelmente diferenças significativas entre os indivíduos na ênfase que colocam nas convenções. As crenças sobre como ocorre o sucesso são mais facilmente mudadas do que os critérios pessoais (objectivos) de sucesso, elas são crenças sobre a realidade social.

Quais são os antecedentes para a contínua participação no desporto e actividade física? De entre as áreas a perseguir estão as razões para o envolvimento, objectivos a alcançar (definições subjectivas de sucesso) e o critério usado para definir sucesso e competência. Pretendo então com esta investigação estudar uma amostra de jovens futebolistas que desenvolvem a formação desportiva num dos principais clubes de futebol portugueses e europeus e comparar os dados obtidos com os dados recolhidos num clube orientado para a formação. Neste momento, através do estudo empírico que efectuámos, queremos perceber qual a orientação predominante, se é que existe, dos jovens inseridos nestes clubes, bem como perceber a atitude face ao desporto e o clima percebido pelos jogadores em relação ao treinador, apresentando e analisando esses dados obtidos à luz do corpo teórico.

Assim sendo o fundamento da pesquisa reside em saber se a orientação para os objectivos, clima percebido e atitudes face ao desporto por atletas jovens de formação em organizações profissionais revelam atitudes face ao desporto substancialmente diferentes dos clubes de formação sem essa orientação? Pretendemos saber qual a importância do desporto infanto-juvenil, a sua potencial influência, positiva ou negativa, sobre os praticantes, o papel dos adultos, muito em especial do treinador na questão das elites jovens desportivas e a sua procura de realização de objectivos. Por seu lado, Pensgaard e Roberts (2002), Van-Yperen e Duda (1999) e Newton e Duda (1993) enfatizam a criação de um clima propício para o alto rendimento mas também em estudos de não elite através do enfoque na tarefa e em valores como a cooperação e satisfação no treino e em índices psicológicos de grupo.

Pesquisas anteriores sugerem que uma tomada de consciência dos objectivos adoptados pelos participantes desportivos podem providenciar-nos com uma compreensão da forma como interpretam e explicam as experiências desportivas (Duda, 1992). No seguimento, Nicholls (1992) refere que parece existir um paralelo entre a orientação para o ego e o profissionalismo e entre a orientação para a tarefa e uma orientação virada para o jogo. Da mesma forma são vários os estudos que relacionam que as equipas orientadas para a tarefa podem, mais do que outras valorizar a entajada e a crença de que o sucesso

resulta do espírito de equipa. Estas equipas presumivelmente são mais coesas socialmente do que as equipas mais orientadas para o ego. Também é esperado que achem o jogo mais satisfatório intrinsecamente e joguem sem a pressão de uma competição ou por parte do treinador.

Deste modo, a questão que fundamenta a pesquisa é a seguinte:

A orientação para a realização de objectivos, clima percebido e atitudes face ao desporto expressas por atletas jovens de formação claramente orientada para o profissionalismo revelam-se diferentes das expressões por atletas de clubes de formação sem essa orientação?

1.4. Metodologia de Investigação

Na parte I, realizámos uma pesquisa na literatura acerca do conceito de motivação e a explicação da teoria para a realização de objectivos no contexto do desporto jovem, dentro deste, perceber quais os processos determinantes da realização de objectivos nos jovens futebolistas em equipas de alto rendimento, bem como as diferenças no contexto de realização de objectivos em EF, a ambivalência do desporto colectivo e o desporto individual.

Na parte II, em primeira análise quantificou-se a mobilidade inter-clubes dos jogadores na etapa correspondente aos escalões de iniciados e juvenis. Mediu-se a respectiva mobilidade correspondente tanto no clube de orientação profissional como no clube não profissional de Coimbra. A par disto, recolheu-se a acção disciplinar durante a fase regular dos respectivos campeonatos de juvenis e iniciados do referido clube de elite e de um clube profissional representativo da região de Coimbra. Com esta recolha de dados pretendemos analisar a correspondência hipotética que se observa entre o comportamento previsto pela análise dos questionários administrados e os comportamentos reais dos atletas em jogo durante a fase regular.

A observância permite-nos inferir do clima motivacional que os clubes transmitem na sua orientação diferenciada face à competição, sendo que o comportamento e orientações do treinador podem influir nas atitudes

competitivas por parte dos atletas em atitudes de anti-desportivismo por exemplo. Será que o ambiente disciplinar se coaduna com os comportamentos evidenciados no clube e qual é a veracidade dos questionários aplicados em relação aos ditos comportamentos adaptados? Procurámos verificar se o clima motivacional criado pelo treinador influencia as perspectivas de orientação para os objectivos e perspectivas sobre a realização em si.

Seguidamente, foram efectuadas análises de conteúdo, entrevistas semi estruturadas aos treinadores e coordenador para recolher informações sobre as características dos supervisores da formação, o clima e a cultura da organização desportiva na perspectiva dos treinadores, bem como a missão e os objectivos do programa plurianual de formação, no sentido de confirmar a orientação a ser atribuída à missão de organização desportiva que é dada como mais exigente.

A análise de conteúdo é, em primeiro lugar, uma técnica das ciências da comunicação que foi desenvolvida nas primeiras décadas do século XX nos EUA, para analisar os meios de comunicação de massa (jornais, rádio). Baseia-se numa análise de textos de forma sistemática, por meio de um sistema de categorias, desenvolvido a partir do material e guiado por uma teoria (Bengoechea & Streat, 2007). A forma básica de análise de conteúdo qualitativa que escolhemos compreende:

- Sumarização;
- Explicação;
- Estruturação.

Os dados foram recolhidos através de entrevistas semi-estruturadas. Elas são úteis quando se trata de recolher uma imagem pormenorizada sobre as ideias do sujeito sobre um determinado assunto ou percepção sobre um tópico em particular (Smith, 1995). Assim sendo, neste tipo de entrevistas e de acordo com estes autores procura-se:

- Estabelecer uma conversa com o entrevistado;

- A ordem das perguntas é menos importante em relação à entrevista estruturada;
- O entrevistador está mais interessado em relevar ideias interessantes que possam surgir, e;
- O entrevistador pode seguir os interesses e preocupações do entrevistado.

Entre as vantagens deste tipo de entrevistas contam-se, uma maior empatia, a produção de dados mais ricos e uma maior cobertura e permitir que o entrevistado prossiga a entrevista em áreas interessantes.

As categorias de análise foram eleitas a partir de referências teórico/conceituais. Tentámos dar sentido ao conteúdo do mosaico de categorias, no interior do qual estão agrupadas as unidades de significação, tendo como referência os objectivos da pesquisa e o contexto em que os depoimentos foram colhidos. Assim sendo, recorreremos às análises temáticas no sentido de encurtar o nosso caminho e tomámos o conjunto de informações recolhidas junto aos entrevistados e organizámos, primeiramente, em três ou quatro grandes eixos temáticos, articulados aos objectivos centrais da pesquisa.

As categorias foram então desenvolvidas de segmentos de dados identificados no texto recolhido e que constituíam pertinência. Quer dizer que se processou informação a partir de particularidades e lentamente começou a generalização (Smith, 1995), o que permitiu manter o seu carácter exclusivo e a própria diversidade de cada resposta mesmo quando procedemos à análise de elementos comuns aos entrevistados (Polkinghorne, 1995).

Segundo Lisa Wright, psicóloga do desporto, a análise de conteúdo qualitativa fundamenta a investigação, poder-se-á afirmar, em dois sentidos:

- Permite ajustar as expectativas que os investigadores têm sobre determinado problema social à sua realidade, o que vulgarmente se designa por corte com o senso comum, e apreender mais de perto determinadas realidades sociais que outras técnicas de investigação não permitem, como as que derivam da análise quantitativa;

- Por outro lado, após se identificarem por comparação comportamentos distintos entre grupos sociais, e essa comparação ocorre por quantificação, permite conhecer em maior profundidade esses comportamentos e as diferenças manifestas no interior de cada um dos grupos identificados.

Chi e Duda (1995) procuraram testar independentemente e simultaneamente o modelo assumido do TEOSQ através de atletas de colégio (n= 270), atletas de secundário (n= 310) e participantes juniores de desporto secundário (n= 234). A medida de coesão da estrutura hipotética de dois factores foi aceite na generalidade, apesar de mais fraco no caso de estudantes de colégio. Os resultados não suportaram a assumpção de invariância intergrupos do TEOSQ e indicaram que os 13 itens e a estrutura do TEOSQ não foram igualmente válidos ao longo das quatro amostras do estudo.

Duda (1992), por sua vez, na pesquisa inicial em que estabeleceu medidas de competitividade, orientação para a vitória e o desejo para alcançar objectivos pessoais no desporto não são equivalentes psicologicamente à orientação para a tarefa e para o ego. Esta pesquisa sugere que a determinação da importância colocada em jogar bem em contraste com os resultados objectivos no desporto não é sinónimo com a prontidão para se ser envolvido para a tarefa ou para o ego nesse contexto.

Com efeito, os autores Gonçalves, Coelho e Silva, Chatzisarantis, Lee e Cruz (2006), depois de proceder à tradução do *Sports Attitudes Questionnaire* (SAQ), aplicaram-no a duas amostras independentes de atletas com idades compreendidas entre os 13 e os 16 anos. Com base nos resultados de 511 sujeitos (247 rapazes e 264 raparigas), a análise factorial exploratória identificou quatro dimensões e evidenciou o ajustamento do modelo de quatro factores aos dados obtidos numa amostra de 482 sujeitos (248 masculinos e 234 femininos). A versão portuguesa do questionário de atitudes face ao desporto parece apta a ser utilizada em futuras pesquisas.

Já Duda (2001) refere que este questionário mede o clima de orientação para a tarefa ou para o ego a operar no desporto. Averigua o grau segundo o

qual os jogadores percebem o facto do treinador reforçar o esforço/melhoria, faz com que cada jogador sinta que tem um importante papel na equipa e promove a cooperação entre os membros da equipa. O questionário mede ainda a percepção do atleta de que os erros são punidos pelo treinador, de que o reforço e atenção são providenciados de forma diferente consoante o nível de habilidade e a rivalidade entre jogadores na mesma equipa. Esta última subescala tem demonstrado pouca consistência interna (provavelmente devido ao seu número limitado de itens).

1.5. Objectivos

Como primeira hipótese sugiro que os jovens em formação de alto rendimento apresentam grande orientação para a tarefa e para o ego em contraste com uma orientação predominantemente para a tarefa em jovens de clubes orientados para a formação. Como segunda hipótese sugiro que as atitudes face ao desporto são diferentes entre os dois clubes e de acordo com a idade, sendo que o clube de orientação profissional apresenta maior propensão para o recurso à batota e atitudes de anti-desportivismo por parte dos seus atletas. Os treinadores aqui desempenham um papel fundamental na moldagem de comportamentos conducentes com os objectivos a alcançar, criámos o pressuposto de que o clima criado pelo treinador de orientação para a realização de objectivos vai influir na motivação dos atletas e vai ser diferente consoante a ênfase colocada.

De igual modo, em relação ao comportamento disciplinar, procuramos verificar se o ambiente e nível competitivo infere nas condutas por parte dos jogadores de formação.

Como objecto de estudo, centro as minhas atenções nos escalões de sub 17, sub 16, sub 15 e sub 14 de dois clubes diametralmente opostos, um clube de elite e um clube periférico de uma capital de distrito, claramente orientado para a formação. Os objectivos do estudo são: a orientação para a realização de objectivos e o clima motivacional percebido por parte dos atletas em competição, bem como perspectivar uma análise qualitativa a três

entrevistas realizadas a dois treinadores de um clube da região de Coimbra e o coordenador de um clube de elite nacional.

CAPÍTULO 2

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1. Perceber a Motivação

Não existe outro domínio onde as questões da motivação sejam tão mal compreendidas como no desporto (Roberts, 1992). Refere o mesmo autor que a teoria cognitiva deu ao problema da motivação um novo fôlego que começou com Bernard Weiner em 1971 e assume na contemporaneidade uma perspectiva mais cognitivo-social. Surgiu então a perspectiva de que as flutuações na motivação, projectadas pelo indivíduo, reflectiam as suas posições em relação ao sucesso e insucesso. O processo motivacional estaria dependente dos pensamentos e atribuições que o sujeito dispunha e que variavam consoante o contexto social.

Então, o que é a motivação? Roberts, em 1992, enquadró-a como um conjunto de factores de personalidade, variáveis sociais, e/ou aspectos cognitivos que entram em cena quando um indivíduo está sujeito a avaliação na realização de uma tarefa, entra em competição com outros ou tenta alcançar um determinado nível de excelência. As determinantes do comportamento para a realização de objectivos são disposições de aproximação e /ou afastamento, expectativas, valores de incentivo de sucesso e fracasso, e/ou julgamentos cognitivos de sucesso e fracasso, incluindo a possibilidade de ter êxito ou falhar Roberts (2001).

Sendo assim, o mesmo autor refere que a motivação é considerada um processo cognitivo-social no qual o indivíduo torna-se motivado ou desmotivado, através de averiguações da sua competência dentro do contexto de alcance de objectivos e do significado do contexto para a pessoa. Ela é um processo cognitivo dinâmico e complexo baseado nos julgamentos subjectivos do resultado pelo participante e dependendo do objectivo de acção e do

significado do contexto para o próprio. É um processo que reside na própria pessoa que incide na forma como julgam a competência e definem a aquisição de sucesso (Duda, 2001).

O estudo da motivação e os seus efeitos na realização de objectivos é a investigação da energização, direcção e regulação do comportamento. As teorias apenas o são enquanto respondem a todos os aspectos do comportamento para a realização de objectivos (Roberts, 2001). As pesquisas em motivação referem que a afirmação de amizades, ganhar aprovação dos pais e treinadores, desenvolver uma sensação de pertença na equipa são importantes razões para se estar envolvido no desporto (Weiss & Ferrer-Caja, 2002), denotando uma motivação de ordem social, nomeadamente orientação para os objectivos sociais e percepções de pertença (Allen, 2003).

Referem a existência duas importantes considerações respeitantes à motivação e comportamento no desporto: Primeiro, as orientações motivacionais e factores de influência sociais interagem para determinar os resultados da participação (incluindo comportamento motivado). Logo, a motivação como um factor de diferença individual deve ser estudada dentro de um contexto social onde os comportamentos desportivos ocorrem. Centra a sua atenção nos indivíduos que variam em certas disposições motivacionais ou características e como estas variações influenciam os resultados psicológicos (competência percebida, respostas afectivas) e comportamento na actividade física (frequência, intensidade). Segundo, a consideração da motivação como uma variável que se expressa num resultado. Desta forma, a motivação deve ser examinada como um factor de diferença individual apenas enquanto influencia a mudança dos resultados psicológicos e comportamentais incluindo auto-percepções, resposta afectivas e motivação. Ou seja, a motivação é equacionada como uma escolha para participar, esforço exercido e capacidade de esforço ou persistência. Desta forma, as fontes ou causas da motivação são de interesse central (Weiss & Ferrer-Caja, 2002).

Das teorias que emergem como explicação para os aspectos motivacionais em contexto desportivo, o desenvolvimento e demonstração de competência física (percepção de competência) são motivos consistentes ao longo de todos eles. Finalmente, o desejo de reconhecimento social, incluindo amizade, aceitação dos pares, aprovação e reforço positivo pelos adultos é comum a todas as teorias. Contudo, não existe muito consenso no desenvolvimento da convergência conceptual e na integração de teorias dentro do desporto e psicologia do exercício.

Então, quais são os processos psicológicos que subjazem à motivação? Primeiro, os processos motivacionais são qualidades inerentes à pessoa. Queremos saber como pensa a pessoa. Sabemos que o ambiente não possui qualidades motivacionais ao menos que o sujeito percepcione que as tenha. Segundo, os processos motivacionais são orientados para o futuro em vez de orientados pelo passado ou presente. A motivação prepara o indivíduo para se deslocar em relação a determinados objectivos ou para produzir determinados resultados. Terceiro ponto, os processos motivacionais são avaliativos. Estas avaliações podem ser auto-referenciadas ou podem envolver os outros como critério de referência. No fundo, a motivação envolve o julgamento da pessoa em saber se deve aumentar ou diminuir a busca comportamental na procura de um resultado ou objectivo (Roberts, 2001).

2.2. Comportamentos para a Realização de Objectivos

Uma das características do desporto é a variabilidade no comportamento de alcance de objectivos. As teorias cognitivo-sociais baseiam-se na questão dos objectivos (Duda, 1992; Roberts, 1992) para explicar porque é que indivíduos com o mesmo talento apresentam variações de comportamento sendo que a teoria para a realização de objectivos surge como uma nova direcção na pesquisa da motivação. Roberts (2001) afirma, com propriedade,

que a teoria pessoal de realização de objectivos que um adopta afecta as crenças em como ter sucesso na actividade. O seu ponto fulcral reside na qualidade de participação e não apenas a quantidade da performance realizada (Duda, 2001). Uma análise clara dos conceitos de realização, teorias e objectivos é necessária antes do indivíduo poder efectivamente examinar as relações entre as variáveis e o comportamento (Nicholls, 1992).

O trabalho teórico conceptual de Nicholls (1984a) relacionado com a realização de objectivos é usado para estudar a relação entre duas orientações de objectivos implícitas (ego e tarefa) e crenças e cognições de realização de objectivos sobre a experiência competitiva dos desportos de equipa e que mais tarde vem a ser revista por Duda (1987). Duda em 2001, por sua vez, afirma que são diferenças individuais na tendência para se estar envolvido na tarefa e ego perspectivas de objectivos enfatizados situacionalmente (clima motivacional percebido).

De facto, Harwood e Swain (2001) referem que os estados de envolvimento para a tarefa e para o ego podem bem funcionar mais ao nível subconsciente e por ventura difíceis de realizar a qualquer momento. Eles não são objectivos discretos postos pelos indivíduos. São, antes sim, estados psicológicos que reflectem as crenças do indivíduo sobre a realização para essa tarefa num preciso momento. Estas duas orientações, contudo, maximizam percepções favoráveis do eu em relação à habilidade ou competência. Estes dois estados de envolvimento exercem uma influência nos objectivos de processo, resultado e performance que os indivíduos conscientemente estabelecem.

A natureza das experiências de um indivíduo e a forma como interpretam estas experiências influenciam o grau em como os objectivos para a tarefa e para o ego são percebidos como salientes dentro do contexto desportivo. Assume-se que afecta os comportamentos de realização dos

indivíduos através das suas percepções dos comportamentos necessários para alcançar o sucesso (Roberts, Treasure & Kavussanu, 1996).

Constitui argumento de que a pesquisa académica da motivação deve ajudar-nos a reflectir nos problemas ocasionados pela preocupação, características da nossa sociedade com a habilidade do indivíduo em relação com a de outros. A orientação para a tarefa (desejo de conhecimento) e a orientação para o ego (desejo de superioridade) constitui o paradigma para esclarecer estas questões (Nicholls, Cheung, Lauer & Patashnick, 1989).

Os estudos sobre a realização de objectivos tanto nas organizações como no laboratório concluíram que: os objectivos específicos e difíceis conduzem a uma melhor performance do que objectivos vagos e fáceis; objectivos a curto prazo podem facilitar a realização de objectivos a longo termo; os objectivos afectam a performance porque condicionam o esforço, a persistência, a direcção atencional e desenvolve uma estratégia motivacional; é necessário feedback em relação ao progresso para que a realização de objectivos funcione e os objectivos devem ser aceites se queremos que afectem a performance (Locke & Latham, 1985).

Assim sendo, as orientações para a tarefa e para o ego são tendências de disposição referente a formas diferentes de processar a informação (Duda, 2001). Assim sendo, existem dois tipos de comportamentos rumo a objectivos definidos: orientação para a tarefa e orientação para o ego. Alguns teóricos desenvolveram concepções ligeiramente diferentes dos dois tipos de objectivos de realização (Elliot & Dweck, 1992). Dado o ênfase diferenciado que a orientação para a tarefa e para o ego colocam na definição de competência e sucesso, é razoável pensar que as orientações para objectivos influenciam pensamentos, emoções e comportamentos relevantes para a participação desportiva, especificamente, variáveis cognitivas (crenças sobre as estratégias), respostas afectivas (divertimento, satisfação e ansiedade) e resultados comportamentais (intensidade de esforço) (Roberts, 2001). As duas

orientações de objectivos reflectem mais do que uma diferença na ênfase colocada no processo versus resultado em contextos de actividade física (Duda, 1996).

Em relação à orientação para a tarefa, uma orientação para a aprendizagem implica que fontes de informação auto-referenciadas sejam prioritárias na busca de sucesso nos objectivos delineados como procura de objectivos propostos pelo jovem, atracção pela actividade, grau de desenvolvimento de *skills* e esforço dispendido (Duda, 1996; Roberts, 2001 e Duda, 2001). Aliás, a maximização da competência advém do investimento pessoal e das tentativas durante o processo de esforço (Duda, 2001). A orientação para a tarefa é predita através da percepção da orientação para os objectivos dos outros, o valor de realização de uma partida e percepção da habilidade do atleta (Treasure, 2001). Sabemos que os jovens orientados para a tarefa optam por manter-se envolvidos e demonstram esforço adaptativo e comportamentos persistentes e estão mais aptos a desenvolver a competência percebida ao longo do tempo (Nicholls, 1984a, 1989), também em atletas de alto nível (Elliot & Dweck, 1988; Newton & Duda, 1993). De qualquer forma, as variáveis situacionais e disposicionais tornam-se importantes na predição do envolvimento para os objectivos em contextos competitivos (Harwood & Swain, 1998). Assim sendo, refere Treasure (2001) que, quanto mais forte a disposição, menos provável é que as características situacionais sejam preditivas.

Com propriedade, Nicholls (1989) conceptualizava o envolvimento com o ego como mais preocupado em demonstrar superioridade (baseado na concepção diferenciada de habilidade). Aliás, o desporto competitivo tende a inibir a concepção indiferenciada da habilidade apesar do envolvimento para a tarefa existir mesmo nas formas extremas de competição, onde a recompensa externa seja constante (Treasure, Duda, Hall, Roberts, Maehr & Ames, 2001). Ela refere-se a fontes normo-referenciadas que definem se o sucesso foi alcançado, o importante é demonstrar habilidade relativamente a outros, ou

superar outros (Duda, 1996), em situações de competência interpessoal, avaliação pública bem como o feedback normativo. O envolvimento através da orientação para o ego requer a presença de outros que sejam capazes de avaliar as performances (Roberts, 2001). As crianças menos maduras provavelmente concebem percepções de habilidade inapropriadas quando a demonstração de grande habilidade está restrita àquelas crianças que são correntemente os atletas de topo (Treasure, 2001).

Por outro lado, ambientes que colocam ênfase no processo de aprendizagem, participação, mestria individual e/ou resolução de problemas existe um maior envolvimento para a tarefa (Nicholls, 1989). Este tipo de envolvimento foca no esforço e no interesse intrínseco. Quando o envolvimento é orientado para o ego o foco centra-se na demonstração de habilidade, o indivíduo centra a sua preocupação na adequação da sua competência com o envolvimento para o ego (Duda, 1992).

Sendo assim, não nos devemos esquecer que as orientações têm alguma influência nos tipos de objectivos que são mais atractivos e de uma forma mais crítica, na forma como cada tipo de objectivo é processado (Duda, 2001). Logo, refere a autora que um maior ênfase no processo e objectivos de performances individuais direccionam os jovens rumo a uma orientação para a tarefa, apesar do processo de comparação social ser inerente aos resultados no contexto desportivo, possibilitando resultados de vertente competitiva na construção de uma orientação para o ego (Nicholls, 1989).

Desde que estes indivíduos tenham uma elevada percepção de habilidade, eles escolhem tarefas desafiantes e desenvolvem elevados níveis de esforço para concretizar um objectivo, demonstrando os mesmos padrões de comportamento que os jovens orientados para a tarefa, independentemente das definições de sucesso baseadas na demonstração de habilidade superior. Contudo, jovens com dúvidas quanto à habilidade estão em risco para comportamentos pouco concretizadores e escolha inapropriada da tarefa

(Nicholls, 1984a, 1989). Estes jovens muito orientados para o ego, naturalmente, apresentam elevados níveis de ansiedade e outros afectos negativos em relação a actividades em que esperam baixas performances (Weiss & Ferrer-Caja, 2002). São muitos os estudos que falam dos efeitos deletérios na adopção da orientação para o ego no desporto e /ou necessidade de se criar um clima motivacional orientado para a mestria no desporto (Treasure & Roberts, 1995; Biddle, 2001; Duda, 2001;). Sabemos que é possível criar um clima orientado para a mestria e que as crianças desenvolvem e atingem sucesso nesse contexto.

Refere Roberts (2001) o assumo de que quando um indivíduo está predisposto para se envolver orientado para a tarefa ou para o ego exhibe comportamentos associados a essas orientações. Aliás, os objectivos disposicionais são considerados esquemas cognitivos sujeitos a mudança assim que cada um processa informação relativo à performance de uma tarefa em particular. Usando a concepção não diferenciada de habilidade (concepção de realização de objectivos orientados para a tarefa) para avaliar a competência demonstrada desenvolve-se a resiliência da competência percebida.

Diz o mesmo autor que a orientação para a tarefa desenvolve a percepção de competência e sucesso para indivíduos que são simultaneamente elevados e baixos em competência percebida e encoraja o esforço, ao passo que a orientação para o ego pode diminuir a percepção de sucesso, percepção de competência e esforço, especialmente nos indivíduos que se sentem inseguros da sua habilidade.

Um estudo sobre o impacto da orientação para a tarefa na motivação intrínseca e orientação para a realização de objectivos foi desenvolvido por Elliot, Harackiewicz (1994) sobre o jogo de *pinball*. A análise de regressão revelou que o efeito da performance ou objectivos focados na mestria e na motivação intrínseca variava segundo a realização dos objectivos.

Especificamente, a provisão de standards de orientação para a tarefa com um foco na performance aumentou a motivação intrínseca para indivíduos orientados para a realização de objectivos, enquanto que a realização de tais objectivos mostrou-se deletéria para a motivação intrínseca para aqueles com baixa orientação para os objectivos. Os indivíduos baixos na orientação para a realização de objectivos dispunham de altos níveis de motivação intrínseca quando providenciados objectivos focados na mestria. Um padrão semelhante de feitos foi obtido no processo de competência e envolvimento na tarefa, ambos dos quais foram adicionalmente validados como mediadores dos efeitos directos na motivação intrínseca.

No seguimento, os resultados do estudo de Lochbaum e Roberts (1993) realizado em 182 rapazes e 114 raparigas atletas de secundário e da análise canónica resultaram que os atletas com uma orientação para a tarefa focaram em estratégias adaptativas de realização ao passo que os atletas com orientação para o ego focaram em estratégias potencialmente mal adaptadas de realização.

Uma das razões pela qual a teoria se aplica de forma extraordinária ao contexto desportivo reside no facto de no desporto a busca de realização de objectivos ser mandatária. Não só os objectivos são objectivos de realização num contexto específico a maior parte do tempo como o sucesso e o fracasso e competência pessoal tendem a ser pouco ambíguas para todos os participantes, jogadores e espectadores. Neste sentido, os objectivos de realização no desporto têm vindo a ser definidos apenas de acordo com a definição de competência (mestria/ tarefa, performance/ego). A teoria emergente e pesquisa associada indicam que a utilidade do construto da realização de objectivos pode ser desenvolvida quando a valência (aproximação ou fuga) dos objectivos é também tida em consideração em conjunção com a definição de competência (Conroy, Elliot & Hofer, 2003).

Roberts em 2001 refere ainda que comportamentos para a realização de objectivos orientados para a tarefa são comportamentos em que os jovens

trabalham mais duro, persistem por mais tempo, concentram-se mais, prestam maior atenção, realizam melhor, escolhem praticar por mais tempo e /ou juntam-se ou desistem de actividades físicas. Logo, as diferenças individuais na orientação para os objectivos estão associadas a diferentes processos motivacionais e diferentes comportamentos de realização de objectivos.

O corpo teórico que propõe os objectivos como determinantes centrais nos padrões da realização de objectivos foi trabalhado por Elliott e Dweck (1988). Os objectivos de aprendizagem, no qual os indivíduos procuram aumentar a sua competência, foram preditores na promoção da busca de desafios e orientação para a mestria, como resposta a fracassos e independentemente da habilidade percebida. Os objectivos de performance, onde os indivíduos procuram julgamentos favoráveis da sua competência ou evitam julgamentos negativos, foram preditores na produção desafio-fuga, incapacidade quando a habilidade percebida é baixa e na promoção de certas formas de risco-fuga mesmo quando a habilidade percebida é alta. A manipulação do valor relativo dos objectivos (aprendizagem vs performance) e habilidade percebida (alta vs baixa) resultaram em diferenças previstas nas medidas de escolha da tarefa, performance durante dificuldades e verbalizações espontâneas durante a dificuldade. Particularmente, a greve foi a forma onde os objectivos de performance-baixa habilidade percebida produziram o mesmo padrão de estratégia de deterioração, atribuição de fracasso e sentimento negativo encontrado na incapacidade das aprendizagens.

Um estudo de Smith e Lee (1992) relaciona o efeito facilitador do estabelecimento de objectivos na performance física, através de três mecanismos: o tempo de treino, promoção de estratégias efectivas de treino e o aumento do compromisso resultante dos objectivos públicos estabelecidos. Foram analisados 51 estudantes que realizaram uma tarefa em três condições predeterminadas: estabelecimento de objectivos públicos, estabelecimento de objectivos privados e sem estabelecimento de objectivos. Os indivíduos

inseridos nos objectivos públicos demoraram mais tempo em prática sem contudo se reflectir na performance.

Uma outra investigação procurou saber se metas irrealistas produzem decréscimos significativos na motivação e na performance. Realizaram-se duas provas, uma usou uma tarefa de endurance e uma tarefa de lançamentos de basquetebol em estudantes do colégio. Do questionário resultou que os sujeitos aceitaram os seus objectivos e tentaram arduamente para os alcançar, apesar dos indivíduos colocados em condições de objectivos surrealistas perceberem os seus objectivos como mais difíceis, este facto não produziu decréscimos na sua motivação (Weinberg, Fowler, Jackson, Bagnall, Bruya, 1991).

A relação entre as orientações para os objectivos e as preferências pelas fontes de competência foram estudadas por Williams (1994). O autor dispôs de 152 atletas de secundário que preencheram o TEOSQ e o questionário Escala de Informação sobre a Competência no Desporto (SCIS). Foram identificadas sete fontes de informação e a correlação canónica revelou uma tendência geral onde a orientação para a tarefa estava associada com fontes de auto-referência e a orientação para o ego estava mais associada a fontes normo-referenciadas.

As orientações disposicionais para a realização de objectivos e percepções do clima são duas dimensões independentes de motivação que interagem para afectar o comportamento (Nicholls, 1989), sendo que as dimensões de orientação para a tarefa e para o ego têm demonstrado repetidamente serem independentes no contexto desportivo (Chi & Duda, 1995; Roberts, Treasure, & Kavussanu, 1996; Duda & Whitehead, 1998).

Harwood, Hardy e Swain (2000) revisitaram criticamente os conceitos e medidas da realização de objectivos no desporto. Referem os autores certas inconsistências da teoria de Nicholls (1984) na sua aplicabilidade ao desporto. Propõem que a diferenciação entre habilidade e esforço não compromete a

activação das perspectivas de activação para o ego e para a tarefa numa performance desportiva contextualizada e também que as definições de envolvimento para a tarefa e para o ego na classe de aula podem não generalizar-se ao desporto. Aliás referem que os dois construtos de concepção de habilidade não podem ocorrer ao mesmo tempo.

Oferecem uma aproximação conceptual e alternativa incorporando três perspectivas de objectivos e uma solução teórica e prática. Os autores reportam-se ao envolvimento por objectivos no contexto da performance desportiva enfatizando o valor da procura de referências normativas e auto-referenciadas nas concepções das situações de realização de objectivos em diferentes alturas. Procuram, no fundo, avançar no entendimento tanto dos objectivos de realização como as performances individuais no domínio do desporto competitivo.

Neste seguimento, os indivíduos possuem uma “teoria pessoal” sobre o que significa a realização de objectivos para eles para uma determinada situação ou tarefa. As características da situação e da tarefa interagem para produzir impacto sobre o estado do objectivo que o indivíduo adopta. O comportamento de realização é “o comportamento no qual o objectivo é desenvolver ou demonstrar para si próprio ou para os outros elevada habilidade ou evitar a demonstração de baixa habilidade”. A concepção diferenciada de habilidade releva a preocupação de um indivíduo ser mais capaz do que os outros e a quantidade de esforço aplicado poder ter impacto na performance. A habilidade é construída de duas formas: Primeiro, a habilidade pode julgar uma performance passada ou conhecimento como elevada ou baixa. Neste contexto, ganhos em mestria significam competência. Segundo, para demonstrar elevada capacidade, o atleta deve alcançar mais com esforço igual ou usar menos esforço do que outros para uma performance igual.

Kyllo e Landers (1995) referem oportunamente que o estabelecimento de objectivos, tem desenvolvido, de forma permanente, a pesquisa da indústria

psicológica. Este efeito benéfico não tem sido demonstrado no domínio do desporto. A controvérsia está instalada. Das meta análises até agora realizadas resulta que os objectivos absolutos e moderados combinados com objectivos a longo e curto termo associam-se aos melhores efeitos.

2.2.1. Concepção de habilidade

O centro de acção da teoria de realização de objectivos é assumido como sendo a demonstração de competência, assim sendo, a variável central torna-se a concepção de habilidade (Nicholls, 1992; Roberts, 2001).

Como amplamente referido Nicholls (1984b, 1989) argumentou a existência de duas concepções de habilidade que aparecem no contexto de realização de objectivos: concepção de habilidade não diferenciada (onde o indivíduo não diferencia o esforço da habilidade) e a concepção de habilidade diferenciada (onde a habilidade e o esforço estão diferenciados). A concepção de habilidade não diferenciada é tida como uma orientação para a tarefa e a concepção de habilidade diferenciada constitui a orientação para o ego, ou seja, a habilidade é uma traço estável, não afectado pelo esforço (Dweck, 2002). Uma das assunções da teoria para a realização de objectivos reside no facto dos objectivos serem ortogonais, isto é, um jovem atleta pode ser alto ou baixo em qualquer uma delas ou em ambas ao mesmo tempo. Apesar disso, a concepção de habilidade da teoria de Nicholls não pode ser averiguada pela medida disposicional para a realização de objectivos como no TEOSQ (Duda, 2001).

A este propósito, Duda em 1992, refere que como a ênfase está na mestria de uma tarefa e percepções de competência são auto-referenciadas é assumido que o envolvimento para a tarefa aumenta o desenvolvimento da habilidade percebida. Nicholls (2001) refere que a diferenciação dos conceitos de habilidade e esforço e que culmina com a obtenção da concepção de habilidade como uma capacidade ocorre por volta dos 12 anos. Apesar

desta concepção conduzir a pouco esforço, não é generalizável de que esta atitude seja para proteger o sentido de competência de cada um na tarefa, apesar de não conseguirem esconder que apresentam valores baixos num *skill* em particular.

Neste sentido, Williams e Gill (1995) verificaram que no seu estudo em 174 alunos e através da análise de regressão, a orientação para a tarefa era um bom preditor do esforço, contudo, a interacção entre a orientação para o ego e a competência percebida falharam para adequadamente predizerem o esforço. A orientação para a tarefa e não a orientação para o ego influenciam directamente a competência percebida, interesse intrínseco e esforço. Ainda, o interesse intrínseco joga um papel mediador entre a percepção de competência e o esforço e entre a orientação para a tarefa e o esforço.

A teoria para a realização de objectivos afecta a crença do jovem atleta sobre como ter sucesso na actividade. Doravante, de acordo com as suas convicções pessoais dos objectivos a perseguir, as pessoas diferem nas suas concepções de habilidade e critério de sucesso e nas formas como usam essas concepções (Roberts, 2001). Aliás, as concepções de habilidade das crianças jogam um papel pivot na motivação para a realização de objectivos. Durante o 3º ciclo e o secundário ocorrem mudanças críticas nestas concepções e a sua influência na motivação. É durante este tempo que as crianças entendem plenamente a ideia de habilidade como um traço potencialmente estável no eu (Nicholls, 1992), raciocinam fluentemente sobre as relações entre a habilidade intelectual, o esforço e performance e, provavelmente o ponto mais importante, mostram uma relação coerente entre as suas crenças para a realização de objectivos e entre as suas crenças na habilidade e a sua motivação (Dweck, 2002). Sendo que a habilidade percebida joga um importante papel na moderação motivacional em jovens muito orientados para a tarefa (Harwood & Hardy, 2001).

Da mesma forma deve ser feita uma distinção entre concepções diferentes nas orientações de alcance de objectivos incluindo o objectivo de desenvolver habilidade (orientação tarefa), o objectivo para demonstrar habilidade (orientação para o objectivo de alcance das habilidades) e o objectivo para evitar a falta de habilidade (orientação para o objectivo de evitar a habilidade) (Midgley, Kaplan, Middleton, Maehr, Urdan, Anderman, Anderman, Roeser, 1998).

Harwood, Hardy, Swain (2000) realizaram um estudo com o objectivo de integrar factores situacionais e disposicionais de forma a examinar a sua habilidade integrativa na predição de objectivos pré-competitivos de envolvimento para a tarefa e para o ego numa amostra de jogadores juniores de ténis, do campeonato nacional. A análise factorial do questionário de orientação para a tarefa e para o ego revelou três factores situacionais que acumularam 64,7% da variância em contexto de jogo: percepção de habilidade social/ pessoal; objectivos preferenciais percebidos dos outros significativos e o valor do jogo. A regressão hierárquica moderada revelou efeitos significativos dos factores situacionais e disposicionais em diferentes tipos de objectivos. Especificamente, a percepção dos outros significativos, o valor de uma partida e a percepção de habilidade foram os maiores preditores de envolvimento da tarefa. A intensidade pré-jogo de envolvimento do ego foi prevista pela orientação para o ego combinado com percepções dos outros significativos e valor do jogo, apesar de ter falhado na predição do envolvimento na tarefa num ambiente muito orientado para o ego. Estes resultados reforçam a necessidade de pesquisadores considerarem a importância de variáveis disposicionais e situacionais quando prevêm a realização de objectivos em contextos desportivos.

Na generalidade, Duda (2001) refere que as pesquisas suportam a adopção de uma perspectiva interaccionista no estudo de potenciais consequências das percepções situacionais ou disposicionais no contexto dos objectivos de realização, o que corrobora a ideia avançada por Nicholls (1984a,

1989) de que são relevantes as variáveis contextuais e pessoais na predição do envolvimento pela tarefa ou pelo ego em actividades de realização.

Um estudo paralelo reflecte sobre a relação da participação desportiva com a competência percebida e foi primeiramente estudada por Roberts, Kleiber, Duda (1981). A percepção de competência é considerada como importante na determinação da realização da motivação e comportamento. Através da Escala de Competência Percebida de Harter, 143 estudantes foram entrevistados para determinar o seu envolvimento em desporto organizado, em relação à percepção de competência relativa dos seus colegas, atribuições gerais sobre os resultados do desporto e a persistência e expectativas do sucesso desportivo. Os resultados revelaram que os participantes em organizações desportivas pontuavam mais alto na competência percebida, eram mais persistentes e possuíam mais expectativas sobre o sucesso futuro. As atribuições causais das crianças participantes eram orientadas pela habilidade e geralmente suportaram a competência percebida. Os resultados eram consistentes com a afirmação de que a competência percebida em *skills* físicos tem uma importante influência na participação e motivação da criança em contexto desportivo.

De igual forma, o entendimento do papel da percepção de competência na motivação, no desporto e na actividade física é uma importante busca. A grande diferença entre os indivíduos com orientação para o ego e para a tarefa é a forma como definem e julgam a competência. Uma orientação para a tarefa deve desenvolver percepção de habilidade quando a linha de acção consiste na mestria de uma tarefa e percepções de habilidade auto-referenciadas. Uma orientação para o ego pode aumentar ou diminuir a percepção de habilidade do jovem (Nicholls, 1989; Roberts, 1992).

A disposição para a orientação de realização de objectivos e respectivos perfis observados na literatura são observados numa amostra de jovens atletas? As situações de realização de objectivos são aquelas em que a principal preocupação reside na adequação das percepções de habilidade dos

seus participantes às demandas da tarefa. A concepção de habilidade é central para um indivíduo. A habilidade é demonstrada quando o jovem consegue dominar uma técnica para a qual tem vindo a trabalhar durante algum tempo (habilidade auto-referenciada), enquanto que para outro pode representar realizar uma performance superior a outro atleta (habilidade normo-referenciada), onde o sucesso é avaliado em relação aos outros (Weiss & Ferrer-Caja, 2002).

Segundo, a motivação para a realização de objectivos é um construto multidimensional, no qual um número saliente de diferenças individuais e factores ambientais e sociais influenciam a percepção de habilidade, explicações para o sucesso e fracasso e comportamentos motivacionais. Terceiro, os objectivos são determinantes centrais do comportamento motivacional, com indivíduos a definir sucesso e fracasso em relação ao quão bem estes objectivos são alcançados (Weiss & Ferrer-Caja, 2002).

Em suma, os mesmos autores referem que os objectivos que o jovem adopta para alcançar determinados objectivos influenciarão as respostas afectivas e cognitivas, as experiências de sucesso e fracasso. Estes não são acontecimentos concretos, são estados psicológicos na consequência de se conseguir ou não alcançar certos objectivos. Se existem diferenças culturais nas qualidades pessoais, o sucesso e o fracasso vai variar de cultura em cultura (Maehr & Nicholls, 1980).

Porque as tarefas difíceis requerem mais esforço para uma correcta mestria, as crianças jovens tendem a ver maior habilidade associada com maior esforço dispendido. Equacionando habilidade com esforço ou uma relação positiva entre os dois, chama-se como referimos anteriormente, concepção de habilidade não diferenciada, sugerindo que o esforço é a principal informação sobre a habilidade e os indivíduos analisam as situações de acordo com uma orientação para a tarefa ou de forma auto-referenciada (Weiss & Ferrer-Caja, 2002). Como vimos também, já numa concepção

diferenciada, esforço e habilidade estão inversamente relacionadas, o que quer dizer que a habilidade de um indivíduo limita o impacto que o esforço adicional tem no aumento da probabilidade do sucesso da tarefa.

Dunn, Dunn e Syrotuik (2002) realizaram um estudo sobre a relação entre a orientação para o perfeccionismo e a orientação para os objectivos. Foram utilizados 184 jovens atletas jogadores de futebol. O estudo revelou quatro dimensões de perfeccionismo relacionado ao desporto: pressão parental percebida, standards pessoais, preocupação com os erros e pressão percebida do treinador. Da correlação canónica resultou que a orientação para a tarefa correlaciona-se positivamente com um perfil adaptativo de perfeccionismo. De igual forma, a orientação para o ego associou-se positivamente com um perfil mal adaptado de perfeccionismo.

2.3. Crenças sobre as causas do sucesso

Congruente com antigos estudo em atletas mais velhos (Duda, 1989; Duda & Nicholls, 1992; Duda & White, 1992) e na própria classe de aula (Duda, & Nicholls, 1992; Nicholls, 1989) o estudo de Hom, Duda, Miller (1993), revelou uma relação consistente entre as orientações para os objectivos e perspectivas sobre as causas de sucesso. Os jovens atletas com valores elevados na orientação para a tarefa e ego tendem a perceber-se como mais capazes e demonstram maior satisfação e divertimento. Em suma, este trabalho com 55 jovens atletas que frequentaram um campo de férias de basquetebol indicou que as diferenças individuais em orientações para a realização de objectivos entre jovens atletas relacionaram-se com as crenças sobre os antecedentes no desporto, sentido de competência e respostas afectivas à experiência desportiva.

Newton e Duda em 1993 examinaram a percepção das causas de sucesso entre tenistas adolescentes de elite e investigaram a interdependência entre a orientação para os objectivos em função do género e as crenças em

relação à realização de objectivos no ténis. 121 atletas preencheram o TEOSQ e um questionário sobre as crenças de sucesso neste desporto. Os resultados revelaram a existência de duas dimensões coerentes sobre crenças e objectivos pessoais entre as raparigas. A primeira, compreendia que a orientação para o ego e as crenças de que as habilidades e a capacidade de manter uma impressão positiva eram as primeiras causas de sucesso. A segunda consistia na orientação para a tarefa conjuntamente com a crença de que o esforço e menos ênfase nos factores externos e tácticas ilícitas levariam à realização de objectivos no ténis. No caso dos rapazes surgiu uma dimensão sobre a crença baseada na orientação para o ego. Mas quais as implicações ao assumir estas diferentes crenças sobre os objectivos no desporto?

A orientação para a tarefa tem sido ligada à crença de que o esforço e cooperação com outros são causas de sucesso e a orientação para o ego tem sido ligada com a ideia de que a habilidade e tentar superar o adversário e mesmo formas de estar no desporto ilegais são precursoras de sucesso. Nicholls em 1992 refere que as crenças sobre a forma como o sucesso ocorre são mais facilmente modificadas do que os objectivos de sucesso pessoais, são crenças sobre a realidade social. Se a realidade muda, uma mudança nas crenças sobre a causa de sucesso é natural.

Duda, Chi, Newton, Walling e Catley (1995) realizaram um estudo sobre as interdependências teóricas e empíricas entre a perspectiva para a realização de objectivos, ou formas de julgar a competência do jovem e a definição subjectiva de sucesso e motivação intrínseca no contexto desportivo. Relacionando a teoria de Nicholls (1989) e a teoria de Deci e Ryan (1985) confirmaram as predições teóricas onde uma orientação para o ego diminui a motivação intrínseca ao passo que uma perspectiva de envolvimento orientada para a tarefa desenvolve a motivação intrínseca e confirmaram a validade do TEOSQ.

Roberts e Ommundsen (1996), na sua pesquisa em atletas adultos de alto nível demonstraram uma associação entre uma orientação para a tarefa e a crença de que o esforço árduo e cooperação levam ao sucesso no desporto. No geral, a orientação para o ego tem sido associada com a noção de que o sucesso é alcançado através da posse de grande habilidade, bem como o uso de estratégias ilegais como enganar e tentar impressionar o treinador (Roberts, Treasure, & Kavussanu, 1996).

Também um estudo de Duda e White (1992) determina a relação entre a orientação para os objectivos e as crenças sobre a causa de sucesso entre atletas de elite, bem como o exame das características psicométricas do TEOSQ no desporto competitivo de alto nível. A experiência com 143 esquiadores revelou uma análise factorial com duas subescalas independentes e demonstrou uma consistência interna aceitável. A orientação para a tarefa relacionou-se positivamente com a crença de que o sucesso no esqui era resultado de trabalho árduo, habilidade superior e a selecção de actividades que um consegue realizar com sucesso. A orientação para o ego, por sua vez, relacionou-se com a crença que conseguir uma vantagem ilícita, possuir grande habilidade e seleccionar tarefas que um consegue concretizar bem como as variáveis externas são razões para o sucesso no esqui. A análise factorial das duas orientações e quatro escalas de crenças revelou dois objectivos divergentes e dimensões de crença no esqui competitivo.

Segundo Roberts (2001), a crença de que a habilidade é um antecedente do sucesso pode ser prejudicial para os atletas e alunos de EF de todos os níveis. Os indivíduos com baixa percepção de habilidade geralmente acabam em frustração, baixo nível de confiança e até desistência do desporto. Ver a habilidade como precursor do sucesso é importante para aqueles jovens que aspiram participar ao mais alto nível de competição, contudo não predispõe a comportamentos adaptativos de realização de objectivos na actividade física. A crença de que a habilidade conduz ao sucesso não auxilia os jovens que não se vêm talentosos.

Por outro lado, o autor acredita que o sucesso na actividade física se torna possível através do trabalho árduo e cooperação pode conduzir os atletas jovens, mesmo os menos dotados, a experimentar o sucesso sendo crucial para jovens talentos. Para os indivíduos com grande percepção de habilidade, confiança na crença que a habilidade causa o sucesso pode conduzir a complacência. Isto é verdade para as crianças, onde os níveis de maturação muitas vezes predizem o sucesso. A crença de que a habilidade pode levar ao sucesso pode conduzir a um atraso no desenvolvimento uma vez que a criança que deposita na habilidade o sucesso pode não conseguir colocar o esforço necessário para desenvolver a habilidade.

Em relação às estratégias para a realização de objectivos, Nicholls (1989) em pesquisas realizadas em contextos educativos e desportivos sugere que as teorias pessoais de realização compreendem diferentes crenças sobre o que conduz ao sucesso. Tais crenças estão reflectidas nas estratégias de realização de objectivos empregadas na competição como no treino. As estratégias dos processos cognitivos da orientação para a tarefa são mais profundas do que na orientação para o ego quando confrontados com feedback competente ou incompetente. Os indivíduos com orientação para o ego podem adoptar uma filosofia de “ganhar a todo o custo”, acompanhada de demonstração de agressão uma vez que os participantes acreditam que os meios ilegais e o engano são causas de sucesso (Roberts, 2001).

Roberts e Ommundsen (1996) referem que os atletas orientados para a tarefa enfatizam o valor do treino para a aprendizagem de novos *skills* e desenvolvimento. Claramente esta orientação para os objectivos tem implicações motivacionais positivas no desporto. Em contraste, atletas com orientação para o ego evitam o treino como uma estratégia de realização. Preferem competir na medida que lhes permite demonstrar superioridade sobre os outros.

Na mesma linha de pensamento, Van-Yperen e Duda (1999) através de um estudo longitudinal procuraram estudar a relação entre a orientação para os objectivos e a crença das causas para o sucesso no caso de jogadores de futebol de elite holandeses. Procuraram igualmente verificar a relação entre os objectivos e crenças na avaliação da performance. Utilizando o questionário TEOSQ, verificaram uma associação positiva entre a orientação para o ego e a crença de que a habilidade ou talento inato são determinantes do sucesso. A orientação para a tarefa está ligada com as crenças de que o esforço, jogo de equipa e suporte parental contribuem para a realização de objectivos no futebol. Um aumento de performance técnica ao longo da época (como reforçada pelo treinador) correspondeu a uma forte orientação para a tarefa e a crença de que o sucesso no futebol resulta do trabalho árduo e possuindo pais interessados na carreira do filho.

Isto quer dizer que as orientações para os objectivos que os indivíduos adoptam relacionam-se com a forma como interpretam e respondem a uma actividade em relação à estratégia que usam para aumentar a performance e para a selecção de informação de acordo com a qualidade da sua performance (Duda, 2001). Assim, uma forte orientação para o ego pode favorecer o desenvolvimento dos skills técnicos.

Um outro estudo de Smith, Balaguer e Duda (2006) incidiu no entendimento das relações sociais e processos motivacionais no desporto jovem. Foi realizado com 223 jovens jogadores de futebol do género masculino com idades entre 9 e 12 anos de idade que preencheram um questionário multi-seções. Foram observados quatro perfis e constatou-se que uma baixa proporção de participantes exibiram perfis de orientação de objectivos para o ego e as diferenças nos perfis de orientação para a realização de objectivos foram observadas em todas as variáveis excepto na qualidade de amizade positiva, com uma tendência para aqueles que evidenciam baixa orientação para a tarefa exibirem respostas pouco adaptativas.

Os estudos, na sua generalidade, demonstram associações positivas entre o clima de mestria percebido, orientação para a tarefa e a crença de que o esforço é a causa para o sucesso e entre o clima de performance percebido, orientação para o ego e a crença de que a habilidade causa o sucesso. Os estudos demonstram igualmente que um clima de mestria está associado a um afecto positivo mais elevado (divertimento, satisfação e interesse) e a um afecto negativo mais baixo (ansiedade e monotonia).

2.4. Estados de envolvimento

Se pretendemos aprender sobre as diferenças individuais em relação à orientação para a tarefa e para o ego no envolvimento no desporto, devemos estabelecer medidas de orientação disposicionais para a realização de objectivos nesse contexto (Duda, 2001). A autora, a propósito dos atletas de alto nível refere que o caminho para a excelência baseia-se na maximização do seu treino árduo e a persistência para além dos contratempos durante as suas carreiras desportivas. Estes jovens atletas devem ser capazes de exercer e manter elevados níveis de esforço, ser persistentes, mesmo quando encaram os fracassos. Devem ser fortemente orientados para a tarefa e/ou devem participar num envolvimento altamente orientado para a tarefa, sendo que o envolvimento para o ego deve ser moderado.

Contudo, o ambiente que envolve o desporto alimenta a orientação para o ego devido a diversas influências sociais que mais tarde serão explicadas. Assim, Duda (2001) alerta para a necessidade de se olhar para além do correlato das orientações para a tarefa e para o ego quando se trata de tirar conclusões sobre a influência das perspectivas segundo os objectivos.

Neste ponto convém explicitar o que são os estados de envolvimento. A orientação para a realização de objectivos é preditiva da razão para a participação no desporto e em actividades físicas (Duda, 1996). White e Duda (1994) chegaram à conclusão que a orientação para a tarefa correspondia a

motivações mais intrínsecas de envolvimento (desenvolvimento de *skills*, aumento do nível de *fitness*). A orientação para o ego relacionou-se com motivos extrínsecos de participação (reconhecimento social e aumento do estatuto social de cada um).

Um jovem desportista apresenta uma determinada orientação para a realização dos objectivos dependendo da orientação disposicional bem como dos factores situacionais relevantes. Ora bem, um indivíduo orientado para a tarefa assume-se que se envolve de igual forma, usa uma concepção de habilidade indiferenciada, logo a percepção de habilidade não é relevante; escolhe ser orientado para a tarefa na demonstração de competência na tarefa a realizar. O indivíduo avalia a performance individual na determinação da quantidade de esforço dispendido e mestria alcançada, a demonstração de habilidade é auto referenciada e o sucesso advém quando a mestria ou evolução individual é demonstrada. Além do mais tendem a demonstrar responsabilidade social e *skills* para a vida futura (Treasure, 2001).

Em contraste, um indivíduo orientado para o ego assume-se como envolvido desta forma na actividade e utiliza uma concepção de habilidade diferenciada (Nicholls, 1984), logo, a percepção de habilidade (normativa) é relevante para determinar competência; é referenciado pelos outros e o sucesso é alcançado quando supera os adversários, especialmente quando é aplicado pouco esforço (Roberts, 2001). Pode resultar em comportamentos adaptativos porque disfarçam uma falta de habilidade mas representam comportamentos não adaptados (dúvida sobre a competência) na busca pelos objectivos, os indivíduos fogem ao desafio, apresentam uma reduzida persistência face à dificuldade, não se esforçam, e desistem se se torna difícil alcançar os objectivos planeados (Roberts, 2001; Duda, 2001).

Noutro estudo levado a cabo por Duda (1985), o autor equacionou a definição de sucesso e fracasso relacionada com as características pessoais, comportamentos e resultados e reflecte uma ênfase tanto no esforço como na

habilidade. Existem duas grandes orientações para a realização de objectivos: objectivos segundo critérios de mestria e objectivos com uma carga de comparação social. Os resultados revelaram diferenças sexuais e culturais em relação aos objectivos atléticos. Homens anglo definiam o sucesso no desporto em termos de habilidade enquanto mulheres anglo e atletas mexicano americanas tendiam a equacionar o sucesso atlético na demonstração de esforço. O reverso é verdadeiro para o fracasso no desporto: homens anglo enfatizam baixo esforço enquanto os outros grupos dão destaque à baixa habilidade. Variações preferidas nas orientações para a realização de objectivos foram reveladas. Por exemplo, num envolvimento de atletismo, as mulheres apresentaram menos preferência para o sucesso no desporto o que reflectiu no indivíduo e na comparação e envolvimento social. Os homens indicaram menor preferência por uma orientação individual, fracasso atlético baseado na comparação social.

Duda em 1989 estudou a relação entre a perspectiva para a realização de objectivos (orientação para a tarefa ou para o ego) e o propósito percebido do desporto entre rapazes e raparigas do secundário. O autor encontrou sete factores de participação desportiva. Os resultados do Questionário do Propósito Desportivo (PSQ) indicaram que a importância colocada na mestria dos *skills* e o desenvolvimento pessoal no desporto (orientação para a tarefa) está relacionado positivamente com as crenças de que o desporto deve desenvolver a auto-estima e ensinar as pessoas a procurar dar o seu melhor (Duda & Whitehead, 1998), cooperar e tornarem-se bons cidadãos. A orientação para o ego foi um preditor positivo da visão de que o envolvimento no desporto deve aprimorar a auto-estima e o status social, estando contudo, negativamente relacionado com o contínuo envolvimento no desporto (Duda, 1992).

Um estudo de 2007 de Bruin, Rikers e Schmidt analisou a diferença entre a persistência e a desistência em jogadores de xadrez adolescentes. A competitividade e a procura de excelência provaram ser preditoras de

investimentos na prática deliberativa. A motivação para a realização de objectivos e a motivação específica do xadrez difere, em certa extensão, entre os persistentes e desistentes. Os resultados demonstram que a motivação para prosseguir uma prática deliberada não só contém a vontade de melhorar a performance, como também da vontade de conseguir excepcionais níveis de performance.

Quais os motivos para a participação e percepções de comportamento? Duda e White (1994) indicam num estudo por si elaborado em participantes desportivos recreacionais e de colégio, os motivos para a participação. A orientação para a tarefa estava associada aos motivos mais intrínsecos de envolvimento como desenvolvimento de *skills* e aumento do nível de fitness de cada um. A orientação para o ego estava ligada a motivos extrínsecos de participação como reconhecimento social e aumento do status social, estes atletas estavam menos propensos a citar a afiliação e pertença a uma equipa como razões para a participação desportiva.

Van-Yperen e Duda (1999) a este respeito, referem que a orientação para a tarefa está associada às crenças de que o esforço, jogo de equipa e suporte parental são importantes para o sucesso no desporto, mas também que a orientação para a tarefa levar os jovens a desenvolver a sua performance.

2.5 Determinantes afectivas na orientação para a realização de objectivos

Existe uma interdependência entre a orientação para os objectivos individuais e o divertimento que ele ou ela experimentam quando participam na actividade física. Este trabalho também enfatiza a importância da orientação para a tarefa na permanência em actividades físicas.

De facto parece existir uma relação entre as orientações para a realização de objectivos, percepção de competência no desporto, percepção de sucesso, e como as atribuições dos resultados percebidos afectam a sensação induzida pelo exercício seguido do exercício físico. 304 crianças responderam a um inventário, sendo que a orientação para a tarefa, sucesso percebido e orientação para o ego combinado com elevadas percepções de competência desportiva, constituíram preditores positivos de estados de participação positivos, revitalização e tranquilidade; apenas a orientação para a tarefa constituiu um preditor negativo para a exaustão física. A dimensão *locus* de causalidade pareceu mediar o impacto da percepção de sucesso na participação positiva, mas com um efeito negligenciável. Os resultados foram consistentes com anteriores resultados que enfatizaram a vantagem motivacional de adoptar uma orientação para a tarefa em situações de realização física e demonstraram o papel da orientação para a tarefa como determinante na afeição no exercício em crianças.

2.5.1 Divertimento e satisfação

Nicholls (1992), nos seus estudos sobre motivação académica, sugere que as equipas orientadas para a tarefa podem, mais do que outras, valorizar a entreajuda e a crença de que o sucesso segue o espírito de equipa. Estas equipas acham o jogo mais intrinsecamente satisfatório e jogam sem a pressão de uma competição e as demandas do treinador.

Existe uma ligação óbvia entre a orientação para a tarefa e divertimento (Kavussanu &, Roberts, 1996), satisfação e interesse (Duda, 2001) durante a participação na actividade física. Uma orientação para o ego, quando não acompanhada por uma elevada orientação para a tarefa afasta-se do divertimento durante a participação na actividade física e isto parece ser muito real com os indivíduos com baixa percepção de habilidade (Roberts, 2001). Esta consistência de resultados sugere interdependências entre o divertimento, motivação intrínseca e objectivos de realização. Se queremos que os atletas

apreciem mais a sua participação desportiva e exibam maior motivação intrínseca, formas auto-determinadas de motivação, precisamos de assegurar que o jovem exiba uma grande orientação para a tarefa (Duda, 1992; Duda, 2001).

Na orientação para o ego, o indivíduo vê a busca pelos objectivos como um meio para chegar a um fim, que é a demonstração de uma habilidade superior. Este esquema cognitivo é incompatível com o elemento fundamental da motivação intrínseca: participar na tarefa pelo próprio gozo.

Vários estudos, entres eles Treasure e Roberts (1994); Ommundsen e Roberts (2001), referem que os atletas com orientação para o ego ganham satisfação quando demonstram competência de uma forma normativa e agradam ao treinador e aos seus amigos, a demonstração de habilidade, uma performance superior é geradora de satisfação. Indivíduos orientados para a tarefa sentem-se satisfeitos quando têm experiências de mestria e percebem um sentido de realização durante a sua participação desportiva, a aprendizagem e mestria da tarefa são importantes fontes de satisfação.

Pesquisas feitas com jovens adolescentes revelaram uma relação conceptual coerente entre a orientação para a realização de objectivos e as suas crenças sobre o desporto competitivo. Treasure e Roberts (1994) nesta linha de pesquisa procuraram examinar as concomitantes afectivas e cognitivas da orientação para a tarefa e para o ego em diferentes idades, durante a adolescência. A orientação para a tarefa relacionou-se com as crenças de realização de objectivos adaptativos e prosociais resultantes da participação desportiva. Em contraste, a orientação para o ego relacionou-se com aspectos sociais negativos e crenças de realização de objectivos mal adaptados sobre o envolvimento no desporto. Os resultados sugerem que a orientação para a tarefa facilita adaptações cognitivas e padrões afectivos no desporto competitivo durante a adolescência.

Já Stephens (1998) realizou um estudo em jovens futebolistas onde avaliou a percepção do divertimento e valor atribuído ao facto de jogar futebol. As maiores diferenças encontraram-se entre os grupos alto em tarefa/ baixo ego e baixo em tarefa/alto ego, com o primeiro grupo a atribuir significativamente maior valor ao jogar futebol. Dividiram-se depois os grupos em relação à habilidade percebida. Esta desempenhou um papel de mediador na relação entre o perfil de orientação para os objectivos e o divertimento percebido e valor do jogar futebol.

Fry e Fry (1999) elaboraram um estudo que usava a Teoria para a Realização de Objectivos para examinar as perspectivas de objectivos e processos motivacionais de 171 atletas juniores de elite, levantadores de peso. Uma orientação alta em tarefa/baixo ego estava associado ao divertimento e alto ego/baixo em tarefa estava associado com baixo esforço, baixa auto-valor física e elevada percepção de habilidade. Os resultados providenciam evidência adicional para sugerir que os treinadores e pais devem desenvolver um envolvimento orientado para a tarefa entre os jovens atletas para que a ênfase seja colocada na mestria, esforço e desenvolvimento, ao invés da comparação normativa.

2.5.2 Ansiedade

A teoria para a realização de objectivos sugere que os atletas que adoptam uma orientação para o ego experienciam ansiedade (Nicholls, 1989), dependendo se conseguem ou não demonstrar habilidade numa determinada situação. Uma orientação para a tarefa, por outro lado, não deve conduzir ao stress à medida que o atleta foca a sua atenção de uma forma auto referenciada de mestria de uma actividade sem se comparar com outros (Roberts, 2001). Apesar de ambas as orientações para a realização de objectivos estarem relacionadas com respostas adaptativas ao nível do estado de ansiedade pré-competitiva (Hall, Kerr & Matthews, 1998; Duda, 2001).

De facto, o modelo conceptual do stress especifica a existência de relações entre factores situacionais, psicológicos, cognitivos e fisiológicos. Cada um destes componentes básicos do modelo é influenciado pela personalidade e variáveis motivacionais. Ao nível situacional, o stress envolve o equilíbrio e desequilíbrio entre as demandas situacionais e os recursos disponíveis para lidar com eles. Contudo, estes factores ambientais afectam a pessoa principalmente através da influência de processos cognitivos. Entre os processos mais importantes estão a decisão 1) das situações ambientais, 2) pessoas e recursos disponíveis, 3) as possíveis consequências do fracasso para ir de encontro às expectativas e 4) o significado percebido das consequências. A componente comportamental do modelo inclui as tendências comportamentais aprendidas, skills relevantes para a tarefa, e skills sociais (Smoll & Smith, 1990).

Os estudos têm sido unânimes em relacionar maiores níveis de tolerância à ansiedade em jovens orientados para a tarefa e com valores baixos de orientação para o ego. Por outro lado, uma grande orientação para o ego predispõe a maiores níveis de stress devido à sua preocupação com a comparação social e tendência para se focarem individualmente (Duda, 2001; Pensgaard & Roberts, 2002).

Por outro lado, Ommundsen e Pedersen (1999) relacionaram a realização de objectivos dos jovens atletas e índices de ansiedade competitiva no desporto em relação ao traço cognitivo e somático. Avaliaram também o papel da percepção de competência do atleta no desporto. Verificaram não existir relação entre orientação para o ego e índices de ansiedade, a análise de regressão múltipla demonstrou que tanto uma elevada orientação para a tarefa como uma percepção de competência no desporto revelaram uma tendência reduzida de demonstração de índices de ansiedade cognitiva quando competindo no desporto.

Em adição, os atletas que têm uma percepção de competência no desporto elevada estão menos predispostos para experienciar ansiedade somática sob a forma de níveis fisiológicos aumentados quando competindo com aqueles que duvidam da sua competência. Os resultados demonstraram também que a percepção de competência não medeia nem modera a relação entre a orientação para a realização de objectivos e níveis traço de ansiedade cognitiva e somática no desporto. Um jovem orientado para a tarefa com uma sensação de competência elevada são importantes na medida em que previnem que competições desportivas dêem lugar a uma elevação na ansiedade cognitiva nos jovens atletas.

Smith, Smoll e Cumming (2007) referem que a intervenção comportamental-cognitiva desenhada para promover um clima motivacional de orientação para a mestria estão relacionados com baixa ansiedade nos atletas. Uma análise hierárquica linear revelou que os jovens atletas no grupo de intervenção, independentemente do género mostraram estar mais envolvidos na tarefa na Escala de Clima Motivacional no Desporto Jovem quando comparado com o grupo de controlo. Os jovens que jogavam para os treinadores que estavam treinados exibiram decréscimos na Escala de Ansiedade e na pontuação de ansiedade total desde a pré-época até ao fim da mesma. O grupo de controlo evidenciou maiores níveis de ansiedade ao longo da época.

Assim, Duda (2001) refere que a orientação para o ego e o clima percebido orientado para o ego (se acompanhado com baixa percepção de habilidade) estão associadas a maiores níveis de ansiedade (especialmente ansiedade cognitiva).

Com efeito, Hall et al. (1998) investigaram, por sua vez, a ansiedade pré-competitiva através do modelo de ansiedade relacionado com a performance na relação entre o perfeccionismo, objectivos de realização e o padrão temporal de ansiedade estado multidimensional em 119 corredores do

secundário. Através da regressão hierárquica os autores verificaram que o perfeccionismo era um preditor consistente e significativo de ansiedade cognitiva. A habilidade percebida era um preditor consistente de confiança e os objectivos para a tarefa e para o ego contribuíram para a predição de ansiedade cognitiva, ansiedade somática e confiança respectivamente. A preocupação com os erros, dúvidas sobre a acção e standards pessoais foram preditores consistentes da ansiedade cognitiva, ansiedade somática e confiança respectivamente. Estes resultados sugerem que o processo de decisão subjacente ao estado de ansiedade multidimensional é influenciado pelas diferenças individuais num conjunto de construtos relacionados com a realização de objectivos.

2.6. Objectivos de fuga

Existe quem coloque a questão em saber se os indivíduos são motivados por aproximação (procuram o sucesso e demonstram que são capazes) ou orientados para a fuga (medo da possibilidade de fracasso ou em mostrar que não são competentes) (Duda, 2001).

Nicholls (1984b) define o comportamento para a realização de objectivos como o comportamento no qual o objectivo é demonstrar ou desenvolver, para si próprio ou para os outros, elevada habilidade ou evitar demonstrar baixa habilidade. Os objectivos de fuga são adoptados mais facilmente por indivíduos com baixa percepção de habilidade porque aparentar incompetente é o que querem evitar.

Refere o autor que os jovens que duvidam das suas habilidade estão mais propensos a adoptar objectivos de fuga de forma a não mostrar a habilidade percebida e os estudantes que perseguem objectivos de fuga experienciam um aumento de ansiedade, menor envolvimento na tarefa, baixas notas, baixo sucesso percebido, menos divertimento e um menor estado

subjectivo de prazer do que indivíduos que adoptam objectivos de aproximação (Roberts, 2001).

O modelo hierárquico da motivação para a realização de objectivos propõe que à semelhança da necessidade de alcançar objectivos, o medo do fracasso energiza o comportamento de realização de objectivos e predispõe os indivíduos a adoptar certos objectivos particulares. 356 estudantes participantes nas aulas de EF completaram as medidas multidimensionais de medo do fracasso e objectivos de realização em quatro ocasiões num intervalo de três semanas. O medo do fracasso relacionou-se positivamente com os objectivos de realização como fuga à mestria, aproximação à performance e fuga à performance. Os resultados são consistentes com a ideia de que influenciam causalmente os objectivos de realização (Conroy & Elliot, 2004).

A pesquisa levada a cabo por Elliot e Harackiewicz (1996) num estudo em que divide a orientação para a performance em orientações de fuga e aproximação e a sua influência na motivação intrínseca, referem a propósito, que apenas as orientações para a performance baseadas na fuga ao fracasso e processos de auto protecção contaminavam a motivação intrínseca, resultado de distração na tarefa. O envolvimento pela tarefa foi validado como mediador nos efeitos observados na motivação intrínseca onde foram observados menos comportamentos de fuga. Resultados semelhantes foram encontrados no estudo de Harackiewicz et al. (1997) na classe de aula de introdução à psicologia. Eles referem que tanto objectivos para a performance como para a mestria podem conduzir a importantes resultados em classes de aula em colégios.

A este respeito Roberts (2001) afirma que, no contexto desportivo, uma orientação de fuga não deve ser vista como uma orientação para o ego em indivíduos com baixa percepção de habilidade. Stoeber et al. (2008) procuraram argumentar que o perfeccionismo não é na generalidade mal adaptativo, mas demonstra relações diferenciadas com objectivos de

performance e mestria dependendo que faceta do perfeccionismo é tida em consideração. Foram realizados dois estudos com 204 atletas de secundário e 147 estudantes universitários em duas facetas do perfeccionismo – a busca da perfeição e reacções negativas à imperfeição. Os resultados demonstraram que a busca pela perfeição em atletas está associada a um padrão adaptativo de objectivos para a realização enquanto que reacções negativas à imperfeição estão associadas a um padrão mal adaptado. Contudo, a busca pela perfeição no desporto pode ser adaptativa em atletas que não experienciam fortes reacções negativas quando a performance é menos do que perfeita.

A análise de invariância factorial de Nien e Duda (2007) revelou que um modelo de quatro objectivos pode ser considerado como equivalente entre géneros. Apenas a invariância parcial foi suportada com respeito aos antecedentes na orientação para a realização de objectivos como modelo consequente. Os caminhos entre a regulação do medo do fracasso em relação ao objectivo mestria – fuga, ao objectivo de mestria para a motivação intrínseca e ao objectivo de performance para a motivação extrínseca não foram invariantes em homens e mulheres. A validade factorial de múltiplos objectivos para a realização dos objectivos foi suportada para ambos os géneros. Os resultados deste estudo providenciaram suporte parcial para a invariância de género num modelo 2x2.

Outro estudo, de Conroy, Kaye e Coatsworth (2006) testou um modelo de influências socio-cognitivas na motivação situacional (razões para participar num desporto num determinado momento) através de um modelo 2x2 de realização de objectivos. O estudo foi realizado a 156 participantes de uma liga de natação e revelou que a motivação intrínseca e regulação identificada não pareciam mudar durante a época, contudo a falta de motivação e a regulação externa cambiavam muito durante esse período.

Referem ainda que as percepções de um jovem de um clima orientado para evitar situações foram preditores de uma correspondente mudança

residual nos seus próprios objectivos de realização ao longo da época. Em adição, a mudança residual nos objectivos de evitar mestria (foco no evitar de incompetência auto referenciada) relacionou-se positivamente com o ritmo a que as pontuações da regulação externa e a falta de motivação mudavam.

O estudo sobre a realização de objectivos iluminou processos motivacionais básicos, apesar da controvérsia circundar a sua natureza e impacto. Os autores Grant e Dweck (2003) numa compilação de 5 estudos mostram que o impacto dos objectivos de aprendizagem e performance dependem da forma como são operacionalizados. Objectivos de aprendizagem activos foram preditores de estratégias de adaptação, motivação sustentada e maior realização face ao desafio. Entre os objectivos de performance, objectivos ligados à habilidade foram preditores de desistência e significaram performances piores face ao desafio (mas providenciaram um acelerar de performance quando os alunos estão face ao sucesso); objectivos normativos não preditores de decréscimos em motivação ou performance; objectivos de resultados (esperar um bom resultado) foram de facto igualmente relacionados com objectivos de aprendizagem e objectivos de habilidade.

A escala de orientação para os objectivos em desporto jovem (AGSYS), por exemplo, parece ser uma medida válida e de confiança da orientação para a realização de objectivos nas crianças entre 9 e 14 anos. Os autores não tiveram sucesso no desenvolvimento de escalas de orientação para os objectivos para situações de fuga que não fossem altamente correlacionadas, levantando a possibilidade que as crianças não diferenciam cognitivamente entre orientações fuga-mestria e fuga-ego (Cumming et al. 2007).

2.7. A orientação para a realização de objectivos e a identidade moral dos jovens desportistas

Nicholls (1989) sugeriu que as variações nas perspectivas para a realização de objectivos deve corresponder a diferenças do que é permissível e

o raciocínio moral dos indivíduos sobre tais comportamentos. À medida que as crianças desenvolvem as concepções normativas de habilidade e dificuldade, eles vêm a cooperar, o que tende a parecer com que todos sejam igualmente aptos, como injusta.

Assim, os atletas muito orientados para o ego e baixos na orientação para a tarefa estão mais propensos a endereçar por comportamentos de batota e demonstrar menos respeito pelos seus oponentes e regras do jogo. Estudos iniciais sugerem que os objectivos devem corresponder a variações no desportivismo. A socialização no desporto deve envolver o desenvolvimento do entendimento da justiça das regras do jogo de forma a que esta percepção varie a forma como as actividades e as situações de jogo são definidas (Nicholls, 1992).

Qual o propósito do desporto então? Roberts e Ommundsen (1996) referem que com atletas noruegueses de elite em desporto de equipa, os indivíduos orientados para a tarefa envolvem-se pelo desenvolvimento de valores prosociais como responsabilidade social, cooperação e a vontade de seguir regras bem como *skills* para toda a vida. Em contraste, os atletas orientados para o ego acreditam que o desporto deve providenciar status social.

A assumpção de que o desporto constrói carácter continua a ser perspectivada. Em 1981, Kleiber e Roberts realizaram um estudo com a intenção de considerar um construto sobre o carácter, isolar os seus elementos sociais e estabelecer a sua susceptibilidade na criança na influência da experiência do desporto organizado. Usando os comportamentos prosociais como uma manifestação de carácter social, a influência do desporto organizado foi avaliada numa experiência de campo com crianças de duas escolas elementares. Apesar de uma forma generalizada se crer que o “desporto cria carácter” não ter sido refutada ou suportada nesta investigação, existe alguma evidência, segundo os autores de que os comportamentos prosociais podem

ser inibidos pela participação desportiva. A pergunta que se coloca é a de saber como promover estes comportamentos nos jovens desportistas?

Bredemeier, Weiss, Shields e Cooper (1986) estudaram as relações entre as variáveis de envolvimento no desporto (participação e interesse) e as facetas morais da crianças (maturidade de raciocínio e tendências agressivas) em 106 jovens através de entrevistas e questionário. Os resultados do estudo revelaram que a participação e interesse em desportos de grande impacto e a participação das raparigas em desportos de contacto médio (o maior nível de contacto de experiência desportiva que elas anunciaram) relacionaram-se positivamente com o raciocínio moral inferior e maior tendência para a agressão. A análise de regressão demonstrou que o interesse desportivo previu maturidade de raciocínio e tendência de agressão melhor do que a participação desportiva.

A performance em actividade física é importante no processo de socialização da criança rumo ao desenvolvimento de comportamentos morais apropriados (Roberts, 2001). Afirma o autor que, com propriedade, apenas quando o indivíduo se dirige a níveis superiores de desenvolvimento moral é que ele consegue colocar-se na perspectiva de outros, fornecer considerações iguais às necessidades das partes envolvidas num conflito moral e preocupar-se com a justiça e rectidão. Os indivíduos envolvidos para o ego focam as suas atenções no eu e dão muita importância à comparação com os outros. É sabido que a preocupação com o sucesso normativo e comparação social pode inibir o desenvolvimento moral do atleta orientado para o ego. Em contraste, um jovem orientado para a tarefa sente-se competente quando alcança a mestria e demonstra aprendizagem da tarefa. O progresso e o desenvolvimento tornam-se compatíveis com o campo da moralidade.

Uma investigação da relação entre o clima motivacional percebido e o funcionamento moral, atmosfera moral e legitimação desportiva injuriosa actuante em jovens jogadores de futebol foi levada a cabo por Blake, Roberts e

Ommundsen (2005). Com efeito concluíram, do seu estudo com 705 jovens jogadores de futebol noruegueses, que o efeito de baixa moralidade é enfatizado num clima de grande percepção de performance criado pelo treinador no futebol jovem, enquanto que um clima de percepção de mestria foi preditor de um raciocínio moral mais maduro e uma atmosfera moral criada pelo treinador desaprovando comportamentos de baixa moralidade.

Neste seguimento, Ommundsen, Roberts, Lemyre e Miller (2003) investigaram a relação entre o clima motivacional percebido, desportivismo e funcionamento moral e social e normas de equipa numa amostra de 279 jovens jogadores de futebol noruegueses dos 12-14 anos de idade. O seu estudo concluiu que os atletas que percebem o clima motivacional como maioritariamente orientado para a mestria responderam com níveis mais maduros de raciocínio social e moral e melhores comportamentos de desportivismo. Estes jogadores apresentaram também menos tendência para comportamentos imorais e perspectivaram as normas de equipa como altamente desencorajadoras de pró-agressividade. Em contraste, os jogadores que percebem o clima motivacional como predominantemente orientado para a performance estavam mais aptos para relatar comportamentos imorais no futebol e menos propensos a comportamentos de desportivismo.

A propósito da relação entre moralidade e orientação para realização de objectivos no desporto, Sage, Kavussanu e Duda em 2006 elaboraram um estudo cujo propósito foi examinar os efeitos da orientação para a tarefa e para o ego e identidade moral em julgamentos prosociais e anti-sociais e comportamento no futebol Americano em 210 adultos masculinos a um nível recreacional e semi-profissional. Os resultados revelaram, através de uma análise de regressão, nenhuns efeitos principais das orientações para os objectivos e identidade moral no julgamento e comportamento prosocial. A orientação para a tarefa foi preditora positivamente do julgamento prosocial apenas com baixos níveis de orientação para o ego. A orientação para o ego emergiu como um preditor positivo para julgamento anti-social e

comportamento, ao passo que a identidade moral foi preditora negativamente destas variáveis. A diferenciação entre aspectos de moralidade prosociais e anti-sociais foi positiva. Os autores concluem que examinando a identidade moral e interações entre orientação para a tarefa e para o ego ficamos a conhecer melhor a influência destas variáveis no funcionamento prosocial e anti-social do desporto.

Outro estudo do género em 143 atletas observou o papel dos objectivos para a realização nos índices de funcionamento moral (julgamento moral, intenção e comportamento), atitudes anti-desportivas e julgamentos sobre a legitimidade de actos injuriosos em jogadores de basquetebol do colégio. Os rapazes confirmaram uma maior orientação para o ego, uma mais baixa orientação para a tarefa, baixos níveis de funcionamento moral e maior aprovação e comportamentos anti-desportivos e estavam mais propensos a legitimar actos injuriosos do que as mulheres. Para a amostra feminina, indicou a presença de uma significativa mas fraca relação entre as orientações para os objectivos e um conjunto de variáveis morais. Uma maior orientação para o ego foi relacionada com baixos níveis de julgamento e índices de funcionamento moral, bem como uma grande aceitação de actos injuriosos intencionais (Kavussanu & Roberts, 2001).

Por seu turno Sage e Kavussanu (2007) verificaram os efeitos da orientação para a tarefa e para o ego em três medidas de comportamento moral, em 48 rapazes e raparigas: escolha prosocial, comportamento prosocial observado e comportamento antisocial observado. Os jogadores envolvidos na orientação para o ego mostraram mais comportamentos antisociais do que os orientados para a tarefa ou em condições controlo. As mulheres apresentaram mais comportamentos prosociais do que os homens.

Um outro estudo examinou se a participação em desportos de contacto (basquetebol, futebol, rugby) influenciava o funcionamento moral no contexto desportivo e a forma como estes efeitos são mediados pela orientação para o

ego. O papel da orientação para a tarefa no funcionamento moral também foi medido. Da análise de 221 participantes resultou que a orientação para a tarefa correspondeu a altos níveis de funcionamento moral ao passo que a participação em desportos de contacto foi preditor positivamente de orientação para o ego, o que, por sua vez, revelou um baixo funcionamento moral.

As dimensões motivacionais ou morais do comportamento agressivo foram alvo de um estudo de Stephens e Bredemeier (1996). Utilizaram tanto construtos morais como motivacionais para investigar a agressão em 212 jovens futebolistas sub 12 e sub 14. Os resultados revelaram que os jogadores que se descrevem como aqueles que facilmente agredem um oponente também facilmente identificam um conjunto de colegas de equipa que iriam agredir em situações semelhantes, acreditam que o seu treinador coloca maior ênfase em objectivos orientados para o ego e escolhem situações com motivos morais preconventionais em vez das convencionais como mais tentadoras para acção agressiva. Estes resultados sugerem que o comportamento agressivo dos jovens atletas está relacionado com a atmosfera motivacional da equipa incluindo normas agressivas da equipa, as percepções dos jogadores em relação a estas normas de equipa e as características do treinador, bem como os motivos morais dos jogadores para o comportamento.

A análise das orientações para os objectivos é informativa na predição das tendências agressivas no desporto (Duda, 2001). Nesta linha de pensamento, Guivernau e Duda (2002) realizaram um estudo em que examinaram a relação da atmosfera moral em equipas com a predisposição dos atletas para a agressão. Procuraram estabelecer possíveis diferenças de género bem como a existência de uma figura dominante na influência agressiva dos atletas. Realizaram o estudo 194 jogadores de futebol masculinos e femininos entre os 13 e os 19 anos de idade. As percepções dos atletas face às normas pró agressivas da sua equipa emergiram como o preditor mais consistente da predisposição para a agressão. Independentemente do género, os atletas relataram que estavam mais predispostos a serem agressivos ao

pensar que o seu treinador suportava tais comportamentos. Os resultados esclarecem a influência que os outros significativos têm na moldura da atmosfera moral que opera em equipas desportivas de jovens.

As atribuições morais e sociais são baseadas em muitos factores, mas uma forma da criança ganhar aceitação e visibilidade social é a demonstração de competência numa actividade valorizada pela sociedade e outras crianças (Roberts, 2001). Aliás muitos dos que advogam a participação desportiva acreditam que este contexto providencia um contexto apropriado para a aprendizagem de skills sociais como a cooperação, ou seja dimensões intrínsecas e comportamento prosocial e moral (Duda, 1992).

A este respeito Lee, Whitehead e Ntoumanis (2007) procuraram desenvolver um questionário sobre a tomada de decisão sobre atitudes morais no desporto de jovens e descrever o nível de atitudes éticas em jovens competidores. Utilizaram para o efeito 375 participantes e com um modelo de 3 factores e 18 itens sobre a aceitação de batota, aceitação de desportivismo no jogo e manter a perspectiva correcta da vitória. Concluíram que todos os critérios psicométricos foram alcançados. Homens, atletas mais velhos e desportistas de jogos colectivos pontuaram mais do que as mulheres, jovens atletas e atletas de desportos individuais na aceitação da batota e desportivismo de equipa. A aceitação deste desportivismo foi mais elevada entre atletas de alta competição e o factor “manter a vitória em perspectiva” foi mais alta nas mulheres.

2.8. Clima motivacional percebido na realização de objectivos individuais

Tanto o desporto como o trabalho académico jogam um papel importante na vida escolar, contudo, existe pouca evidência na natureza ou generalidade da motivação para a realização de objectivos dentro destes

domínios. Num estudo desenvolvido por Duda e Nicholls (1992), as crenças sobre as causas de sucesso na escola e no desporto de 207 estudantes do secundário estavam relacionadas de um modo lógico aos seus objectivos pessoais.

O objectivo de envolvimento de superioridade orientado para o ego associou-se com as crenças de que o sucesso requer grande habilidade, ao invés, a orientação para a tarefa (o objectivo de ganhar conhecimento) estava associada com crenças de que o sucesso requer interesse, esforço, e colaboração com os colegas. Estas dimensões sobre a crença ou teorias de sucesso atravessam diagonalmente o desporto e a escola. Contudo, pouca generalização foi encontrada nas percepções de habilidade e satisfação intrínseca. A satisfação intrínseca no desporto está relacionada com a habilidade percebida nesse particular envolvimento. A orientação para a tarefa, não a habilidade percebida, foi o maior preditor de satisfação na escola.

A pesquisa nesta emocionante área tem-se debruçado sobre a percepção individual das estruturas situacionais que afectam a sua eventual preocupação em demonstrar concepções de habilidade normo-referenciadas e auto-referenciadas (Duda, 2001). O autor declara que o clima motivacional percebido compreende dimensões como as formas como os indivíduos são avaliados, as interacções entre os membros do grupo que são relevadas e a natureza e a base das estruturas de recompensa.

O clima motivacional (orientação para a mestria ou performance) é, por inerência, um construto de nível grupal de forma que esquemas multiníveis e longitudinais são precisos para avaliar os seus efeitos em resultados consequentes. Os autores Papaioannou, Marsh e Theodorakis (2004) analisaram uma amostra de aulas de EF e avaliaram os efeitos do clima motivacional da classe de aula (orientação para a tarefa e para o ego) e orientação para os objectivos individuais (ego e tarefa) nos resultados

individuais dos estudantes (motivação intrínseca, atitude, auto-conceito físico, e intenções do exercício) recolhido em dois períodos distintos ao longo do ano escolar, início (T1) e fim (T2). Descobriram diferenças significativas no clima motivacional no momento T1 que teve efeitos positivos nos resultados em T2 depois de controlados os resultados de T1. Apesar de não poderem provar que existia uma compatibilidade entre os alunos orientados para a tarefa e o clima motivacional de envolvimento para a tarefa, a estabilidade das orientações para os objectivos estava comprometida pelos climas incompatíveis.

Qual a relação entre as orientações para os objectivos e os propósitos para o desporto de equipa, clima motivacional, satisfação, fontes de satisfação, estratégias de realização, e percepção de habilidade em desportos de equipa? Num estudo desenvolvido por Roberts e Ommundsen (1996) em 148 estudantes universitários noruegueses revelou através de uma análise canónica, que os sujeitos orientados para a tarefa focam em actividades relacionadas com a saúde, preferem climas de mestria e focam um critério orientado para a mestria para determinar satisfação e outras crenças relacionadas com a realização de objectivos. Em contraste, sujeitos predominantemente orientados para o ego focam no desenvolvimento do status como finalidade, preferem climas orientados para a performance e focam em critérios orientados para o ego na determinação da satisfação e outras crenças na realização de objectivos.

As orientações para a tarefa e para o ego têm sido consideradas independentes. É, contudo, um erro considerar independentes características situacionais para o ego e para a tarefa (Duda, 2001). Já Brunel (1999) comparou o clima motivacional percebido com a orientação para os objectivos e os índices de motivação intrínseca e extrínseca e os seus papéis respectivos na predição dos índices de motivação. Dos 160 estudantes analisados com a correlação de Pearson resultou que os estudantes que percebem a sua classe de aula como sendo orientada para a mestria mais facilmente se sentiam auto-determinados. A análise de regressão hierárquica

revelou que o clima motivacional percebido era um melhor preditor de todos os índices de motivação do que a orientação para os objectivos.

O autor conclui que existe um possível processo motivacional que explica porque o clima motivacional supera a orientação para a realização de objectivos. Os resultados de dois estudos no jogo de pinball confirmaram que as diferenças individuais na orientação para a realização de objectivos moderam a influência de objectivos de realização na motivação intrínseca. Especificamente, as orientações para a performance aumentam a motivação intrínseca para indivíduos orientados para a realização de objectivos enquanto objectivos de mestria aumentam o interesse naqueles que são baixos na sua orientação para a realização de objectivos (Elliot & Harackiewicz, 1993).

Harwood e Hardy (2001) dividem o envolvimento para a tarefa e orientação para a tarefa em processo e produto. Os autores sugerem que, por sua vez, se o envolvimento na tarefa durante o processo está verdadeiramente ausente, então o indivíduo muito orientado para o ego (elevada orientação para o ego/baixa orientação para a tarefa) pode de facto retirar da equação o esforço de forma a maximizar ou proteger as percepções de habilidade. Contudo, se o envolvimento na tarefa for grande durante o processo, então o esforço pode ser desenvolvido não apenas para satisfazer intrinsecamente tal concepção de realização mas também para funcionalmente satisfazer objectivos orientados para o ego. O que quer dizer que o esforço vê-se ligado à orientação para o ego porque ele ou ela aprecia o significado e o importante papel do esforço funcionando num envolvimento orientado para a tarefa durante o processo, a um nível paralelo.

A relação entre o clima motivacional percebido e a motivação intrínseca e auto-eficácia, bem como o papel dos objectivos de orientação e percepção do clima motivacional na predição da motivação intrínseca e auto-eficácia foram os objectivos do estudo de Kavussanu e Roberts (1996). 285 estudantes iniciantes de ténis completaram uma bateria de testes onde a

percepção de um clima de mestria associou-se positivamente com o divertimento, esforço, competência percebida e auto-eficácia e relacionou-se negativamente com a tensão. Nos jovens masculinos, uma orientação para os objectivos disposicionais e o clima motivacional percebido emergiram de forma igual como preditores importantes da motivação intrínseca, enquanto um clima motivacional para a mestria foi o único preditor da auto-eficácia. A habilidade normativa percebida contribuiu para uma quantidade substancial de variância única na motivação intrínseca e auto-eficácia tanto em rapazes como em raparigas.

Sabemos que a teoria de realização de objectivos assume que a principal preocupação do indivíduo é demonstrar competência (Sarrazin et al, 2002). Desenvolver um clima motivacional no desporto pode ser uma preocupação ainda maior dado o ênfase criado nos jovens através do desporto de elite em formas de comparação social na definição e perspectiva de sucesso, uso de recompensas externas e comportamento dos treinadores que rondam a ditadura benevolente. Ainda, a performance no desporto, ao contrário da escola, é mais visível e vulnerável à avaliação pelos adultos e pares (Weiss & Ferrer-Caja, 2002).

Miller, Roberts e Ommundsen (2004) estudaram o clima motivacional percebido no género no comportamento de desportivismo em jovens jogadores de futebol dos 12 aos 14 anos de idade. Eles chegaram à conclusão que raparigas e rapazes tinham perspectivas de desportivismo diferente, através de análises *post hoc*. Os jogadores com percepção de um clima orientado para a tarefa endereçavam mais o desportivismo do que aqueles que tinham baixa orientação para a tarefa e jogadores jovens que percebiam o clima orientado para a performance eram menos propensos para demonstrar comportamentos de desportivismo do que os que percebiam o clima como sendo baixo em performance.

Análise de correlação canónica demonstrou que um clima fortemente orientado para a tarefa e mestria relacionou-se positivamente com o compromisso, respeito pelas convenções sociais, respeito pelas regras e oficiais. Um clima muito orientado para a performance relacionou-se negativamente com o respeito e preocupação com as convenções sociais e respeito pelas regras e oficiais, enquanto que uma associação positiva emergiu com o respeito e preocupação pelos adversários. Os resultados do estudo sugerem que tanto rapazes como raparigas percebem o treinador enfatizando os mesmos critérios de sucesso e fracasso, e como consequência uma cultura semelhante de desportivismo. Na generalidade, o clima orientado para a tarefa conduz a uma maior orientação para o desportivismo.

Também Boixadós, Cruz, Torregrosa, Valiente (2004) realizaram um estudo em que examinaram a relação entre a percepção do clima motivacional, habilidade percebida, satisfação e atitudes de fair-play em jovens jogadores de futebol. A amostra constituiu-se de 472 jogadores (10-14 anos) e os resultados indicaram que a percepção de um clima orientado para a tarefa associou-se positivamente com a satisfação em práticas e habilidade auto percebida e inversamente com atitudes de jogos violento e habilidade percebida normativa. Em adição, a percepção de um clima motivacional orientado para o ego relacionou-se positivamente com a habilidade normativa percebida e com atitudes favoráveis em relação à vitória num jogo de futebol. As diferenças ao longo dos perfis de clima motivacional revelaram que o maior nível de aceitação de jogo violento foi encontrado no sub grupo baixo em tarefa/elevado em ego. Em contraste o mais baixo nível de aceitação de jogo violento foi encontrado no sub grupo oposto elevado em tarefa/baixo em ego.

Os autores Reinboth e Duda (2006) chegaram à conclusão que um aumento da percepção do clima de envolvimento na tarefa prediz positivamente a satisfação pelas necessidades de autonomia, competência e termos relacionais. De outro modo, mudanças na satisfação das necessidades

de autonomia e o clima relacional emergiram como preditores significativos de mudança na vitalidade subjectiva. Os autores sugerem que a participação desportiva facilita o bem-estar no atleta e recomendam que o envolvimento desportivo deve colocar ênfase em situações de orientação para a tarefa.

Um outro estudo analisou as orientações para a realização dos objectivos em atletas femininos e a percepção do clima motivacional na confiança desportiva. Utilizaram uma amostra de 118 voleibolistas femininos entre os 12 e 18 anos de idade, tendo completado três questionários sobre as temáticas objectivadas. Os resultados indicaram que a orientação para a tarefa e percepção do clima orientado para a mestria associaram-se positivamente com esquemas adaptativos de confiança desportiva bem como de envolvimento social. A orientação para o ego associou-se positivamente com fontes mal adaptadas de confiança. As percepções do clima motivacional suportam um papel de mediação mais do que de moderação para o clima motivacional na predição de suporte social e liderança do treinador nas fontes de confiança desportiva (Magyar & Feltz, 2003). Em conclusão, a influência mediadora de um clima orientado para a mestria estabelecida pelo treinador providencia implicações importantes para treinadores que querem construir auto-confiança em atletas adolescentes femininas.

Murcia, Gimeno e Coll (2007) procuraram estabelecer a relação existente entre as características motivacionais e o estado de “flow” disposicional. Uma amostra de 413 jovens atletas (12-16 anos de idade) completou o PMCSQ-2, POSQ, SMS e DFS e da análise surgiram três perfis. Não foram encontradas diferenças significativas entre o perfil “auto-determinado” (orientação para a tarefa) e o perfil “não auto-determinado” (orientação para o ego) em relação ao “flow” disposicional. O perfil “auto-determinado” foi mais associado a atletas mulheres, praticando num desporto individual e aqueles que treinavam mais de três dias por semana. O perfil “não auto-determinado” foi mais usual em homens e atletas praticando desportos de equipa, bem como treinando apenas duas a três vezes por semana.

Walling, Duda e Chi (1993), a este propósito, examinaram o construto e validade do PMCSQ. A análise confirmatória factorial indicou um ajustamento aceitável dos dados com o modelo de medida hipotética. Em termos de validade do referido questionário, a percepção de um clima orientado para a mestria relacionaram-se positivamente com a satisfação de ser um membro da equipa e associado negativamente com a preocupação da performance. Em contraste, a percepção de um clima orientado para a performance relacionaram-se positivamente com as preocupações sobre o fracasso e a adequação da performance do jovem e correlacionado negativamente com a satisfação da equipa.

Já Yoo (1999) procedeu à investigação da relação entre a orientação para os objectivos e o clima motivacional percebido em relação à motivação intrínseca, auto-estima, adesão e *skills* avaliados no contexto da EF em 218 rapazes Coreanos. Os alunos preencheram os questionários PMCSQ e o PSQ. A análise confirmatória factorial sugere uma aceitação razoável das versões modificadas dos questionários. Da análise de correlação canónica ressalva que a orientação para a tarefa associou-se positivamente com a motivação intrínseca e auto-estima, enquanto o clima de mestria percebido relacionou-se positivamente com a motivação intrínseca, adesão e skill avaliado.

Ommundsen, Roberts, Lemyre e Miller (2005), relacionou-se o clima motivacional percebido, orientação para a realização de objectivos, perfeccionismo e índices de relação entre pares em jovens noruegueses entre 12 e 19 anos. A análise de correlação canónica revelou que as jovens jogadoras femininas que percebiam o clima motivacional como sendo predominantemente orientado para a mestria, moderadamente orientadas para a tarefa e com pontuações negativas no perfeccionismo mal adaptado, relataram melhores relações com os colegas no futebol. As relações construtivas entre pares foram evidentes, com pontuações positivas no

companheirismo com o seu melhor amigo do futebol, perceberam este amigo como sendo leal e permitindo uma discussão livre e relataram como sendo socialmente aceites pelos seus pares no futebol.

Espelhando estes resultados, os jovens jogadores masculinos que percebem o clima motivacional como predominantemente orientado para a performance, com uma pontuação moderada a negativa na orientação para a tarefa mas com uma pontuação forte e positiva no perfeccionismo mal adaptado, relataram relações negativas com colegas em relação a estes aspectos. Também registaram como estando em conflito com o seu melhor amigo no futebol. Os resultados sugerem que as qualidades de motivação têm uma relação sistemática com a aceitação pelos pares e a qualidade da amizade em jovens raparigas e rapazes futebolistas.

A teoria para a realização de objectivos postula que as orientações disposicionais e percepção do clima são duas dimensões da motivação que interagem para afectar o comportamento em contextos de realização, onde a pesquisa se começa a debruçar com as duas variáveis de forma conjunta. Um estudo de Treasure e Roberts (1998) debruçou-se sobre as concomitantes percepções do clima orientadas para a performance e mestria e seguidamente verificaram a contribuição de ambas as variáveis na predição de 274 raparigas adolescentes atletas nas crenças das causas de sucesso e fontes de satisfação num campo residencial de basquetebol. Os participantes que perceberam o clima orientado para a mestria tiveram uma crença forte de que o sucesso deve-se ao esforço de cada um e derivaram da satisfação de experiências de mestria. Os participantes que perceberam um clima orientado para a performance sentiram satisfação na superação em relação aos outros e atribuíram sucesso à habilidade e decepção. Estes resultados sugerem que a interacção destas duas dimensões da motivação devem ser tomadas em consideração quando examinada a experiência desportiva dos atletas e na predição das respostas dos jovens.

O contexto da Educação Física (EF) oferece uma oportunidade para controlo de qualidade (cooperação do professor, foco no desenvolvimento da técnica) e potencialmente períodos de maior intervenção em relação ao desporto jovem competitivo (Weiss & Ferrer-Caja, 2002). Aqui, os comportamentos para a realização de objectivos são quando o jovem tenta mais, concentra-se mais, persiste por mais tempo, realiza melhor e escolhem praticar durante mais tempo (Roberts, 2001). Os alunos dizem-se motivados quando exibem estes comportamentos de alcance de objectivos e a teoria para a realização de objectivos sugere que os processos motivacionais a operar em contexto de realização como a EF estão dependentes nos objectos manifestados nesse contexto (Duda & Ntoumanis, 2003).

Um clima de performance é percebido quando os estudantes são elogiados apenas quando é reconhecida a sua superioridade sobre os outros na sala de aula ou apenas quando os alunos com grande habilidade são tidos como modelos. Em sentido contrário, um clima que impulsiona a aprendizagem ou a mestria é criado quando os estudantes são direccionados para o auto melhoramento e aprendizagem e o esforço pessoal é reconhecido (Biddle & Goudas, 1995), desenvolvendo situações motivacionais auto determinadas (Parish & Treasure, 2003).

Um estudo dirigido por Digelidis e Papaioannou (1999) examinou as diferenças de género em alunos dos 10-17 anos, na motivação, percepção individual, orientação para a tarefa e ego e percepção do clima motivacional em aulas de EF gregas. Os resultados demonstraram que os estudantes de último ano do secundário pontuaram menos nos parâmetros referidos anteriormente em relação aos estudantes que vão a meio do secundário e aos estudantes do elementar. Os alunos do último ano tiveram menos pontuações na escala de Percepção Aparência Física e mais na medida que verificava as percepções das preocupações dos estudantes sobre erros do que os alunos da escola elementar. Os resultados sugerem que a orientação de aprendizagem deve ser reforçada na EF grega.

Da mesma forma Papaioannou (1995) estudou 1393 estudantes de EF no secundário e verificou que a percepção do tratamento diferenciado do professor relacionou-se positivamente com a percepção de um ambiente que enfatiza a comparação social e relacionado negativamente com a percepção de um clima enfatizando o progresso pessoal. A competência percebida não surtiu efeito na motivação intrínseca quando foram adoptados objectivos elevados de aprendizagem. Quando os objectivos de baixa aprendizagem foram adoptados, a motivação decresceu para crianças com baixa habilidade percebida quando jogam com alunos altamente realizadores e para crianças com alta habilidade percebida a jogar com alunos de baixa realização. Um clima altamente orientado para a aprendizagem deve ser criado de forma a desenvolver a igualdade e a maximizar a motivação.

Já em 2006, Papaioannou, Bebetos, Theodorakis, Christodoulidis e Kouli desenvolveram um estudo enfatizando as relações causais de participação no exercício e desportiva com as orientações para os objectivos, competência atlética percebida e motivação intrínseca em EF. Os autores estudaram longitudinalmente 882 estudantes gregos que preencheram questionários em três momentos diferentes. Os resultados implicam que o cultivo de uma orientação para a tarefa, motivação intrínseca em EF e competência atlética percebida ajudarão a promover a participação no exercício e no desporto na adolescência.

Biddle e Goudas em 1995 referiam que todos os professores iriam reconhecer a importância da motivação e provavelmente estariam conscientes da distinção entre a motivação interna e externa. O panorama é, contudo, mais complexo do que inicialmente previsto. As suas pesquisas em EF em contexto escolar sugerem que os aspectos da competência percebida e autonomia percebida são importantes factores na motivação intrínseca. Contudo, a autonomia percebida e a orientação para a tarefa desempenham um papel mais crítico para a motivação intrínseca do que a competência percebida

(Goudas, Biddle & Fox, 1994). O que quer dizer que, independentemente do quão competente os jovens se sentem eles estarão menos motivados intrinsecamente se entrarem em actividades sob certa forma de pressão.

Em adição, mostraram que a percepção dos jovens tanto nos objectivos individuais a alcançar como no clima da sala têm uma forte relação com a motivação intrínseca nas aulas de EF. Os resultados Biddle e Goudas em 1995 aclaram a ideia de que as crianças orientadas para a tarefa irão, em média, mostrar níveis mais elevados de motivação intrínseca – interesse, competência percebida e satisfação como demonstrou o estudo de Escartí e Gutiérrez (2001).

A este propósito, um estudo de Standage, Duda e Ntoumanis (2003), avaliou os efeitos principais e interactivos das orientações para os objectivos dos estudantes, competência percebida e percepção do clima motivacional. O estudo foi levado a cabo por 328 estudantes britânicos com média de idades de 13.6 anos. A análise por regressão hierárquica revelou que a orientação para a tarefa, competência percebida e clima orientado para a tarefa são preditores positivos de estilos de motivação auto-determinados. A percepção de competência em EF foi negativamente associada à desmotivação. Grandes interacções entre clima mestria x orientação para a tarefa e orientação para o ego x competência percebida emergiram.

Os seus resultados indicam que: para estudantes com uma nítida inclinação para a orientação para a tarefa, a percepção do clima da classe era alta em características que revelavam mestria e estava associado a um aumento da motivação intrínseca. Para os estudantes com elevada orientação para o ego, a crença de que se era competente aumentava, enquanto que a percepção de incompetência atenuava a motivação intrínseca. Adicionalmente, uma interacção com três entradas entre a orientação para o ego, clima de performance e competência emerge. À luz da teoria para a realização de objectivos e auto-determinação, os autores propõem que estudando o potencial

jogo interrelacionado entre as perspectivas situacionais e individuais e o efeito moderador da competência percebida pode aumentar futuramente o entendimento da motivação em EF.

Theeboom, De Knop e, Weiss (1995) examinaram a efectividade de um programa de ensino orientado para a performance vs mestria no divertimento da criança, percepção da competência, motivação intrínseca e desenvolvimento dos *skills* motores. 119 crianças dos 8-12 anos de idade foram submetidas a um programa desportivo organizado. Os resultados revelam que as crianças no grupo orientado para a mestria demonstraram maior divertimento e exibiram melhores *skills* motores em relação ao grupo orientado para a performance. Entrevistas indicam que a criança no programa de mestria quase anonimamente revelavam altos níveis de competência percebida e motivação intrínseca, enquanto que os do grupo tradicional mostraram menos efeitos pronunciados. Estes resultados providenciam evidência empírica de que um clima motivacional orientado para a mestria resulta em maiores experiências positivas para jovens atletas à medida que aprendem novas técnicas.

Com o propósito de estudar as relações existentes entre o clima motivacional percebido e a motivação intrínseca e crenças de atributo em contexto desportivo Seifriz, Duda e Chi (1992) estudaram 105 basquetebolistas. Determinou-se igualmente o grau segundo o qual as variáveis dependentes de interesse são uma função de uma estrutura situacional, objectivos disposicionais ou ambos. Os resultados sugerem que a percepção de um clima orientado para a mestria relacionou-se positivamente ao divertimento e crença de que o esforço conduz ao realizar de objectivos. A percepção de um clima orientado para a performance estava associada com a visão de que a habilidade superior causa sucesso. Em geral, os índices de motivação intrínseca e crenças atributivas foram melhor preditas pela orientação de objectivos disposicionais e competência percebida no basquetebol.

De igual modo Balaguer, Duda e Crespo (1999) estudaram a relação entre as orientações para a realização de objectivos e o clima motivacional percebido criado pelo treinador em relação a 219 tenistas espanhóis. Também pretenderam examinar se as variáveis dependentes eram previstas da melhor forma através da estrutura de objectivos situacionais percebidos criado pelo treinador e/ou uma perspectiva de objectivos disposicionais. Completaram as versões espanholas de TEOSQ e PMCSQ-2 e vários itens avaliando o desenvolvimento percebido específico ao ténis, satisfação e a classificação do treinador. Os resultados demonstraram estar de acordo com a teoria de realização de objectivos e providenciaram suporte para a promoção de uma atmosfera orientada para a tarefa no desporto.

Contudo, uma orientação para o ego não é necessariamente negativa para a motivação intrínseca mas precisa de ser acompanhada por uma orientação para a tarefa. O mesmo se passa no contexto da EF, onde uma orientação para a performance não resulta necessariamente em resultados mais negativos quando acompanhada por uma orientação para a mestria. Os autores concluem que existe potencial para influenciar a motivação intrínseca através do estilo de ensino, relevando os factores contextuais do seu desenvolvimento (Biddle & Goudas, 1995).

Com efeito, Biddle (2001) sugere efeitos positivos de um clima motivacional orientado para a mestria em EF, mais do que as orientações para a realização de objectivos e oferece evidência de um possível efeito de modelagem do clima na orientação para os objectivos dos indivíduos.

Qual a influência entre o estilo de ensino, clima de aula percebido e motivação intrínseca? Salientam Weiss e Ferrer-Caja (2002) que a estrutura do desporto fomenta o divertimento e a aprendizagem de *skills* motores básicos ao jovem e progressivamente enfatiza o vencer à medida que os participantes se tornam mais velhos e mais dotados tecnicamente. Contudo, é surrealista

pensar que podemos eliminar a natureza de performance do contexto desportivo, mas se um clima de mestria e performance for devidamente equilibrado, comportamentos motivacionais adaptativos aparecem.

É concebível igualmente que os motivos para a participação desportiva variem consoante o momento da época em que são medidos ou que os motivos variem ao longo da época como resultado da experiência pessoal do jovem jogador. A contextualização social tem aqui a sua importância.

Vazou, Antoninos e Duda (2005) utilizaram entrevistas no sentido de identificar os factores que condicionam o clima motivacional criado pelos pares no desporto jovem. Individualmente e em pequenos grupos, 14 rapazes e 16 raparigas (N= 30) com idades entre 12 e 16 anos, de desportos individuais e colectivos foram entrevistados em relação ao clima motivacional induzido pelas características dos pares. Usando análises de conteúdo, emergiram 11 dimensões de clima proporcionado pelos pares e alguns delas são semelhantes aos instrumentos para os adultos (professor de Educação Física e treinador) enquanto que outras são únicas aos grupos de pares.

A este respeito Ntoumanis e Vazou (2005) utilizaram o Questionário do Clima Motivacional dos Pares no Desporto Jovem (PeerMCYSQ) testado ao longo de três estudos 431 atletas (11-16 anos). No primeiro estudo, o questionário tinha 6 factores estruturados em duas ordens de factores (orientação para a tarefa: desenvolvimento, suporte relatado, esforço; orientação para o ego: competição dentro da equipa, habilidade normativa e conflito entre a equipa). Nos estudos 2 e 3 foram testados estes 6 factores mas apenas 5 factores mostraram validade.

Climas de cooperação ou de interacção de equipa que enfatizam o suporte social, coesão e objectivos grupais podem ser a chave no entendimento de como neutralizar o contexto da estrutura desportiva baseado

no objectivo da recompensa, desde o desporto jovem até ao mundo profissional (Weiss & Ferrer-Caja, 2002).

2.9. Influência de diversos agentes sociais na percepção de competência do jovem desportista

No desporto, variáveis situacionais como os colegas de equipa, vizinhos, colegas de escola e amigos íntimos providenciam importantes fontes de avaliação social, comparação e suporte e, com efeito, podem significativamente afectar os objectivos de alcance, crenças sobre a percepção de habilidade e comportamentos motivados (Harwood & Swain, 1998; Duda, 2001). A este respeito Duda (2001) refere que se os investigadores observam diferentes relações entre as orientações para os objectivos disposicionais e as percepções de uma estrutura de objectivos enfatizada pelos treinadores, pais e outros, não é claro se esta variabilidade é função do outro significativo ou dos diferentes instrumentos usados para averiguar as variáveis situacionais e sociais. Newton, Duda e Yin (2000) referem a existência de variabilidade dentro da equipa no clima motivacional percebido e que o grau de variabilidade varia com as equipas. Mais, encontraram alguma inconsistência dentro da mesma equipa em relação à percepção do envolvimento para o ego no ambiente que os rodeia. A quantidade de variância varia de equipa para equipa. Isto quer dizer que não existe nenhum efeito de equipa no clima motivacional percebido e de que as percepções de cada atleta são independentes?

A influência do grupo de pares no desenvolvimento psicossocial das crianças é enfatizada na literatura da psicologia desportiva em áreas como a motivação, auto percepções e afeição. Desta forma, no contexto da actividade física, Weiss, Smith e Theeboom (1996) realizaram um estudo com entrevistas sobre os melhores amigos no desporto, e onde encontraram 12 dimensões de amizade positivas, entre elas: companheirismo, aumento da auto-estima, comportamento prosocial, intimidade, suporte emocional, etc. quatro

dimensões negativas de amizade foram encontradas: conflito, qualidades pessoais pouco atractivas, traição e inacessibilidade.

Newton e Duda (1993) em atletas de elite e Duda e Nicholls (1992) num estudo comparativo entre a escola e o desporto apontam a importância de se enfatizar a cooperação entre os jogadores bem como a percepção de que toda a gente na equipa tem um papel importante na criação de um clima orientado para a tarefa. Esta perspectiva orientada para a tarefa manifestada numa maior orientação e/ou clima motivacional dos atletas relaciona-se com maior coesão de equipa (Duda, 2001).

Sabemos que o desenvolvimento de auto-estima é influenciado pelas interacções sociais no domínio do exercício físico. Weiss e Duncan (1992) examinaram a relação entre a competência no domínio do exercício físico e competência interpessoal com os pares em contexto desportivo. A correlação canónica indicou uma forte relação entre os índices de competência física e a aceitação dos pares. As crianças que pontuaram alto em competência física percebida e actual e que realizavam atribuições estáveis e controladas pessoalmente da performance desportiva também pontuaram alto em aceitação pelos pares percebida e actual e fizeram atribuições estáveis para interacções de pares com sucesso.

A pesquisa em psicologia desportiva tem examinado as diferenças entre as culturas. Também as diferenças individuais e factores de contexto social relacionam-se com a motivação para a realização. Hayashi (1996) comparou anglo americanos com havaianos e os resultados demonstram que todos os participantes definiram as experiências positivas e negativas na actividade física através das orientações para a tarefa e para o ego e perspectivas independentes do eu. Os participantes perceberam o ambiente através estruturas de recompensas/objectivos cooperativos, individuais e competitivos. As diferenças culturais foram detectadas na medida em que os havaianos definiram experiências positivas baseadas na demonstração de orgulho e

perceberam o ambiente como um contexto onde se expressa o orgulho e uma perspectiva interdependente.

Biddle e Goudas (1995) a este respeito demonstraram que os vários graus de orientação para a tarefa e a quantidade de encorajamento recebido dos adultos relacionou-se com intenções mais positivas face ao desporto. Seguindo a ideia avançada no parágrafo anterior, Lesyk e Kornspan (2000) analisaram as expectativas dos adultos da participação desportiva dos jovens. Analisaram 109 treinadores de jovem que completaram o Índice de Satisfação no Desporto. A análise revelou que os treinadores classificaram as variáveis do divertimento, aprendizagem de *skills* relacionados com a vida, fazer parte de uma equipa, desenvolvimento da confiança e a excitação da competição como os mais importantes resultados para os jovens que eles treinam. Na generalidade, os treinadores acreditam que as suas expectativas estão a ser preenchidas.

A extensa literatura esclarece como em adolescentes faz sentido a integração de diferentes influências motivacionais no contexto interpessoal relativamente à prática do seu desporto (Bengoechea & Streat, 2007). A análise qualitativa revela que outros indivíduos jogam cinco papéis decisivos na motivação no desporto dos participantes neste estudo, a saber: providenciam suporte, fontes de pressão e controlo, fontes de informação relevante de competência, agentes de socialização de orientações para a realização de objectivos e são modelos para emular. Os atletas viram que um grande número de indivíduos, para além dos pais e treinadores, estão envolvidos no jogo deste papéis.

Os adultos, sejam eles pais, treinadores ou professores jogam um importante papel na construção da percepção de um clima motivacional por parte das crianças no contexto da EF e do desporto e conseqüentemente, a qualidade da motivação (Treasure, 2001). Estas diferenças individuais na orientação para a realização de objectivos podem ser o resultado de

socialização através de climas motivacionais orientados para a mestria ou performance tanto na escola, em casa ou experiências de actividade física anteriores.

Smith, Zane, Smoll e Coppel. (1983) realizaram um estudo para definir as características e padrão dimensional do comportamento do treinador, de 31 jovens treinadores de basquetebol. A análise factorial dos comportamentos do treinador revelou que as dimensões comportamentais de suporte e punição eram ortogonais e estatisticamente independentes uma da outra ao invés de fins opostos de uma mesma dimensão. A relação entre os comportamentos do treinador e as várias atitudes do treinador foram muito específicas na sua natureza. Estes comportamentos contabilizaram quase metade da variância das atitudes de fim de época em relação ao treinador e ao desporto, mas significativamente menos variância nas medidas de solidariedade no seio da equipa e auto-estima. Surpreendentemente, a taxa de reforço positivo não se relacionou com quaisquer das medidas de atitude. A punição relacionou-se negativamente ao prazer e gosto para o treinador. No geral, as categorias de instrução técnica foram os maiores preditores das atitudes dos jogadores de basquetebol.

Por sua vez Balaguer, Duda, Atienza e Mayo (2002) referem que um forte clima orientado para a tarefa, os jogadores demonstraram uma melhoria da performance e satisfação com a performance e possuíam melhores considerações sobre o treinador. A orientação para a tarefa adicionou uma proporção significativa de variância na melhoria da performance individual. A percepção de um clima de orientação para o ego relacionou-se negativamente com as classificações do treinador mas positivamente relacionadas com a satisfação com os resultados competitivos da equipa. Estes resultados confirmam a teoria de realização de objectivos e evidenciam as implicações adaptativas de um clima orientado para a tarefa no desporto de alto nível. A previsão superior do clima sobre o indivíduo sugere que as intervenções

objectivadas ao treinador devem ter um importante impacto na motivação individual e de grupo.

Nesta linha de pensamento Pensgaard e Roberts (2002), investigaram o efeito do clima motivacional em atletas de elite e o papel do treinador neste processo. Os 7 atletas completaram o questionário da Percepção de Sucesso (POSQ) e o questionário do Clima Motivacional Percebido (PMCQ) para medir os índices motivacionais. Todos os atletas pontuaram muito alto na orientação para a tarefa e moderado a alto na orientação para o ego. A maior parte dos atletas perceberam um clima orientado para a mestria e um baixo clima orientado para a performance, enfatizaram a importância do treinador como o criador do clima, bem como a sua preferência por um clima de suporte e carinho, o que revela um ênfase no clima orientado para a mestria nos atletas de elite. Os estudos de Balaguer et al (1999, 2002) confirmam que uma maior orientação para a tarefa indica uma maior preferência para um treino rigoroso e instruções comportamentais por parte do treinador. Desta forma, um clima percebido pelos jogadores de andebol como sendo orientado para a tarefa, é acompanhado de maior desenvolvimento individual e colectivo nos aspectos físicos da sua modalidade.

De facto Weiss e Friedrichs (1986), num estudo com 251 atletas de basquetebol concluíram que, através da análise de regressão, nem a instituição nem as variáveis dos atributos do treinador relacionaram-se positivamente com a satisfação e performance da equipa. Os comportamentos de líder relacionaram-se significativamente com os resultados da equipa. As análises da satisfação individual da equipa revelaram que o tamanho da escola, atributos do treinador e comportamentos de líder foram preditores da satisfação no atleta. Os treinadores que têm comportamentos de recompensa mais frequentemente, comportamentos de suporte social e um estilo democrático de tomada de decisão produziram mais atletas satisfeitos. Os treinadores mais jovens e aqueles com melhores recordes de vitórias/derrotas relacionaram-se com maiores níveis de satisfação do atleta.

Ommundsen, Roberts, Lemyre e Miller em 2006, examinaram as influências de pais e treinadores sob a forma de pressão ou suporte nas atitudes perfeccionistas mal adaptadas dos jovens atletas, relação com os amigos e percepção de competência no futebol. Para isso, foi entregue um questionário a 677 jovens atletas noruegueses. Os resultados sugerem que os comportamentos de pressão dos pais e treinadores relacionam-se positivamente com padrões mal adaptados de realização de objectivos, conforme indicado pelo excesso de preocupação com os erros, dúvida sobre as acções individuais e baixa percepção de competência no futebol. Os treinadores predominantemente de suporte criaram climas psicológicos que estavam relacionados com um padrão linear de resultados psicológicos compreendendo amizade de qualidade, percepção de competência positiva e a ausência de preocupações específicas relacionadas com o alcance de objectivos. Como conclusão referem que a influência de treinadores que revelam suporte, a orientação para a tarefa parece ser benéfica para resultados psicossociais construtivos em atletas pediátricos e os atletas que experimentam uma pressão social de treinadores e pais para render podem beneficiar menos psicossocialmente através do desporto, resultados que vão de encontro ao estudo de Fry e Fry (1999).

Um outro estudo relacionou as crenças percebidas pelos pais e as orientações para a realização de objectivos dos jovens atletas bem como as causas de sucesso no desporto procurando dar um enfoque no entendimento das experiências socializadoras de jovens atletas. A amostra consistiu em 183 jovens masculinos com idades entre os 11 e os 18 anos de idade, envolvidos em desportos de equipa. Os atletas completaram o TEOSQ e o Questionário Crenças sobre as Causas de Sucesso Desportivo. A correlação canónica revelou que a crença parental percebida de que o esforço conduz ao sucesso no desporto relacionou-se com a orientação para a tarefa dos atletas e a crença pessoal de que o esforço causa sucesso no desporto. Em contraste, a crença parental percebida de que a habilidade superior, factores externos,

e o uso de tática enganadoras são precursoras de sucesso no desporto corresponderam à orientação para o ego e às mesmas crenças pessoais nos atletas.

Smith, Smoll e Curtis (1979), submeteram treinadores da pequena liga de basebol durante a pré-época a um programa de treino em como lidar com as crianças. Forneceram-lhes um guião e feedback de comportamento. Os resultados sugerem que os treinadores treinados diferem dos de controlo na percepção dos comportamentos por parte dos jogadores, de uma forma consistente com o guião. Foram também avaliados mais positivamente pelos seus jogadores e encontraram uma maior atracção dentro da equipa apesar de não diferirem no recorde de vitórias/derrotas. As crianças que jogavam para treinadores submetidos ao programa exibiam um aumento significativo na auto-estima geral comparada com resultados obtidos um ano antes. As maiores diferenças encontraram-se entre as crianças com baixa auto-estima, sendo que essas crianças demonstraram ser mais sensíveis a variações no uso, pelo treinador, de encorajamento, punição e instrução técnica.

Já Smoll, Smith, Barnett e Everett (1993) examinaram o comportamento dos treinadores no processo de auto-confiança do atleta jovem. Foram estudados treinadores de basebol e separados num grupo de controlo e outro que frequentaram *workshops* sobre suporte e eficácia de instrução. Os treinadores treinados diferiram do grupo controlo na percepção do comportamento pelo jovem. Estes foram avaliados mais positivamente pelos jogadores, os jogadores divertiam-se mais e as suas equipas exibiam um maior nível de atracção entre jogadores, apesar das suas equipas não diferirem das do grupo de controlo nos recordes de vitórias/derrotas. Os resultados demonstram que os rapazes com baixa auto-estima que jogavam para os treinadores exibiram aumentos consideráveis de auto-estima geral, ao passo que os jovens atletas com baixa auto-estima no grupo de controlo não evidenciaram tais ganhos.

Também a relação dos factores situacionais e disposicionais na contribuição para o envolvimento na tarefa e performance em jovens jogadores de ténis foi analisada. Cervelló, Santos Rosa, Calvo, Jiménez e Iglesias (2007) concluíram que o envolvimento na tarefa foi deduzido através das percepções dos jogadores de um clima motivacional de aprendizagem iniciado pelo treinador em competição. A perda de auto consciência foi predita pela percepção dos jogadores de um clima motivacional orientado para a performance iniciado pelo treinador em competição. Por último, a avaliação de treinadores e jogadores da performance foi prevista através da experiência autotélica (aquilo que tem significado apenas para si próprio), concentração e pela percepção orientada da aprendizagem e performance iniciada pelo treinador em competição.

3.0 Ortogonalidade da Teoria para a Realização de Objectivos

De uma forma similar ao que pode ser encontrado em contexto académico (Nicholls, 1989), a orientação para a tarefa e para o ego são ortogonais no desporto (Chi & Duda, 1995; Duda 1989; Duda & Nicholls, 1992). Dizem Harwood e Swain (2001) que a matéria sob debate aqui prende-se com a ortogonalidade ao nível do envolvimento para a realização dos objectivos (situacional) em oposição ao nível de orientação para a realização de objectivos (disposicional), sendo que podem ocorrer mudanças abruptas nos estados de envolvimento para a tarefa e para o ego (Treasure et al, 2001; Harwood & Swain, 2001), como se comprova no estudo realizado com jogadores de ténis (Harwood & Swain, 1998).

De facto, os estudos realizados pelos psicólogos do desporto vão concluindo que o envolvimento com orientação para a tarefa possibilita os indivíduos a melhor controlar a motivação no contexto da experiência desportiva, especialmente os jovens participantes (Roberts, 2001). Os jovens ao longo da idade do período competitivo podem apresentar valores elevados tanto na orientação para a tarefa como para o ego (Roberts et al. 1996; Duda,

2001). Um atleta experiente pode mudar entre um envolvimento para a tarefa e para o ego quase dependente da vontade e adoptando a estratégia motivacional mais apropriada para o contexto. Esta capacidade é o produto da experiência, sendo que a sua característica como construto dinâmico depende da capacidade do atleta perceber qual é o comportamento mais apropriado.

Roberts (2001) crê que não é possível encontrar-se ao mesmo tempo nos dois estados de envolvimento, uma vez que a escolha está sujeita às orientações de cada indivíduo ou à percepção de qual o critério de sucesso nesse contexto. Contudo e sabendo que para as crianças em processo de aprendizagem em actividade física a orientação para a tarefa optimiza a motivação, os jovens que competem ao mais alto nível no seu desporto, é quase inevitável que apresentem também uma orientação para o ego. A orientação para o ego tem implicações motivacionais pelo que é influenciada por duas variáveis dinâmicas: a percepção de competência de cada um e a percepção do critério de orientação para a tarefa.

Se o julgamento avaliativo de habilidade é positivo então o jovem está confortável competindo e procura atingir um objectivo de forma a demonstrar competência superior. Este panorama é em tudo semelhante à orientação para a tarefa enquanto a habilidade percebida é alta. A conclusão a retirar é a seguinte: A orientação para o ego não é condutora de motivação a longo termo mesmo para atletas de elite que estão seguros da sua percepção de habilidade. Se um treinador acredita na orientação para o ego incentivando-a deve, ao mesmo tempo, exigir um desenvolvimento da orientação para a tarefa.

De acordo com a teoria para a realização de objectivos na sua ligação com a performance desportiva, o esforço exercido varia em relação à orientação para os objectivos, habilidade percebida e dificuldade na tarefa (Nicholls, 1989). Com efeito, o jovem alto em tarefa/baixo ego é mais referenciado pessoalmente quando encara o processo de performance, os standards de performance e os resultados em relação à informação sobre a

competência (Duda, 2001), provavelmente devido à sua maior preocupação em realizar a quantidade de esforço dispendido durante o processo de performance que conduziu a um determinado resultado (Nicholls, 1989).

Em contraste, um indivíduo que é muito orientado para o ego tende a efectuar comparações sociais quando avalia o processo e nível de performance bem como o resultado. Provavelmente os jovens atletas que demonstram ambas as orientações para os objectivos de forma diferenciada (e frequentemente) utilizam múltiplas fontes de informação sobre a habilidade que provêm de examinações auto e normo referenciadas de processos de performance, standards e resultados (Duda, 2001). Continua a autora referindo que também quando se apresentam valores elevados numa orientação e baixo na outra, o jovem tem tendência para definir subjectivamente o sucesso nos objectivos em relação a diferentes critérios e a vontade de jogar bem varia de acordo com a habilidade percebida (Duda & Whitehead, 1998).

Whitehead, Andrée e Lee (2004) num estudo com 138 atletas de pista dos 11 aos 16 anos exploraram a generalização de uma predição central sobre a teoria de realização de objectivos e a hipótese de que os padrões de motivação mal adaptados ocorrem apenas quando baixa percepção de habilidade é acompanhada de perspectivas comparativas de realização. Esta predição foi testada independentemente para orientações de disposição e clima de motivação percebido no estudo transversal de divertimento e um estudo longitudinal da persistência. As comparações ortogonais demonstraram que a desistência era mais provável em atletas com baixa percepção de habilidade que percebem um clima de realização de objectivos bem como o nível de divertimento, ou possuíam uma disposição auto-referenciada, mas também em atletas autoreferenciados que percebiam um clima de realização de objectivos.

Um outro estudo examinou os padrões de orientação para a realização de objectivos e o seu impacto na motivação dos estudantes em programas de

corrida em EF. Os resultados de 553 jovens do 5º ano revelaram a existência de 4 padrões de orientação para os objectivos: baixo em tarefa/baixo ego, baixo em tarefa/alto ego, e alto em tarefa/alto ego. O grupo de estudantes alto em tarefa/ baixo ego e alto em tarefa/alto ego demonstraram elevados níveis de motivação na corrida em relação aos jovens baixo em tarefa/baixo ego, baixo em tarefa/alto ego (Xiang, McBride, Bruene & Liu, 2007). Pensgaard e Roberts (2002) e Duda (2001), relativamente ao grupo baixo em ambas as orientações referem que parecem estar menos preocupados em demonstrar concepções diferenciadas de habilidade desportiva do que indivíduos alto em pelo menos uma orientação. Eles não demonstram competência auto-referenciada ou normo-referenciada.

Roberts et al. (1996) especificamente no seu estudo verificaram que os indivíduos alto em ego e baixo em orientação para a tarefa acreditavam que o esforço era menos causa do sucesso, enquanto que os jovens com valores elevados em tarefa e baixo na orientação para o ego era menos expectável que atribuíssem o sucesso a factores externos.

A literatura sugere que uma larga percentagem de atletas de elite apresentam valores elevados tanto na orientação para a tarefa como para o ego em vez baixo numa e elevado noutra ou baixo em ambos (Duda, 2001). Por sua vez, Harwood, Cumming e Fletcher (2004), procuraram estabelecer a relação entre as orientações para a realização de objectivos e uso de técnicas psicológicas no desporto em jovens atletas de elite. Descobriram que os atletas com elevada tarefa/ ego moderado usavam mais a visualização, estabelecimento de objectivos e conversa positiva quando comparado com atletas com baixa tarefa/ elevado ego e tarefa moderada/ baixo ego. Um outro estudo de Harwood, Cumming e Hall (2003) também com jovens atletas de elite vai de encontro a estes resultados quando referem que são os indivíduos do cluster elevado tarefa/elevado ego que apresentam maior uso da visualização nos seus perfis motivacionais.

CAPÍTULO 3

METODOLOGIA

3.1. Amostra

Procedeu-se à entrega de dois questionários bem como fichas de identificação do treinador a dois clubes de distinto pendor competitivo. Assim sendo, constitui a nossa amostra:

a) Praticantes: 132 jogadores de futebol com idades compreendidas entre os 13 e os 16 anos de idade, 85 atletas de clube de orientação profissional e 47 atletas de clube sem profissionalização:

Tabela 1. Proveniência clubística dos praticantes por escalão

Clube	Nº Praticantes	Escalão	
		Iniciados	Juvenis
Orientação Profissional	85	46	39
Formação	47	27	20

b) Treinadores: 6 treinadores foram entrevistados, 4 do clube com equipa profissional e 2 treinadores de clube de menor dimensão. Da Ficha de Identificação do Treinador administrada aos treinadores principais dos escalões sujeitos ao estudo em causa resultaram as seguintes tabelas:

Tabela 2. Comparação das variáveis dos treinadores principais dos diversos escalões num contexto profissional

Idade (Anos)	Habilitações académicas	Habilitações desportivas (Nível)	Anos de carreira como	Nível máximo atingido como	Anos de experiência como treinador	Nível máximo atingido	Anos de experiência no actual escalão (Anos)
--------------	-------------------------	----------------------------------	-----------------------	----------------------------	------------------------------------	-----------------------	--

			jogador	jogador	(Anos)	como treinador	
42	Mestre	III	9	3 ^a Divisão Nacional	15	C. Nacional Sub 17	6
28	Licenciatura C. Desporto	II	9	3 ^a Divisão Nacional	8	Juniores	2
25	Licenciatura Desporto. Curso Treino Desportivo	II	4	Iniciados	5	C. Nacional Sub 15	2
39	Licenciatura C. Desporto	III	20	3 ^a Divisão Nacional	10	II Liga	3

A procura de profissionais com competências para os processos de formação desportiva está saliente quando observamos as habilitações dos treinadores no clube de elite, ao contrário dos treinadores do clube de formação. A tabela 3 caracteriza os treinadores principais dos dois escalões sujeitos a análise do clube de orientação formativa:

Tabela 3. Comparação das variáveis dos treinadores principais dos diversos escalões num contexto não profissional

Idade (Anos)	Habilitações académicas	Habilitações desportivas (Nível)	Anos de carreira como jogador	Nível máximo atingido como jogador	Anos de experiência como treinador (Anos)	Nível máximo atingido como treinador	Anos de experiência no actual escalão (Anos)
40	9º Ano	S/F	10	1 ^a Distrital	7	Juniores	2
42	9º Ano	S/F	4	3 ^a Divisão Nacional	6	Fase Final Juniores	2

3.2. Instrumentos

Qualquer metodologia só consegue ganhar consistência se tiver a constituir-la instrumentos, técnicas e procedimentos que a suportem e lhe dêem um conteúdo próprio. Utilizámos duas metodologias próprias:

- Quantitativa;
- Qualitativa.

Tendo essa preocupação, elegemos como instrumento para a recolha de dados o questionário, visto ser um meio que nos transmite com facilidade as opiniões pretendidas. Este é um procedimento que permite ultrapassar algumas dificuldades que alguns métodos de recolha de dados apresentam e valorizar as potencialidades.

Posteriormente para a avaliação do problema foram aplicados os instrumentos TEOSQ (*Task and Ego Orientation in Sports Questionnaires*) e SAQ (*Sports Attitude Questionnaire*), para além de entrevistas semi-estruturadas ao coordenador de um clube de elite e a dois treinadores de formação de um clube que milita na principal liga portuguesa. Primeiramente foi testada a possibilidade de existência de diferenças entre o clube estudado e os dados gerados por estudos anteriores nesta linha de pesquisa, oriundos de clubes com outra proeminência de objectivos de formação desportiva. Foi efectuada uma análise complementar e exploratória dos resultados de jogadores que migraram de clubes mais modestos para clubes profissionalmente orientados.

Utilizámos também uma avaliação de conteúdo, uma entrevista semi-estruturada, com referência a três categorias principais: Política Formativa do Clube, Formação em Portugal e Plano de Formação, onde procurámos delinear as principais linhas orientadoras dos clubes relativamente a aspectos de qualidade de formação e preocupações diversas com os jovens atletas bem como o respectivo enquadramento nacional do clube. A análise qualitativa através das entrevistas permite-nos uma maior aproximação à realidade dos intervenientes.

3.2.1. Questionários

O questionário utilizado foi do tipo fechado (feito sem qualquer maleabilidade, seguindo um plano rígido, no qual a ordem das questões e os seus termos se mantêm invariantes. Vantagem: permite canalizar as reacções das pessoas interrogadas para algumas categorias muito fáceis de interpretar. Inconveniente: tem a ver com o aspecto técnico do questionário).

Utilizámos dois inquéritos por questionário: TEOSQ (*Task and Ego Orientation in Sports Questionnaires*) e SAQ (*Sports Attitude Questionnaire*).

O primeiro, o Questionário do Desporto na Orientação para o Ego ou para a Tarefa, consiste num instrumento que foi elaborado por Duda (1989) e Duda & Nicholls (1992) e publicado em 1992. Este questionário vem no seguimento de estudos realizados pelo próprio Nicholls ao nível académico para a criação de uma escala de orientação motivacional. Ao nível dos contextos desportivos, Duda e Nicholls elaboraram uma versão original do TEOSQ que continha 16 itens, mas que acabou por incluir apenas 13 (Duda & Whitehead, 1998), foi modificado adicionando 6 questões adicionais de forma a reflectir o novo construto auto referenciado da teoria para a realização de objectivos sugerido por Harwood, Hardy and Swain (2000). Assim, foi criado para avaliar as diferenças individuais quanto à orientação motivacional para a tarefa e/ou para o ego, ao nível desportivo.

Assim, o TEOSQ é um meio de medida psicométrico que tenta compreender a perspectiva de orientação disposicional do indivíduo, procura

definir e assegurar como o indivíduo define o sucesso no desporto de forma normo referenciada (demonstrar que um possui mais habilidade do que outros) e auto referenciada (aprender, trabalho árduo) (Duda, 2001). O questionário foi elaborado de forma a averiguar o grau de preocupação dos indivíduos com concepções de habilidade diferenciada e não diferenciada (Nicholls, 1989), de uma forma estável ao longo do tempo, procura averiguar a disposição de um indivíduo para o envolvimento para a tarefa ou para o ego em contexto desportivo (Duda, 1989, 1992).

Ele solicita aos sujeitos para pensarem quando se sentem com sucesso num desporto em particular e depois indiquem a sua concordância, com 7 itens de uma sub-escala que visam critérios de orientação para a tarefa (Ex.:“Sinto-me com mais sucesso no desporto quando trabalho realmente bastante”), e por outro lado, que indiquem a sua concordância com uma outra sub-escala, mas agora com 6 itens relacionados com a orientação para o ego (Ex.:“Sinto-me com mais sucesso no desporto quando os outros cometem erros e eu não”). Para cada item, os sujeitos optam por uma de 5 alternativas intrínsecas a uma escala de tipo Likert em que: 1= Discordo completamente; 2= Discordo; 3= Nem discordo nem concordo; 4= Concordo; 5= concordo completamente.

Lee (1996) elaborou o *Sports Attitudes Questionnaire* (SAQ), de 26 itens, que foi aplicado a uma amostra de 1391 atletas, dos 12 aos 16 anos, rapazes e raparigas, praticantes dos desportos mais populares no Reino Unido. O questionário compreende quatro escalas: *Batota*, *Anti-desportivismo*, *Vitória a todo o preço* e *A vitória não é o mais importante*. Posteriormente, Lee, Whitehead, Ntoumanis, Hatzigeorgiadis (2002) modificam o SAQ de modo a que duas sub-escalas do MSOS-25 proposto por Vallerand, Briere, Blanchard, Provencher (1997) – *empenhamento na participação*, *respeito pelas convenções sociais* – substituam as escalas *A vitória não é o mais importante* e *Vitória a todo o preço* da versão original. Os itens do questionário são reduzidos para 23, e propõe-se um modelo de quatro factores, sendo dois considerados socialmente positivos (*Empenhamento* e *Convenção*) e dois socialmente negativos (*Batota* e *Anti-desportivismo*).

Utiliza-se novamente para cada item, uma de 5 alternativas intrínsecas a uma escala de tipo Likert. Com este questionário averiguam-se os pesos relativos de vários factores como o desportivismo, batota, convenção e compromisso., Gonçalves, Coelho e Silva, Chatzisarantis, Lee & Cruz J (2006), depois de proceder à tradução do *Sports Attitudes Questionnaire* (SAQ) puderam confirmar que a versão portuguesa do questionário de atitudes face ao desporto parece apta a ser utilizada em futuras pesquisas.

3.2.2. Entrevistas

O inquérito por entrevista, neste caso, é o mais estruturado e rígido de todos e pressupõe uma comunicação oral entre as partes. Possibilita obter dados através do questionário, consistindo em apresentar um conjunto pré-determinado de perguntas à população. A presente entrevista foi conduzida pelo próprio investigador e consistiu em 12 perguntas a abordar três categorias principais, são elas: Política Formativa do Clube, Formação em Portugal e Plano de Formação. As entrevistas decorreram no local o mais convidativo possível, nas instalações dos centros de academia dos respectivos clubes, de forma a criar o ambiente necessário à sua favorável realização.

O uso de entrevistas em pesquisas qualitativas é tema recorrente e rodeado de alguma controvérsia nas discussões académicas, pois trata-se de um procedimento de recolha de informações que muitas vezes é utilizado de forma menos rigorosa do que seria desejável. Cabe-nos a nós pesquisadores, explicitar as regras e pressupostos teórico/metodológicos que norteiam o nosso trabalho, de modo a ampliar o debate acerca da necessária definição de critérios para avaliação da confiabilidade das pesquisas científicas que lançam mão desse recurso.

Aplicámos um procedimento consistindo de três passos:

- Definição de categorias (explicitam que segmentos pertencem a determinada categoria);

- Regras de codificação (regras que permitem uma integração inequívoca);
- Exemplos de âncora (citam-se segmentos de texto específicos).

Conduziu-se então o entrevistado através de uma entrevista não estruturada (a condução por parte do entrevistador é mais flexível, podendo orientá-la com a sequência e as questões que julgar mais convenientes, de acordo com a sua sensibilidade e tacto. As questões apresentadas são, sobretudo, abertas, isto é, o entrevistado tem a possibilidade de exprimir e justificar livremente a sua opinião. Neste tipo de entrevistas, não existe uma lista pré-definida de questões que possa ser rigorosamente seguida. O entrevistador tem, apenas, um guia de tópicos que lhe recorda os temas sobre que deve inquirir). Procedeu-se à realização de três entrevistas: a primeira, ao coordenador de formação do clube de orientação profissional e as outras duas aos treinadores de um clube representativo da região centro.

3.2.3. Dados demográficos e disciplinares

Foi recolhida a mobilidade dos jogadores do clube de orientação profissional e o clube de formação e indicadores disciplinares relativamente ao clube profissional e dados relativos ao clube mais representativo da cidade de Coimbra nos escalões de juvenis e iniciados durante a fase regular.

3.3 Procedimentos

Quanto aos procedimentos, antes da entrega dos questionários foi elaborado um pedido ao coordenador de formação do clube de orientação profissional e, por sua vez, uma explicação do estudo em si ao coordenador do departamento pedagógico. Após aprovação, organizaram-se as visitas com

antecedência do investigador ao local do treino de forma a ministrar os dois questionários e a Ficha de Identificação do Treinador aos respectivos treinadores principais de cada escalão. Foram realizadas visitas aos treinos dos quatro escalões de formação com o *Director Desportivo* do respectivo escalão a providenciar um melhor entendimento e explicitação de normas de execução do questionário sob a vigilância do investigador, elucidando os jovens que as respostas eram confidenciais e como tal, deviam responder o mais honesto e sincero possível.

O coordenador de formação foi depois oportunamente entrevistado através de 12 questões de resposta aberta. Estas questões compreendem desde a perspectiva da formação nacional até ao plano de formação do clube, as perspectivas para estes jovens e o processo desenvolvimentista inerente. No que toca à acção disciplinar do clube da região centro realizámos a análise dos dados na secretaria do respectivo clube. Procurámos recolher todos os dados possíveis de forma a averiguar o desenrolar do comportamento da equipa em termos disciplinares durante a fase regular do campeonato.

Em relação aos procedimentos com o clube de vertente formativa, a recolha dos respectivos questionários aos dois escalões em questão e Fichas de Identificação do Treinador decorreu no mesmo dia com a colaboração de alguns funcionários da edilidade local e com as regras já enunciadas de controlo da realização dos mesmos.

3.4 Análise de dados

No tratamento dos resultados obtidos usámos um modelo estatístico, utilizando, para isso, o programa de cálculo SPSS, versão 15.0 (*Statistical Package for the Social Sciences*), tendo primeiro codificado todas as afirmações do referido instrumento. Em relação à metodologia utilizada procedemos a uma análise através da estatística descritiva e t-teste (teste paramétrico) em relação aos questionários TEOSQ e SAQ. O t-teste vai permitir averiguar se há ou não diferenças estatisticamente significativas entre

dois grupos relativamente a uma variável, implicam que exista uma hipótese nula (a da igualdade) e uma hipótese alternativa (a da diferença). No nosso caso: jovem atleta de clube com formação profissional versus jovem atleta de clube de formação. A análise descritiva vai permitir a análise de frequências observadas, ajuda a “retratar” a amostra ou população em estudo.

Através da metodologia explicitada ao longo deste capítulo e conscientes das suas limitações, tentámos o mais possível que os resultados se apresentassem com validade e fiabilidade neste contexto em particular e, assim, atingir os objectivos inicialmente propostos.

CAPÍTULO 4

Resultados e Discussão

4.1. Entrevistas

A fase maior de análise analítica consistiu na codificação dos dados. Os códigos iniciais foram usados de forma a quebrar a informação em unidades com valor informativo e começar a identificar processos. Os códigos em destaque com maior sentido analítico e que capturaram os dados de forma mais precisa e completa foram usados para regular quantidades maiores de dados. Por exemplo: “Perspectiva desenvolvimentista nas camadas de formação do clube”.

A partir daí, procedeu-se à construção de sub eixos temáticos, cada vez mais precisos e específicos em relação ao objecto de pesquisa, em torno dos quais foram organizadas as falas dos entrevistados, recolhidas a partir da fragmentação dos discursos. De seguida procedeu-se à articulação dos conteúdos dos diferentes eixos e sub eixos temáticos, conduzida pelo pesquisador a partir dos seus pressupostos.

Considerámos como primeiro entrevistado E1, o coordenador de formação do clube de elite; E2, o treinador dos sub 16 de um clube com equipa profissional da região centro mas de menor dimensão e E3, o treinador dos sub 14 dessa mesma equipa. A entrevista individual começou com várias questões para criar ambiente favorável ao diálogo, de forma a facilitar o diálogo com os participantes e conhecê-los melhor de um ponto de vista motivacional. (Exemplo: “Como se vive dentro deste clube?”, “Qual a situação actual das equipas de formação?”). Depois destas questões iniciais foram-se colocando as questões da entrevista. Algumas perguntas subsequentes foram alteradas de forma a ir de encontro a cada participante. Procurou-se não constranger as

respostas dos participantes. Todas as entrevistas duraram entre 15 a 20 minutos. Considerou-se três grandes eixos temáticos, dimensões que constituem categorias aglutinadoras nas suas semelhanças, são elas: a Política Formativa do clube, a Formação em Portugal e Plano de Formação.

4.1.1 Categoria Política Formativa do Clube

Objectivos gerais que norteiam a politica formativa do clube

Constata-se que a formação de jogadores adquire uma nuance relativamente diferente de acordo com os próprios objectivos da instituição enquanto estrutura inserida no sistema desportivo nacional. Apesar de o pano de fundo ser claramente formar jogadores para a equipa sénior, E1 garante que a formação se constitui:

“...aliado a um percurso de vitórias e com a obtenção de um máximo de campeonatos possíveis, em cada escalão, no fundo formar para ganhar”

Ao passo que na equipa representativa da região centro torna-se saliente o facto de se:

“Formar jogadores para integrar a equipa sénior. “Pretendemos que fiquem ligados ao clube no imediato na ligação de júnior para sénior ou então num prazo de dois a três anos que retornem ao clube” (...) atingir as fases finais dos campeonatos nacionais

Constituem objectivo de E2 e E3, onde crêem ser necessário apostar na formação e um especial realce para a necessidade de educação dos atletas para a vida desportiva e pessoal futura,

“...não se pode fugir aos jogadores que não conseguem fazer a passagem (...) formar Homens, valores consistentes e espírito de equipa...”

Perspectiva desenvolvimentista nas camadas de formação do clube

A especificidade de tratamento requer uma análise mais cuidada do atleta que se desenvolve de forma contínua, em cada escalão. Sendo que numa fase inicial, segundo E1

“A principal preocupação está no desenvolvimento técnico, trabalho de técnica individual, é uma preocupação constante (...)”

Com o avançar da idade, surge uma segunda fase onde se centra,

“O conhecimento profundo do jogo e aumento da complexidade do mesmo à medida que os jogadores evoluem nos escalões (...)”

Para, numa terceira fase, com a assimilação dos conteúdos anteriores trabalha-se o

“ (...) Aumento da pressão a nível mental colocando aos jogadores determinadas condições de exigência aos quais têm de dar resposta”

Aliás, E2 corrobora o aumento de complexidade do jogo e a manutenção de exercícios padronizados, com um acompanhamento feito de perto aos jogadores que “denotam mais potencial”.

“ A estrutura do futebol tenta ser fluida e não estanque (...) os treinadores procuram reunir-se com regularidade (...) definir as linhas orientadoras, aumentando a complexidade à medida que se sobe no escalão”

Não será de obviar a natural discrepância entre as pretensões dos treinadores como E2 e E3, com propósitos claros de formação e perspectiva desenvolvimentista da carreira desportiva dos jovens jogadores e o panorama de recrutamento global assente na prospecção intuitiva em larga escala e delapidação de valores que não chegam a afirmar-se enquanto jovens. A globalização veio transformar a tradicional relação de forças fazendo desmerecer e esvaziando o carácter eminentemente formativo dos clubes de pendor não profissional. Esta divisão globalizada do trabalho cria grupos mais vulneráveis a pressões externas. Entrando novamente pela especulação reflexiva, qual será o real impacto na estrutura jovem desportiva em Portugal das academias de formação, bem como o impacto potencialmente negativo ou não de um recrutamento em baixas idades?

A política formativa de um clube determina o desenvolvimento de certos parâmetros ao longo dos escalões, onde se deve respeitar acima de tudo as leis de adaptação dos jovens (Valdivielso, 2005). Este autor defende um cuidado planeamento do treino, etapas que coincidam os estádios evolutivos dos jovens a longo prazo. Ao passo que Curado (2002) afirma a importância de não se definirem objectivos generalistas, a motivação aumenta com a quantificação e definição de prazos para alcançar o pretendido.

Política de formação dos maiores clubes nacionais

Neste ponto encontramos duas perspectivas distintas e complementares. E1 complementa uma política de alto rendimento centrada em si próprio, na demonstração de competência intrínseca, ao invés das equipas adversárias,

“Preocupamo-nos mais connosco e com o nosso trabalho diário, bem como analisar os nossos jogos (...) gostamos de ver os outros clubes a trabalhar bem pois assim melhor será o nosso futebol e assistimos a um aumento da qualidade verificada em Portugal.”

Ao invés, E2 refere, como sinónimo da grandeza dos grandes clubes nacionais,

“A grande rede de prospecção, os jovens não são formados desde as Escolas nesses clubes, passam aí os últimos anos da sua Especialização.”

Apesar de achar que o seu clube começa a aproximar-se dos grandes clubes nacionais. Neste ponto, E3 parece estar em sintonia quando afirma que “parece-me que estão a apostar muito na formação” facto que se justifica porque

“ As condições de trabalho melhoraram muito e aos poucos os clubes começam a colocar cada vez mais atletas da formação na equipa principal.”

A este respeito penso que existem mais algumas condicionantes que não permitem a integração mais profunda de jovens atletas na equipa principal. E3 é categórico na sua afirmação, contudo, existem constrangimentos importantes que não nos permitem inferir com tanta segurança. A necessidade de rápidos retornos financeiros aliado ao facto de Portugal se constituir

malfadadamente um entreposto de jogadores oriundos especialmente da América Latina impossibilita o ensejo da formação.

As ambições e o que querem para o futuro

A ideia base para E1 reside na capacidade que a formação tem no fornecimento de jogadores à equipa A, para poderem jogar ao mais alto nível, por exemplo, na liga dos campeões.

“Como sabemos que é comum o erro humano então queremos torná-los mais fortes, competentes, conhecedores do jogo.”

E2 reafirma, a outro nível, o desejo de criar uma estrutura que cimente a posição do clube na região bem como

“Cimentar a posição dos vários escalões nos campeonatos nacionais. Depois, pouco a pouco, intrometer-se no acesso às segundas fases.”

E3 além de comungar com a ideia do colega no assumir claramente o acesso às 2ª e 3ª fases do campeonato nacional, pensa cada vez mais haver a necessidade de melhorar a qualidade do processo de ensino-aprendizagem

“De forma a rentabilizar ao máximo o potencial desportivo de cada jovem atleta.”

Este potencial desportivo subentende mais do que o capital meramente físico e técnico-tático, mas também o capital social inerente a cada jovem jogador que se quer um cidadão respeitador e pleno nas suas obrigações para com a sociedade.

4.1.2. Categoria Formação em Portugal

Filosofia de formação do clube no enquadramento nacional

Neste momento, E1 no seguimento da sua vertente de formação de elite reforça a ideia de que o clube não se vê na necessidade de enquadrar a sua política formativa em alguma categorização sendo que a “cultura do clube” é prioritária sem necessariamente descurar o ambiente nacional e enquadramento internacional onde o clube permeia.

“ (...) Estamos atentos a tudo o que nos rodeia (...) aos diferentes tipos de futebol, temos todo o cuidado com o enquadramento interno (...)”

Já E2 salienta a necessidade de aproximação aos clubes de topo, iniciando um trabalho de “recrutamento nacional dos jogadores” na constituição de uma academia de formação representativa.

“Se continuar assim, temos capacidade para nos aproximarmos dos grandes clubes”

Onde se verifica que:

“Ano após ano é importante disputar as competições nacionais, aumentar a competitividade com qualidade.”

E3 reportou-se especificamente ao escalão onde treina, pretendendo desenvolver:

“Um conhecimento específico relativo à forma de jogar (...) deverão ser capazes de serem organizados (...) apresentar rotinas tácticas evoluídas baseadas no conhecimento do próprio jogo. Os jogadores têm que querer ter a bola, a

criatividade/imaginação é uma das características dos jogadores da equipa...”

E2 apresenta alguma ambição quando refere que os seus jogadores têm que “jogar para ganhar” perspectivando uma boa atitude competitiva alicerçada num bom espírito de equipa, onde a equipa ganha à individualidade. Das suas palavras depreende-se que a organização da estrutura do futebol segue de perto os objectivos gerais do panorama dos grandes clubes nacionais.

Os espaços físicos disponíveis para as áreas de formação que se assemelhe em qualidade aos espaços de jogo (Cunha, 1999). Obviamente que a melhoria dos recursos materiais necessitam de uma exploração efectiva dos recursos humanos existentes, tanto no seu profissionalismo como na sua formação académica, para consumir concretos planos de formação avalizados e, então, consumir uma aproximação aos clubes de topo nacionais, nomeadamente na capacidade que estes manifestam em recrutar jogadores de longe.

De igual forma, assiste-se a uma descaracterização dos clubes tradicionais na medida em que funcionam primordialmente como substrato para os grandes clubes nacionais e, como se antevê pelas afirmações de E2 e E3 começam a sê-lo também para os clubes de categoria nacional. Esta situação provoca uma desvirtuação dos próprios clubes regionais que se revisitam muito pelo aspecto formativo e delapida ainda mais o associativismo português.

A importância de um plano de formação contínuo para treinadores

A formação como sinónimo de qualidade é transversal a todos os entrevistados. É necessário acabar com “os desvios e o trabalho defeituoso que alguns treinadores desenvolvem”, segundo E1. Este entrevistado pensa ser importante a existência da figura de

“Treinador de formação, eles estão sempre à espera de dar o salto porque ser treinador de jovens não é tão apetecível, se os agentes não querem pagar uma factura elevada têm que formar treinadores (...)

Das afirmações de E1 constata-se que, se por um lado existe a preocupação de formar com qualidade os jovens jogadores fornecendo-lhes um ambiente propício ao desenvolvimento das suas capacidades, jovens “conhecedores do jogo” como aliás salienta, por outro, o carácter inócuo do estatuto de treinador de formação compromete o alcançar dessas mesmas aprendizagens. Não se consegue conciliar a ideia de uma formação com qualidade com treinadores com orientações distintas, viradas para o rendimento. Afinal de contas, a formação de um jovem desportista é um processo pedagógico que requer especializações a vários níveis.

Numa sociedade de conhecimento e serviços, o diploma, grau académico tende, numa tendência mais generalizada, a repercutir o acesso a uma mobilidade maior no seio dessa mesma sociedade. No caso particular do futebol jovem, o incontornável investimento nos recursos humanos significa apenas o ajuste estrutural que tem que ser percorrido para obtermos uma formação de qualidade superior. Não o conseguiremos se não formarmos treinadores de formação competentes.

E2 e E3 sentem a necessidade de formação constante de forma a adquirir novos conhecimentos num caminho que se prevê fundamental no aumento de qualidade. E2 refere que,

“A formação é sinónimo de qualidade. Torna-se importante completar a oferta de formação para os treinadores.”

E3, por seu turno, para a referida qualidade no processo de ensino-aprendizagem, é necessário que

“O treinador tem de estar constantemente a consolidar os conhecimentos que possui e a adquirir novos (...) a pesquisa e a investigação individual são dois caminhos muito importantes e fundamentais.”

È premente a necessidade de especialização do treinador de jovens, ela requer uma regulamentação e organização da formação de treinadores em Portugal (Adelino, Vieira, Coelho, 2005), uma especialização no treino com crianças e jovens (Gonçalves, 2005).

Parece sentir-se a necessidade que exista como afirma Coelho (2004), uma nova atitude pedagógica perante a prática desportiva e uma preocupação com a perspectiva da participação das crianças e jovens e a forma como os diversos agentes desportivos se comportam e intervêm. Existe um claro desfasamento entre as necessidades e a prática desportiva das crianças e jovens, pelo que deve existir uma clara distinção em relação à prática desportiva dos adultos.

Neste sentido penso ser muito importante cada vez mais especialização no campo do treino de jovens, sujeitos conhecedores da prática com profundos conhecimentos académicos e um constante interesse em actualizar conhecimentos. Mas o processo de formação de treinadores da Federação Portuguesa de Futebol/FPF, com a sua hierarquização conducente a níveis de especialização cada vez mais altos, não parece responder a estas questões.

4.1.3. Categoria Plano de Formação

Preocupação com o desportivismo

As práticas desportivas correctas a todos os níveis durante o próprio jogo e no respeito por todos os intervenientes como salienta E1

“O fair play em jogo, treino, comportamentos sociais a todos os níveis (...) tendo em vista a aprendizagem de comportamentos ajustado àquilo que é ser-se do clube.”

E2, refere que a aprendizagem de “práticas desportivas correctas “ é feita no balneário, escola e amigos. E3 afirma em jeito de complementaridade, a responsabilidade do formador de jovens na formação de agentes desportivos que irão actuar a vários níveis.

“O fair-play e o desportivismo deverão estar presentes em todos os agentes desportivos (...) é algo que tem de preocupar quem é responsável pela formação de jovens”

Este ponto revela-se de alguma importância quando se sente nesta declaração uma preocupação com o futuro,

“Só com uma formação e conduta correcta poderemos melhorar o fraco panorama que vivemos hoje em dia no futebol português em termos de desportivismo e fair play.”

A resposta é unânime. Todos relevam a necessidade de formar para os valores. Gonçalves (2005) refere a este propósito a dificuldade que é modificar comportamentos e valores, para além da sua importância na elaboração de padrões de comportamento e de um conjunto de valores que deverão ser transmitidos aos jovens, é algo que se constrói.

Duda (1996) refere, por exemplo, que o desporto organizado reforça estilos de vida activos. A instituição do cartão azul para controlar os “palavrões” em jogos de futebol de jovens pode ser uma realidade na próxima época em

Portugal. A ideia é promover a formação, com qualidade, num espaço que tem que proporcionar um ambiente pedagógico.

Os jovens jogadores de elite são intensamente acompanhados nos seus comportamentos sociais. Esta preocupação traduz um íntimo contacto entre o dirigente responsável pelo escalão, o treinador das respectivas equipas e o departamento pedagógico que subentende o controlo correctivo e atitudinal dos jovens, num clima inter-disciplinar.

Os jogadores depois de terminarem a sua formação

Nesta pergunta distingue-se claramente dois tipos de resposta. E1 refere a capacidade de jogo que entretanto o jovem adquiriu e que lhe vai servir de base a “diferentes dinâmicas de base que lhe sejam apresentados”. No fundo propiciar-lhes,

“Um conhecimento profundo do jogo, habituados a muito rigor no trabalho, habituados a ultrapassar barreiras difíceis com sucesso (...)”

Aliado claro, a uma boa capacidade técnico tática, capacidade de ultrapassar adversidades e capacidade de trabalho.

De igual forma, o conhecimento profundo do jogo serve para jogar a níveis competitivos inferiores como diz E2 e E3 caso o profissionalismo não seja a realidade. Este último, com uma “formação desportiva, social e escolar muito sólida e qualitativamente muito boa.”

No seguimento desta ideia, E2 alerta para a dificuldade de penetração dos jogadores jovens no plantel principal. A vinda de jogadores estrangeiros dificulta esta entrada de jogadores que entretanto militam em escalões secundários, sendo que,

“ A política do clube passa por apostar em jogadores estrangeiros que muitas vezes não correspondem. Este processo de aposta nos mais jovens requer paciência, desculpar o erro”.

A passagem por outros escalões, no entender de Cunha (1999) afasta-os do nível competitivo do seu clube de origem e o seu regresso é acompanhado de um défice de formação que afecta o normal desenvolvimento de aprendizagem. Já Coelho (2004) refere que a relação entre seleccionar e eliminar constitui um problema educacional e social muito sensível. O desporto superioriza-se à pessoa, proporciona um significado para a vida, num percurso de desenvolvimento humano (Serpa, 1998). Será pertinente um futuro estudo que contemple estes jogadores que militam em clubes inferiores e cujo passado desportivo foi realizado em parte num clube de maior gabarito.

Apoio à vida desportiva e pessoal dos atletas

O clube de E1 possui um departamento pedagógico responsável “atento ao desenvolvimento desportivo e social”, uma máquina grande onde nada lhes falta, porque os dirigentes sabem

“ A realidade de um desporto que escolheram (jogadores), onde todos querem chegar ao topo e poucos conseguem (...) precisamos de chamar a atenção para a realidade que é o mundo do futebol.”

E2 e E3 referem basicamente alguma ajuda e apoio a jogadores que se encontram deslocados da sua terra natal, nomeadamente,

“O clube tem jogadores que são de fora e providenciam alojamento, alimentação e acompanhamento tutorial (à guarda do clube) que faz o papel dos pais em algumas tarefas. Também

*fornece alguma ajuda (Jogadores com dificuldades monetárias)
(...)”*

Um ponto importante nas afirmações de E1 reside na tomada de consciência de que o clube fornece o ambiente necessário para um jogador evoluir e alcançar grandes patamares, bem como a necessidade de corrigir potenciais desvios num mundo exigente e desafiante. O clube reforça a sua componente social na ajuda a atletas deslocados da sua família em terra idade e onde as ligações afectivas são fortemente umbilicais, pelo que este apoio maternalista confere uma dimensão solidária abrangente nos cuidados a ter na formação.

Contudo, esta separação do seu *locus* ambiental pode reproduzir manifestações psicológicas adversas, especialmente quando realizado nas idades mais baixas, o que eleva ao expoente a necessidade de um apoio pedagógico constante. Os entrevistados do clube de orientação profissional e do clube representativo da região centro inferem essa preocupação e ajuda que se manifesta de diversas formas. Contudo, o que resulta da selecção de jogadores destes dois clubes pode traduzir um desvelo para com os jogadores que não atingem os patamares exigidos. Pois, a chegada ao topo da performance desportiva representa condicionalismos próprios externos aos jovens e que, eventualmente, transportam consigo percepções de competência diminuídas e uma avaliação disposicional inferior. Como são acompanhados os jogadores que não alcançam o profissionalismo, em fase de mobilidade desportiva descendente como retratado no clube de pendor formativo que o estudo revela?

O treinador não se pode concentrar apenas nos esforços e desempenhos dos jogadores, interessam-se também no dia-a-dia das suas vidas pessoais (Curado, 2002). De igual forma Cunha (1999) refere ser fundamental a existência de quadros que apoiem o desenvolvimento do jovem na sua orientação escolar e outras vertentes culturais da sua formação,

nomeadamente um responsável pedagógico. Este acompanhamento regula constantemente os níveis de aprendizagem adquiridos e uma área de estudo extracurricular permanente.

Patamar de excelência

E1 refere a necessidade de criar jogadores que sirvam o clube e selecções nacionais com competência, torná-los jogadores completos.

“O jogador o mais completo possível (...) estando num patamar de excelência sempre com muita competência, através de treinadores de excelência.”

Esta procura de treinadores de excelência contrasta com a fuga de treinadores da formação para o desporto de rendimento. E2 coloca o acento tónico na capacidade que o clube tem em fornecer equipas para as segundas fases dos campeonatos nacionais, pois “a exigência é maior”. E3 foca a necessidade de completar o indivíduo o mais possível. A evolução passo a passo para poder

“ Melhorar o potencial desportivo de cada um dos atletas do plantel e principalmente proporcionar (...) momentos positivos que serão mais tarde recordados com agrado por estes”

A este respeito Coelho (2004) afirma a necessidade de se acentuar o carácter agradável e de prazer que a actividade desportiva encerra, encorajar o esforço e progresso individual, bem como estabelecer objectivos realistas e fazê-los acreditar no seu potencial.

O objectivo vai variando consoante o lugar ocupado pelo clube em questão no panorama nacional. De qualquer forma, a procura da individualização é imprescindível para se alcançar a excelência (Curado, 2002). Refere ainda que são objectivos de competição os de fornecer jogadores para

as selecções regionais, distritais e nacionais. Esta integração deve ser apreciada sempre numa lógica de desenvolvimento, não devendo alhear-se o seu processo de formação (Adelino, Vieira, Coelho, 2005).

A propósito dos atletas de alto nível, o caminho para a excelência baseia-se na capacidade por eles demonstrada em perseguir o trabalho árduo quando encaram os fracassos, devem ser capazes de exercer elevados níveis de comprometimento com o treino, manter elevados níveis de esforço e ser persistentes como afirma Duda (2001). Devem, por isso, participar em climas altamente orientados para a tarefa.

Quando E1 faz referência aos “treinadores de excelência” reporta para uma realidade que mais uma vez contrasta fortemente com as suas afirmações relativas aos treinadores de formação que estão à espreita para dar o salto. Já E3 afirma que o patamar desportivo desejável inclui melhorar o “potencial desportivo” e, de forma algo contraditória, proporcionar “momentos positivos” que reflectam agrado no exercício das actividades. Esta assumpção torna-se incompatível com o ensejo de E2 e E3 no que toca à aproximação do modelo estrutural rígido do clube de elite de E1.

Escalões em idade cronológica

O respeito pelo aspecto maturacional coincide com o respeito com o “aumento da complexidade de jogo” e do treino. E1 justifica-se com a diferença que se faz de uma criança para a outra com apenas um ano de diferença, o que traduz um respeito pela individualidade e progressão maturacional de cada jovem.

“Cada ano biológico corresponde a um determinado conteúdo de treino e de jogo”

E2 justifica a divisão em idades cronológicas pela imposição da federação nos seus quadros competitivos, a sua divisão baseia-se nos escalões imposto pela federação, sem a divisão por ano como acontece no clube do E1. As competições fundamentam-se na idade cronológica do praticante.

E3 concorda com a divisão por idade biológica, apesar de não existirem recursos para operacionalizar estas ideias, justificando essa necessidade pelo facto de que

“Não haveria os desfasamentos que se verificam principalmente nos escalões de iniciados e juvenis e os grupos de trabalho seriam mais homogéneos e as competições seriam mais equilibradas.”

Devemos ter ideia clara de que os jovens podem diferir até 4/5 anos no que se refere ao respectivo nível de maturação. As informações de índole sexual e diferenças ao nível somático determinam a idade biológica dos atletas, pelo que é importante na adaptação ao treino (Valdivielso, 2005). De qualquer forma, este debate já provou ser uma estrada sem saída, sendo improvável a exequibilidade da divisão dos escalões por idade biológica.

Integração de jovens atletas maturacionalmente avançados no escalão seguinte

Neste ponto, E1 refere vários pontos de interesse. Primeiro, a transição de um jogador para um escalão superior verifica-se de forma natural no seio deste clube “ o importante é a forma como ele se desenvolve e pratica o jogo”.. Esta passagem é feita tendo por base

“O entendimento do jogo, se entende e se tem dinâmica já avançada para transitar para outro escalão (...)”

Refere ainda e por último, que este salto não tem por base valores antropométricos, como a altura ou força mas a compreensão da dinâmica de jogo.

E2 refere, de outro ponto de vista, uma passagem de escalão feito no final da época como preparação para a próxima, os jogadores com mais qualidade preparam então o salto ponderado que vai conferir “uma qualidade de treino”.

O desafio para os adultos que treinam e desenvolvem os jovens jogadores é providenciar oportunidades para o rapaz de maturação tardia e rapariga de maturação precoce para experimentarem o sucesso no desporto (Cumming, Standage & Malina, 2004). Aliás, a diferença que pode ir até 24 meses em jogadores do mesmo escalão, deve permitir uma reestruturação dos escalões de formação e permitir a descida de escalão (Coelho e Silva, 2001).

Podemos inferir da análise de conteúdo das três entrevistas realizadas, certas tendências na denominada cultura desportiva. Percebe-se a vontade de ganhar e o pendor competitivo nos dois clubes em questão apesar do clima percebido no clube orientado profissionalmente comportar um maior ênfase na vitória e uma formação para ganhar. Estas diferentes culturas comportam riscos e ameaças diversificados e será interessante verificar a profundidade que o impacto do clima e diferentes filosofias de enquadramento se reflectem nas respostas aos inquéritos psicométricos administrados. O clube de orientação profissional assenta numa filosofia empresarial assente na produção de activos, ou seja, atletas que representem um retorno financeiro da sua formação e possibilitem um balanço positivo no relatório de contas presente aos accionistas na sua sociedade anónima desportiva. Um factor adicional parece ser a vontade do clube de E2 e E3 em efectuar uma aproximação ao clube de elite e alcançar um patamar semelhante

nomeadamente na rede de prospecção de jogadores e aumento da competitividade das suas formações jovens.

4.2. Caracterização da mobilidade dos atletas

No quadro seguinte está descrita a mobilidade interclubes existente no clube de alto rendimento em questão nas camadas de formação de iniciados e juvenis. Dos 85 atletas que constitui a amostra apenas 8 jogaram em mais de dois clubes para além do actual, o que corresponde a 9%. De notar que apenas 15 jovens jogadores fizeram todo o seu percurso no clube em questão, pertencendo 4 aos sub 14, 3 aos sub 15, 3 aos sub 16 e 5 aos sub 17 e apenas 18 têm como último clube o referido no estudo em causa, o que representa 21% do total de jogadores que constituem o grupo de elite. Estes resultados demonstram que o clube é um centro de recrutamento de jovens potenciais atletas de alto rendimento. O grosso dos clubes que forneceram os jogadores para os iniciados e juvenis pertence à região norte do país.

Tabela 4. Clubes anteriores dos jovens que constituem a amostra, grupo de alto rendimento

	Escalão							
	Sub 17		Sub 16		Sub 15		Sub 14	
	1º Clube	Último Clube	1º Clube	Último Clube	1º Clube	Último Clube	1º Clube	Último Clube
Clube de origem (Antes de Ingressar no clube)	-	Beira Mar	-	FCP 47	-	Leixões	-	FCP
	-	FCP	-	GD Chaves 48	-	FCP	Escola Fernando Pires	SC Braga
	-	Dragões Sandinenses	-	FCP 49	-	Beira Mar	-	FCP
	-	FC Cristelo	-	FCP 50	-	SC Lourinhense	-	Felgueiras
	-	FCP	-	UD Oliveirense 51	-	Ermesinde SC	-	Paços de Ferreira
	-	Dragões Sandinenses	-	CD Feirense	-	FCP	-	Pedras Rubras
	-	Paredes	-	Vilanovense FC	-	SC Coimbrões	Vianense	Luciano Sousa
	-	Trofense	GD Mealhada	AA Coimbra	-	FCP	Esc. H. Gonçalves	CD Candal
	-	Boavista	-	Progresso	-	RD Águeda	-	Varziela
	-	Ermesinde	-	Fintas	-	CreCOR	-	Vitória
	Imortal	Vilanovense	U. Lamas	Boavista FC	-	Feirense	-	FC Barros
	-	Varzim	-	FCP	-	SC Espinho	-	Paços de Ferreira
	-	FCP	Escola Fernando Pires	SC Braga	-	Maia	-	Paços de Ferreira
	-	Paços Brandão	-	Rio Ave	-	Famalicão	-	Trofense
	-	FCP	-	Gil Vicente	-	AD Esposende	-	FCP

Continua

Continuação da Tabela 4

-	Famalicão	-	Esperança AC	-	-	Vianense	Luciano Sousa
-	Águilas (Múrcia, ESP)	-	Unidos do Porto	-	-	-	FC Maia
-	GD Chaves	-	-	-	-	-	Portimonense
-	FCP	-	-	-	-	-	Trofense
-	Gondomar SC	-	-	-	-	-	AD Pedroso 20
-	Nacional	-	-	-	-	-	FC Coimbrões
-	SC Espinho	-	-	-	-	-	SC Paivense
-	-	-	-	-	-	-	FCP
-	-	-	-	-	-	-	FC Penafiel
-	-	-	-	-	-	-	FC Lourosa
-	-	-	-	-	-	-	FCP
-	-	-	-	-	-	-	FCP
-	-	-	-	-	-	-	Grémio
-	-	-	-	-	-	-	Alpendorada
-	-	-	-	-	-	-	Câmara Lobos
-	-	-	-	-	-	-	FCP

Do Q3 resulta a constatação da mobilidade ascendente dos jogadores pertencentes aos quadros de formação do clube de elite. À medida que nos deslocamos para as últimas etapas são mais os jogadores que provieram do clube em questão, o que é significativo também do nível de recrutamento que se verifica desde as mais tenras idades. O clube de orientação profissional apresenta uma rede de prospecção nacional apesar de claramente se evidenciar uma maior capacidade de recrutar atletas numa dimensão regional, o que em certa medida é um paradoxo em relação à estrutura de “olheiros” que estes clubes evidenciam. Ou seja dos jogadores recrutados com base no

sistema de prospecção nacional, com “olheiros” destacados numa base distrital e coordenadores gerais em cada distrito, o espaço preferencial de recrutamento continua a ser o norte de Portugal.

Decorrente de uma análise descritiva mais minuciosa verifica-se que 82% dos 85 jogadores que compõem a amostra do clube profissional são provenientes da região norte, 21% dos quais já militavam o clube de elite em anos anteriores, ou seja, 61% dos jogadores recrutados são provenientes da região norte do país. Verificamos igualmente que 9% dos jogadores provêm da região centro, 4% da região sul, 2% das regiões autónomas e 2% do estrangeiro.

Tabela 5. Clubes anteriores dos jovens que constituem a amostra, grupo de pendor formativo

	Escalão			
	Sub 16		Sub 14	
	<i>1º Clube</i>	<i>Último Clube</i>	<i>1º Clube</i>	<i>Último Clube</i>
Clube de origem (Antes de Ingressar no clube)	-	S. Martinho	União Coimbra	AAC
	-	AAC	-	AAC
	-	Vilela	-	ADC Adémia
	-	AAC	-	AC Esperança
	-	ADC Adémia	-	AAC
	-	ADC Adémia		AAC
	-	AC Esperança	-	AAC
	-	AAC	-	AC Esperança
	-	ADC Adémia	-	Casaense
	AAC	União Madeira	União Coimbra	AAC
	-	AAC	-	CPMiranda Covo
	-	União de Coimbra	-	ADC Adémia
	-	União Coimbra	-	União Coimbra
	-	AAC	-	ADC Adémia
-	n/r	-	ADC Adémia	

--	--	--	--	--

Continua

A tabela seguinte traduz a mobilidade relativa dos jogadores que militam num clube claramente orientado para a formação, de pendor não profissionalizante.

Continuação da Tabela 5

	-	ADC Adémia	-	ADC Adémia
	-	AAC	Vigor	AAC
	-	Vilela	-	ADC Adémia
	-	ADC Adémia	AAC	ADC Adémia
	ADC Adémia	SC Ribeirense	-	AC Esperança
			AAC	M.Bairro Rosa *
			-	União Coimbra
			-	n/r
			-	AC Esperança
			-	AAC
			-	AAC
			-	Meyrin (CH)

Dos jogadores analisados no clube não orientado profissionalmente nota-se que existe grande mobilidade entre os clubes que gravitam a cidade. O jogador com asterisco (*) jogou futsal no clube em questão e dois atletas não responderam à pergunta (n/r). Vê-se que são mais os jogadores que percorrem todos os escalões de formação do clube em relação ao clube de elite confirmando o seu pendor mais formativo. De notar que, ao contrário da mobilidade ascendente do clube de alto rendimento acima esquematizado, verificamos uma mobilidade descendente no clube de tendências claramente

orientadas para a formação, esta mobilidade quantificada representa sensivelmente 44% de jogadores, num total de 20 respostas (Tabela 6).

Aprofundando ainda mais a questão verificamos que 53% de jogadores (n=25) não sofreram mobilidade descendente e 3% não responderam à questão (n=2). Das 25 respostas, 52% (n=13) são jogadores que militavam em clubes de dimensão similar ao clube em análise, enquanto que, sensivelmente, 48% (n=12) provêm do clube de formação em análise, ascendendo naturalmente de escalão, sendo que 42% nos juniores B (n=5) e 58% nos juniores C (n=7). O quadro seguinte caracteriza a distribuição da mobilidade descendente por escalão.

Tabela 6. Quantificação da mobilidade descendente observada por escalão no clube de formação

	Nº de Jogadores	% de Jogadores
Juniores B (sub 17)	9	47
Juniores C (sub 15)	11	42

Foram muitos os jogadores que provieram do clube mais representativo da região, o que de forma meramente especulativa pode significar um condicionamento psicológico negativo e favoreça a aproximação dos itens de orientação para o ego em relação ao clube de elite, resultando em diferenças pouco significativas entre os dois clubes. De qualquer forma, a mobilidade desportiva descendente num clube de pendor formativo acarreta, de forma natural, estados psicológicos de insucesso que comprometem o comportamento para a realização de objectivos.

Cruzando os dados entre os dois clubes e apesar dos grupos na sua representação, na amostra, não se assemelham em número, o clube de elite apresenta 21% dos jogadores provenientes da ascensão natural de escalão contra 27% do clube de pendor claramente formativo, fruto do trabalho interno de formação. Estes resultados não são tão dissemelhantes como se fazia supor, tendo em conta as dimensões distintas das duas entidades desportivas.

O que significam estes dados? Apesar do clube de formação apresentar uma dimensão claramente inferior, as equipas dos escalões em questão apresentam um mesclado de jogadores oriundos de clubes que representam o mesmo patamar desportivo nacional traduzindo uma movimentação de jogadores jovens cujo dinamismo faz supor a procura constante de uma melhor prática desportiva, independentemente das razões apresentadas.

Se adicionarmos, no clube de formação, os jovens jogadores provenientes de clubes de maior dimensão, portanto que sofreram de mobilidade descendente, aos jovens que provieram de clubes de um patamar semelhante ao clube alvo do estudo verificamos que 73% dos jogadores movimentaram-se pela região! Estes números merecem uma análise em estudos posteriores. Provavelmente a existência de um clube com equipa profissional é uma das causas para justificar esta mobilidade. Será que esta instabilidade na plataforma desportiva regional é uma consequência local ou se, por outro lado, existe esta mecanização entre clubes em etapas de formação, de uma forma mais generalizada? E quais serão as razões apontadas para o referido, apenas desportivas, ou também de índole pessoal e dependentes do percurso escolar e familiar?

Das entrevistas realizadas aos treinadores do clube representativo da região centro ressalva que o clube em questão tem andado paulatinamente a subir, nos últimos anos, a par da sua estrutura formativa, o que se coaduna com uma outra perspectiva de recrutamento de jovens atletas. Provavelmente, e também baseado nas entrevistas realizadas aos treinadores do clube ressalva que existe um redimensionamento da formação e da própria estrutura formativa do clube. Com a criação de infra-estruturas mais condizentes com uma política formativa progressista, existe a vontade de alargar a sua rede de prospecção de uma base meramente regional para um pendor nacional e assim aumentar qualitativamente as suas equipas jovens num teor mais competitivo, assemelhando-se ao modelo de formação dos clubes de elite portugueses.

4.3. Quantificação disciplinar dos clubes

Tabela 7. Acção Disciplinar do clube mais representativo da Região Centro durante a época 07/08

Equipa Formação	Cartão Amarelo	Expulsão por Acumulação	Expulsão Directa	Jornadas sem Cartões	Total de Jornadas	Campeonato
Juniores B	34	1	3	5	22	Nacional, 1ª fase
Juniores C	24	0	0	10	22	Nacional, 1ª fase
Juniores C	5	0	0	19	24	Distrital 1ª Fase

Constata-se que à medida que subimos na pirâmide de formação e também na exigência do campeonato disputado aumenta as admoestações, tanto cartão amarelo, expulsão por acumulação e expulsão directa. O facto registado deve-se provavelmente ao stress competitivo do campeonato em questão bem como a ideia, assim que nos aproximamos do escalão maior, o sénior, de uma maior agressividade no jogo como predisposição para a ideia de ganhar a todo o custo e de um jogo moralmente comprometido na procura do melhor resultado.

Nicholls em 1988 referiu que à medida que os jovens desenvolvem as suas concepções de habilidade, eles vêm a cooperação (sensação de que todos são igualmente aptos) como virtualmente injusta. Por outro lado, Roberts (2001) complementa que a preocupação com a comparação social e normativa pode inibir o desenvolvimento de atitudes morais no atleta orientado para o ego.

Aliás, a tendência para o acumular de comportamentos socialmente negativos e moralmente comprometedores e consequentemente referenciados a uma maior orientação para o ego, à medida que subimos na estrutura

competitiva está referenciada na literatura (Blake & al, 2005; Sage et al, 2006, Sage & Kavussanu, 2007), o que deixa em aberto a ideia do agravamento da conduta disciplinar nas etapas subsequentes às referenciadas aqui no trabalho. Não conseguimos inferir tal proposição, apesar disso, os resultados nas equipas de orientação profissional surpreendentemente atestam um respeito pelas convenções sociais impostas na modalidade e também fora dela. Pelas palavras do coordenador de formação, são-lhes fornecidas todas condições de actuação, a nível escolar e desportivo de forma a que os seus comportamentos sejam aprimorados e correctos.

Tabela 8. Acção Disciplinar do clube de orientação profissional durante a época 07/08

Equipa Orientação Profissional	Cartão Amarelo	Expulsão por Acumulação	Expulsão Directa	Jornadas sem Cartões	Total de Jornadas	Campeonato
Juniores B (sub 17)	23	2	0	10	22	Nacional, 1 ^a fase
Juniores C (sub 15)	8	1	1	14	22	Nacional, 1 ^a fase

Curiosamente, o clube de orientação profissional apresenta, para os mesmos escalões um melhor comportamento disciplinar, o que contraria uma das nossas assumpções iniciais de que o clube, quanto mais profissional ele fosse mais se aproximaria de comportamentos de risco a nível disciplinar e comportamental. Aos dados observados não é alheia a existência de um departamento pedagógico que supervisiona os atletas individualmente com capacidade e instrumentos para intervir em matéria psicológica a desvios comportamentais, tanto pessoal como desportivamente como assinala E1, relativamente ao clube de elite. Não podemos deixar de supor também um maior “profissionalismo” por parte dos atletas inserido neste contexto particular. E1 prossegue realçando o clima de exigência competitiva a que os jovens são submetidos de forma a conseguirem lidar com as adversidades tanto da vida desportiva como prepará-los para a sua vida social, o que vai de encontro a Duda (2001).

Ou seja, o controlo de comportamento dos atletas é realizado na sua globalidade, uma vez que, como refere o coordenador da formação, existe a imanente preocupação em construir atletas com um carácter vincado de profissionalismo quer militem no próprio clube ou em clubes de dimensão distinta, bem como a criação de valores abnegados de persecução de objectivos na vida pessoal.

4.4. Orientação para a realização de objectivos

Relativamente à orientação para a tarefa e para o ego, a análise comparativa do efeito de representatividade do clube entre os 13 itens do TEOSQp, estão apresentados na tabela 9. Foram observadas por quatro vezes diferenças estatisticamente significativas no item 2 “aprendo uma nova técnica e isso faz-me querer praticar mais” ($t=2.285$, $p \leq 0.05$); no item 5 “aprendo algo que me dá prazer fazer” ($t=1.590$, $p \leq 0,05$); no item 9 “ganho a maioria das provas ou marco a maior parte dos pontos” ($t=1,345$, $p \leq 0.05$) e, por último o item 13 “faço o meu melhor” ($t=2.175$, $p \leq 0.05$).

Conforme a tabela 8, dos quatro itens com resultados estatisticamente significativos, três medem a orientação para a tarefa [item 2 “aprendo uma nova técnica e isso faz-me querer praticar mais” ($t=2.285$, $p \leq 0.05$); no item 5 “aprendo algo que me dá prazer fazer” ($t=1.590$, $p \leq 0,05$) e o item 13 “faço o meu melhor” ($t=2.175$, $p \leq 0.05$)]. Esta orientação para a mestria é significativamente superior no clube de orientação profissional em relação ao clube de pendor claramente formativo o que traduz uma tendência de comprometimento individual com a prática na ambiência desportiva de formação, apesar de, contudo, não se registarem surpreendentemente, e no cômputo geral, grandes diferenças entre os dois grupos analisados. Enquanto que apenas um item [item 9 “ganho a maioria das provas ou marco a maior parte dos pontos” ($t=1,345$, $p \leq 0.05$)], é estatisticamente significativo para análise na sua correspondência com a orientação para o ego.

Diversos autores têm demonstrado repetidamente que as dimensões de orientação para a tarefa e para o ego são independentes no contexto desportivo (Chi & Duda, 1995; Roberts, Treasure, & Kavussanu, 1996; Duda & Whitehead, 1998). Os resultados, apesar de não serem conclusivos vão de encontro às palavras do coordenador do clube de elite quando se reporta, relativamente à filosofia de formação do clube no enquadramento nacional à necessidade de se preocupar com a cultura do clube sem necessariamente descurar o ambiente nacional.

Aliás, segundo o seu coordenador o programa de formação tem o enlevo de procurar tornar os seus jogadores o mais completo possível, o treinador de um dos escalões do clube mais representativo da região centro (E3) também refere a necessidade de rentabilizar ao máximo o potencial desportivo de cada jovem atleta.

Estes depoimentos levam-nos a crer que a subida do patamar de excelência desportiva faz-se com acurácia e numa análise minuciosa dos atletas. Provavelmente este clima muito orientado para o aperfeiçoamento individual leva a uma orientação direccionada para a mestria, onde o desenvolvimento desportivo é tão importante como a filosofia de vitória, nas palavras do coordenador do clube de elite. Apesar de se ressaltar a ideia de que a concepção de habilidade da teoria de Nicholls não poder ser averiguada pela medida disposicional para a realização de objectivos como no TEOSQ (Duda, 2001).

Tabela 9. Estatística descritiva e t-teste para testar o efeito e nível do clube sobre os itens do TEOSQp.

		Orientação profissional n= 85		Formação n= 47		t	p
		Média	DP	Média	DP		
1	sou o único a executar as técnicas	1.31	.753	1.60	.814	-1.698	n.s.
2	aprendo uma nova técnica e isso faz-me	4.65	.479	4.38	.779	2.285	*

	querer praticar mais						
3	consegui fazer melhor do que os meus colegas	2.60	1.484	2.52	1.411	.262	n.s.
4	os outros não conseguem fazer tão bem como eu	1.98	1.289	1.90	1.136	.297	n.s.
5	aprendo algo que me dá prazer fazer	4.74	.587	4.53	.862	1.590	*
6	os outros cometem erros e eu não	1.44	1.014	1.34	.639	.499	n.s.
7	aprendo uma nova técnica esforçando-me bastante	4.47	.763	4.32	1.056	.802	n.s.
8	trabalho realmente bastante	4.43	.756	4.36	.826	.405	n.s.
9	ganho a maioria das provas ou marco a maior parte dos pontos	2.48	1.276	2.10	1.081	1.345	*
10	algo que aprendo me faz querer continuar e praticar mais	4.62	.629	4.50	.508	.983	n.s.
11	sou o melhor	1.69	1.161	1.83	1.317	-.568	n.s.
12	sinto que uma técnica que aprendo está bem	3.80	1.310	3.86	1.014	-.192	n.s.
13	faço o meu melhor	4.85	.364	4.68	.471	2.175	*

n.s. (não significativo), * ($p \leq .05$)

Na busca de realização dos objectivos pessoais ou colectivos, os jovens jogadores de diferentes níveis de competitividade realçam apropriações distintas consoante a vivência desportiva que abraçam. Estes diferentes ambientes requerem uma maior profundidade em estudos posteriores apesar de se distinguirem particularidades interessantes que distinguem claramente o clube de elite do clube de orientação predominantemente formativa.

O facto de que o item 2 “aprendo uma nova técnica e isso faz-me querer praticar mais” ($t=2.285$, $p \leq 0.05$) e o item 13 “faço o meu melhor” ($t=2.175$, $p \leq 0.05$) se relevaram do conjunto confirmam em parte os resultados e a mesma linha de pensamento de Van-Yperen e Duda (1999). Através de um estudo longitudinal procuraram estudar a relação entre a orientação para os objectivos e a crença das causas para o sucesso no caso de jogadores de futebol de elite holandeses, tendo verificado uma associação positiva entre a orientação para o ego e a crença de que a habilidade ou talento inato são determinantes do sucesso. Descobriram também que a orientação para a tarefa está ligada com as crenças de que o esforço, jogo de equipa e suporte parental contribuem para a realização de objectivos no futebol.

Não é de descuidar a possível relação entre os resultados pontuados da aplicação do TEOSQ nesta classe de jogadores e a presumível selecção de talentos baseada numa máquina de recrutamento presumivelmente nacional. Os jogadores seleccionados podem possuir determinadas características que vão de encontro à filosofia do clube e de ascensão ao mundo competitivo. Aliás Newton e Duda (1993); Duda (2001) e Pensgaard e Roberts (2002) referem ser muito importante a orientação para a tarefa em atletas de elite, no caminho que leva a uma cultura de elite onde inegavelmente encontramos valores de persistência e treino árduo, algo que vai de encontro ao clima de rigor mental que E1 afirmou.

A verdade é que apesar de, como demonstra a literatura, existir uma propensão para uma maior orientação para o ego (Van-Yperen & Duda, 1999; Duda, 2001; Weiss & Ferrer-Caja, 2002), verificámos no estudo, um desenvolvimento de habilidade auto-referenciada.

Este percurso ascendente vindo de clubes localizados, na sua maioria, na mesma linha de enquadramento geográfica hipoteticamente carregam consigo valores de esforço na busca auto-determinada de objectivos o que poderá explicar o processo de elitização. Sabemos, contudo, que uma cultura de gueto propicia vivências motoras que se encontram restringidas na classe média bem como indicadores ligados à abnegação, persistência face à adversidade relacionadas com a orientação para a tarefa. Estas constatações encontram alguma dissonância e eventual paradoxo em autores como Weiss e Ferrer-Caja (2002) que problematiza a condição das recompensas externas e o significado da comparação social criados pelo desporto de elite. Estes valores dominantes no desporto profissional, em especial, o futebol, surgem como titulares na definição de perspectivas de sucesso do jovem praticante.

Em relação ao divertimento e satisfação decorrente da própria actividade desportiva, a diferença significativa atribuída ao item 5 “aprendo algo que me dá prazer fazer” ($t=1.590$, $p \leq 0,05$) sugere que a orientação para a tarefa

favorece adaptações cognitivas e esquemas afectivos no desporto competitivo durante a adolescência resultando numa participação desportiva mais prosocial e mais adaptativa (Treasure & Roberts, 1994). Aliás os atletas de elite com níveis altos em tarefa e baixo ou moderado em ego empregam mais frequentemente o uso de técnicas psicológicas como a conversa positiva e visualização (Harwood et al, 2003; Harwood et al, 2004). A aprendizagem ligada ao prazer de executar algo de que se gosta representa um elemento fundamental de motivação intrínseca, participar na tarefa pelo gozo que proporciona. Nomeadamente na relação entre valores elevados de orientação para a tarefa e baixa orientação para o ego com o divertimento e valores elevados no ego e baixos na tarefa em relação a uma elevada percepção de habilidade e baixo esforço (Fry & Fry, 1999).

Do exposto é crível que os atletas de elite comportem uma elevada orientação para a tarefa focados no desenvolvimento das capacidades individuais e na demonstração de valores mais satisfatórios intrínsecos à modalidade.

Esta repercussão torna-se tanto mais significativa quando pretendemos analisar a equipa durante uma época desportiva num design intra-sujeitos e assim podermos atestar, com mais acurácia, a respectiva influência perspectivada pelo comportamento do treinador. De qualquer forma fica inconclusiva a ideia de se saber quais os antecedentes de prática desportiva, as respectivas influências dos treinadores na orientação para a realização dos objectivos, no caso do TEOSQ.

De estudos anteriores podemos comprovar que a orientação para o ego está relacionada com dimensões socialmente negativas do SAQ e a orientação para a tarefa com dimensões socialmente positivas, como é parcialmente demonstrado no estudo.

4.5. Atitudes face à prática desportiva

A estatística descritiva dos efeitos da representatividade do clube sobre os itens do Questionário de Atitudes no Desporto (SAQ) está expressa na tabela 9. A assumpção de que o carácter é fortalecido por intermédio do desporto tem que continuar a ser perspectivado como atesta o estudo já antigo de Bredemeier, Weiss, Shields e Cooper (1986) e Duda em 1992.

As diferenças significativas centram-se nos itens relativos ao comprometimento com a actividade desportiva em causa, neste caso, o futebol e itens relativos ao comportamento de desvio face ao desporto. Em relação ao primeiro caso, o item 1 “Vou a todos os treinos” ($t=2.606$, $p \leq 0.05$); item 6 “Dou sempre o meu melhor” ($t=2.080$, $p \leq 0.05$); item 8 “Cumprimento o treinador adversário” ($t=2.864$, $p \leq 0.05$) e item 15 “Esforço-me sempre, mesmo que saiba que vou perder” ($t=1.140$, $p \leq 0.05$).

Por outro lado, relativamente aos itens de anti-desportivismo no desporto foram significativos os itens 2 “Às vezes perco tempo a perturbar os adversários” ($t=-3.219$, $p \leq 0.05$); item 7 “Como não é contra as regras pressionar psicologicamente os adversários, posso fazê-lo” ($t=.224$, $p \leq 0.05$); o item 10 “Por vezes tento enganar os meus adversários” ($t=2,642$, $p \leq 0.05$); o item 14 “Penso que posso perturbar os adversários desde que não viole as regras” ($t=1.578$, $p \leq 0.05$) e finalmente item 23 “Tento que os adversários decidam a meu favor, mesmo que não seja verdade” ($t=2.340$, $p \leq 0.05$).

O item 2 “Às vezes perco tempo a perturbar os adversários” ($t=-3.219$, $p \leq 0.05$) foi o único que pontuou mais alto pelo clube de formação em relação ao de elite. Este facto é inconsistente com os resultados dos outros itens onde o clube de orientação profissional apresentou valores sistematicamente superiores.

Este constructo demonstra o impacto do clima motivacional percebido e a sua orientação para a realização de objectivos na criação de

comportamentos morais adequados quando cruzamos os dados com as entrevistas realizadas. O acompanhamento que o clube de elite faz dos seus jogadores e a preocupação demonstrada pelos seus comportamentos a nível desportivo e social predispõe a um funcionamento moral e níveis superiores de raciocínio social. Como demonstrado por Ommundsen et al (2003) num estudo realizado com uma amostra de 279 futebolistas noruegueses dos 12 aos 14 anos de idade, em que relacionou o clima motivacional percebido, o desportivismo com o funcionamento moral e social.

Como exercício meramente especulativo seria elucidativo, num trabalho futuro, introduzir a variável independente da idade na categorização dos resultados a ponto de inferir se os itens com significado estatístico para comportamentos anti-sociais se verificam nas etapas posteriores da formação desportiva.

Decorrente do exposto, o clube de elite apresenta um forte clima motivacional orientado para a mestria o que corresponde, de forma consequente, a níveis mais maduros de raciocínio social e moral e melhores comportamentos de desportivismo, resultados em sintonia com o estudo de Ommundsen, Roberts, Lemyre e Miller (2003) realizado a 279 jovens jogadores de futebol noruegueses.

Contudo, os comportamentos negativos de desportivismo denotam de forma subentendida, uma possibilidade de transgressão às regras convencionadas, nos itens 7 “Como não é contra as regras pressionar psicologicamente os adversários, posso fazê-lo” ($t=.224$, $p \leq 0.05$) e item 14 “Penso que posso perturbar os adversários desde que não viole as regras” ($t=1.578$, $p \leq 0.05$). Este comportamento antisocial observado rege-se contudo pelo implícito das regras, denotando-se uma conformidade racional com as convenções estabelecidas. Apenas o item 10 “Por vezes tento enganar os meus adversários” ($t=2,642$, $p \leq 0.05$) demonstra uma clara atitude anti-desportiva e revela baixo funcionamento moral, como ilustra a tabela 10.

Tabela 10. Estatística descritiva e t-teste para testar o efeito e nível do clube sobre o SAQp.

		Orientação profissional n= 85		Formação n= 47		t	p
		Média	DP	Média	DP		
1	Vou a todos os treinos	4.85	.523	4.57	.630	2.606	*
2	Às vezes perco tempo a perturbar os adversários	2.03	1.116	2.87	1.358	-3.219	*
3	Era capaz de fazer batota se isso me ajudasse a ganhar	2.53	1.592	2.26	1.570	.784	n.s.
4	Cumprimento os adversários após uma derrota	4.36	.987	4.30	1.102	.327	n.s.
5	Se os outros fazem batota penso que também o posso fazer	2.09	1.380	2.28	1.427	-.671	n.s.
6	Dou sempre o meu melhor	4.79	.412	4.57	.737	2.080	*
7	Como não é contra as regras pressionar psicologicamente os adversários, posso fazê-lo	3.54	1.393	3.47	1.570	.224	*
8	Cumprimento o treinador adversário	4.10	1.127	3.34	1.434	2.864	*
9	Faço batota se ninguém der por isso	2.02	1.218	2.00	1.438	.054	n.s.
10	Por vezes tento enganar os meus adversários	3.63	1.275	2.85	1.540	2.642	*
11	Estou sempre a pensar em como melhorar	4.63	.673	4.59	.751	.305	n.s.
12	Felicito os meus adversários por um bom jogo ou por um bom desempenho	3.95	1.300	4.14	1.134	-.710	n.s.
13	Por vezes é preciso fazer batota	2.52	1.501	2.53	1.562	-.039	n.s.
14	Penso que posso perturbar os adversários desde que não viole as regras	3.76	1.382	3.25	1.704	1.578	*
15	Esforço-me sempre, mesmo que saiba que vou perder	4.70	.540	4.56	.743	1.140	*
16	Não há problema em fazer batota se ninguém notar	1.95	1.294	2.25	1.545	-.989	n.s.
17	Seja qual for o resultado, cumprimento os meus adversários	4.48	.789	4.42	1.052	.370	n.s.
18	Se não quiser que alguém jogue bem, tento perturbá-lo um pouco	2.00	1.338	2.44	1.375	-1.511	n.s.
19	Por vezes faço batota para obter vantagem	2.06	1.320	2.07	1.361	-.022	n.s.
20	É uma boa ideia irritar os adversários	2.83	1.476	2.76	1.542	.224	n.s.
21	Não desisto, mesmo depois de ter cometido erros	4.55	.840	4.49	.768	.390	n.s.
22	Depois de ganhar, cumprimento os meus adversários	4.61	.738	4.54	.840	.511	n.s.
23	Tento que os adversários decidam a meu favor, mesmo que não seja verdade	3.95	1.263	3.19	1.674	2.340	*

n.s. (não significativo), * ($p \leq .05$)

Verificámos igualmente, tendo em linha de conta o comportamento disciplinar do clube de orientação profissional em comparação com o clube mais representativo da região centro uma menor propensão para comportamentos agressivos e anti-sociais do primeiro em relação ao segundo. Da análise de conteúdo relativamente à subcategoria “Preocupação com o desportivismo”, além de todos os inquiridos salientarem a sua importância, E1 reforça com a preocupação de se ocuparem com os comportamentos sociais dos jovens a todos os níveis enquadrados naquilo que entendem ser a filosofia do clube.

De uma forma mais vincada, os itens 6 “Dou sempre o meu melhor” ($t=2.080$, $p \leq 0.05$); e o item 15 “Esforço-me sempre, mesmo que saiba que vou perder” ($t=1.140$, $p \leq 0.05$) reforçam uma atitude intrínseca de comprometimento com objectivos pessoais na realização de objectivos no desporto. Esta conduta auto-referenciada sustenta os vértices da motivação intrínseca numa carreira desportiva a longo termo.

Ao passo que o item 8 “Cumprimento o treinador adversário” ($t=2.864$, $p \leq 0.05$), demonstra uma maior atitude prosocial e de conformidade com as regras. Esta atitude leva a considerar que o trabalho árduo e o esforço são causas para o sucesso para estes jovens jogadores de elite ao invés de considerarem a habilidade e a superação do adversário como precursoras do sucesso na modalidade.

Podemos especular que os valores estatisticamente significativos ocorridos no SAQ, o item 1 “Vou a todos os treinos $t=2.606$, $p \leq 0.05$), item 6” “Dou sempre o meu melhor” ($t=2.080$, $p \leq 0.05$) e o item 15 “Esforço-me sempre, mesmo que saiba que vou perder” ($t=1.140$, $p \leq 0.05$) que aludem a características relacionadas com o esforço e trabalho árduo correlacionam-se com os valores intrínsecos de sucesso verificados no TEOSQ, nomeadamente, o item 2 “aprendo uma nova técnica e isso faz-me querer praticar mais” ($t=2.285$, $p \leq 0.05$) e o item 13 “faço o meu melhor” ($t=2.175$, $p \leq 0.05$) ligado a

uma orientação para a tarefa na busca de realização de objectivos no desporto. Assim sendo, a análise conjunta dos dois questionários contribuem para a ideia de que a percepção de sucesso auto referenciada é dominante nos jovens do clube de elite.

Percebemos da literatura existente que um clima orientado para a tarefa associa-se à satisfação e habilidade auto-percepcionado, ao passo que uma orientação para o ego relaciona-se com a habilidade normativa percebida e uma maior atitude face à vitória, como indica o estudo de Boixadós, Cruz, Torregrosa e Valiente (2004) realizado a 472 jogadores de futebol entre os 10 e os 14 anos de idade. Ora, este clima motivacional percebido de disciplina e rigor tem implicações lógicas na realização de objectivos individuais e a sua importância crescente reside nas formas de comparação social e na definição das perspectivas de sucesso caracterizadora dos desportos de elite. Sabemos que as performances são mais visíveis e vulneráveis à avaliação feita pelos adultos e pares (Weiss & Ferrer-Caja, 2002).

No processo de elitização, em consonância com as linhas orientadores do E1, o caminho para a excelência faz-se através do aumento da pressão mental, de forma a que os jogadores sejam capazes de lidar com as adversidades tanto da vida desportiva como pessoal e educá-los no fortalecimento da sua motivação intrínseca, como referem Goudas, Biddle e Fox (1994).

4.6. Conclusões

Este estudo procurou fornecer uma perspectiva mais clara sobre a busca de realização de objectivos em clubes de elite cuja orientação altamente profissionalizante fazia supor determinado enquadramento característico de ambientes profissionais.

Tem ficado demonstrado que um estado de envolvimento na tarefa é, a maior parte do tempo, condutor na optimização da motivação. Os resultados

confirmaram em parte a hipótese avançada de que os jovens envolvidos nesse ambiente competitivo revelam resultados elevados na orientação para a tarefa apesar dos resultados não serem estatisticamente significativos na orientação para o ego.

Ou seja, o estudo apresenta valores elevados para a tarefa e valores baixos para a orientação para o ego. Estes resultados quando cruzados com as palavras de E1 reflectem uma íntima supervisão pedagógica que superentende as várias dimensões do jovem atleta, social, desportivo, escolar, o que pode explicar também os resultados do SAQ, onde é visível, no clube de elite, uma entendimento com as regras convencionadas mas também comportamentos menos claros que, no entanto, não representam um julgamento imoral e socialmente negativo. Os resultados fazem supor uma orientação para a mestria assente no desenvolvimento do indivíduo e no aprimoramento desportivo focado em valores de esforço e trabalho árduo como fruto do sucesso no desporto. Qual será o potencial impacto do papel do treinador e do clima percebido na realização para os objectivos destes jovens inseridos em esquemas de profissionalismo?

A análise qualitativa efectuada reforça uma certa comunicação sobre competências e expectativas de sucesso no desporto que aludem para o desenvolvimento individual num clima de exigência permanente. Ainda, no clube de elite, apesar de se depreender a importância que um plano de formação desportivo representa para o desenvolvimento integrado do jovem praticante, existe contudo, alguma dissonância com os resultados práticos que essa mesma política de formação pode produzir.

Através das palavras dos treinadores entrevistados do clube representativo da região centro verificámos que existe uma tendência para a procura dos modelos de formação dos grandes clubes portugueses no nível de recrutamento, apoios concedidos aos jogadores deslocados desportiva e pessoalmente. Contudo, não estão salvaguardados os interesses desportivos

quando essa ligação cessa numa fase de formação desportiva, ou os resultados imediatos dessa mesma política. Questão aliás, passível de futura análise.

O dimensionamento estrutural difere substancialmente entre o clube de elite e o clube claramente de formação demonstrado pelas mobilidades diferenciadas e parcialmente pelas percepções subjectivas de sucesso dos jovens integrantes advindas da análise do TEOSQ, apesar de necessitarmos de inclusão de dados relativos ao clima motivacional percebido nesses ambientes. Será interessante quantificar os riscos inerentes a este desenraizamento familiar precoce na moldura psicológica do jovem atleta em clube de elite. Apesar de percebermos, pelas palavras do coordenador de formação, um apoio constante aos jovens, quais as reais consequências para aqueles que não atingem tais patamares de excelência, como se comporta o clube?

Em termos de mobilidade como era de esperar, os dois clubes apresentaram realidades diametralmente opostas. À mobilidade ascendente predominante do clube de elite somos confrontados com o inverso no clube de formação. Os resultados apresentaram dois apontamentos curiosos, a ver: o primeiro refere-se ao facto de não existir muita diferença entre os dois clubes no que diz respeito aos jogadores formados no clube que ascendem automaticamente de escalão; o outro dado interessante de análise refere-se à quantidade de jogadores que não sofreram mobilidade descendente e que ingressaram no clube de formação. Os dados parecem sugerir, no primeiro caso, um recrutamento orientado de jogadores que integram a filosofia de formação do clube de elite e, por conseguinte, vão percorrendo naturalmente os escalões de formação do clube, o que justifica em parte os números apontados. No segundo caso, será interessante averiguar a existência de um *locus causal*, uma especificidade regional que justifique tamanha mobilidade de jogadores para o clube de formação.

4.7. Sugestões para estudos futuros

A inclusão da variável idade de forma a verificar os comportamentos para a realização de objectivos em idades posteriores do processo de formação desportivo;

A caracterização da orientação para a realização de objectivos dos jogadores que sofreram uma mobilidade descendente;

A inclusão do clima motivacional percebido e o cruzamento com o TESOQ e SAQ para averiguar qual o clima que é percebido no ambiente de elite;

Entrevistas aos treinadores das camadas de formação do clube de elite para indagar dos processos de selecção de jogadores;

Comparação da orientação para a realização de objectivos e atitudes face ao desporto entre os clubes de elite e os clubes participantes das fases finais do desporto escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Adelino J, Vieira J, Coelho O. (2005). Caracterização da prática desportiva juvenil federada. In *Instituto do Desporto de Portugal*;
2. Allen JB. (2003). Social Motivation in Youth Sport. In *Journal of Sport & Exercise Psychology*, vol. 25 (4);
3. Balaguer I, Duda JL, Atienza FL, Mayo, C. (2002). Situational and dispositional goals as predictors of perceptions of individual and team improvement, satisfaction and coach ratings among elite female handball teams. In *Psychology of Sport and Exercise*, vol 3,(4), pp: 293-308;
4. Balaguer I, Duda JL, Crespo M. (1999). Motivational climate and goal orientations as predictors of perceptions of improvement, satisfaction and coach ratings among tennis players. In *Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports*, vol. 9 (6), pp: 381–388;
5. Bengoechea EG, Streaton WB. (2007). On the interpersonal context of adolescents' sport motivation. In *Psychology of Sport and Exercise*, vol. 8, (2), pp: 195-217;
6. Biddle S, Goudas M. (1995). Achievement and Intrinsic Motivation of Children. In *Physical Education and Sport*. AGON Revista Crítica de Desporto e Educação Física, Universidade de Coimbra, curso de Desporto e Educação Física, pp: 23-37;
7. Blake WM, Roberts GC, Ommundsen Y. (2005). Effect of perceived motivational climate on moral functioning, team moral atmosphere perceptions, and the legitimacy of intentionally injurious acts among competitive youth football players. In *Psychology of Sport and Exercise*, vol 6, (4), pp: 461-477;
8. Boixadós M, Cruz J, Torregrosa M, Valiente L. (2004). Relationships among Motivational Climate, Satisfaction, Perceived Ability, and Fair Play Attitudes in Young Soccer Players. In *Journal of Applied Sport Psychology*, vol. 16, (4), pp: 301 – 317;
9. Boloni L. (2003). Formação e integração de jovens nas equipas seniores. In *Seminário Internacional Treino de Jovens “Ensinar Bem para Treinar Melhor”*. Instituto do Desporto Portugal, pp: 39-50;
10. Bredemeier BJ, Weiss MR, Shields DL, Cooper BA. (1986). The Relationship of Sport Involvement with Children's Moral Reasoning and Aggression Tendencies. In *Journal of Sport & Exercise Psychology*, vol. 8(4), pp: 304–318;
11. Bruin AB, Rikers RM, Schmidt HG, (2007). The Influence of Achievement Motivation and Chess-Specific Motivation on Deliberate Practice. In *Journal of Sport & Exercise Psychology*, vol. 29 (5);
12. Brunel PC. (1999). Relationship between achievement goal orientations and perceived motivational climate on intrinsic motivation In *Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports*, vol. 9 (6), pp: 365–374;

13. Cervelló E, Santos Rosa FJ, Calvo TG, Jiménez R, Iglesias D. (2007). Young Tennis Players' Competitive Task Involvement and Performance: The Role of Goal Orientations, Contextual Motivational Climate, And Coach-Initiated Motivational Climate In *Journal of Applied Sport Psychology*, vol. 19 (3), pp: 304 – 321;
14. Chi L & Duda JL. (1995). Multi-sample confirmatory factor analysis of the Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire. In *Research Quarterly for Exercise and Sport*, vol 66 (2), pp: 91-98;
15. Coelho e Silva MJ. (2001). Maturação Biológica: Implicações para a preparação desportiva do atleta em crescimento. In *Seminário Internacional Treino de Jovens “Melhores treinadores para uma melhor Prática”*. Instituto do Desporto Portugal, pp: 69-86;
16. Coelho O. (2004). Pedagogia do Desporto. Contributos para uma compreensão do desporto juvenil. (2ª Ed.) In *Colecção Cultura Física*. Livros Horizonte;
17. Conroy DE, Elliot AJ. (2004). Fear of failure and achievement goals in sport: Addressing the issue of the chicken and the egg. In *Anxiety, Stress and Coping*, vol. 17 (3), pp: 271-285;
18. Conroy DE, Elliot AJ, Hofer SM. (2003). A 2 x 2 Achievement Goals Questionnaire for Sport: Evidence for Factorial Invariance, Temporal Stability, and External Validity. In *Journal of Sport & Exercise Psychology*, vol. 25 (4);
19. Conroy DE, Kaye MP, Coatsworth JD. (2006). Coaching Climates and the Destructive Effects of Mastery-Avoidance Achievement Goals on Situational Motivation. In *Journal of Sport & Exercise Psychology*, vol. 28 (1);
20. Cumming SP, Standage M, Malina RM. (2004). Youth soccer: A biocultural perspective. In Coelho e Silva M, Malina RM Eds) *Children and youth in organized sports*. Pp: 209-221;
21. Cunha A. (1999). Gerir o futuro: Da formação do praticante de futebol ao jogador de excelência. In *Seminário Internacional Treino de Jovens “Os caminhos do sucesso”*. Instituto do Desporto Portugal, pp: 17-30;
22. Cuesta JG. (2001). Processos de aprendizagem. Da iniciação à alta competição. In *Seminário Internacional Treino de Jovens “Melhores treinadores para uma melhor Prática”*. Instituto do Desporto Portugal, pp: 47-60;
23. Cumming SP, Smith RE, Stoll FL, Standage M, Grossbard JR. (2007). Development and validation of the Achievement Goal Scale for Youth Sports. In *Psychology of Sport and Exercise*;
24. Curado J. (2002). Organização do Treino nos Desportos Colectivos. In *Colecção Desporto e Tempos Livres*. Editorial Caminho;
25. Dicionário Universal Fundamental da Língua Portuguesa (1998), 6ª Ed. Texto Editora;
26. Digelidis N, Papaioannou A. (1999). Age-group differences in intrinsic motivation, goal orientations and perceptions of athletic competence, physical appearance and

- motivational climate in Greek physical education. In *Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports*, vol. 9 (6), pp: 375-380;
27. Duda JL. (1985). Goals and achievement orientations of anglo and mexican-american adolescents in sport and the classroom. In *International Journal of Intercultural Relations*, vol. 9,(2), pp: 131-150;
 28. Duda JL. (1987). Toward a Developmental Theory of Children's Motivation in Sport, In *Journal of Sport & Exercise Psychology*, vol. 9 (2), pp: 130–145;
 29. Duda, JL. (1989). Relationship between task and ego orientation and the perceived purpose of sport among high school athletes. In *Journal of Sport and Exercise Psychology*, vol. 11 (3), pp: 318-335;
 30. Duda JL. (1992). Motivation in Sport Settings: A Goal Perspective Approach. (Ed.) GC Roberts. In *Motivation in Sport and Exercise*. Human Kinetics, Inc, pp: 57-93;
 31. Duda JL. (1996). Maximizing Motivation in Sport and Physical Education among Children and Adolescents: The Case for Greater Task Involvement. In *American Academy of Kinesiology and Physical Education*. 48, pp: 290-302;
 32. Duda JL. (2001). Achievement Goal Research in Sport: Pushing the Boundaries and Clarifying Some Misunderstandings. In *Advances in Motivation in Sport and Exercise, Inc*, pp: 129-182;
 33. Duda JL, Chi L, Newton M, Walling M, Catley D. (1995). Task and ego orientation and intrinsic motivation in Sport. In *International Journal of Sport Psychology*, vol. 26, pg. 40 – 63;
 34. Duda JL, & Nicholls JG. (1992). Dimensions of Achievement Motivation in Schoolwork and Sport. In *Journal of Educational Psychology*, vol. 84,(3), pp: 290-299;
 35. Duda JL. & Ntoumanis N. (2003). Correlates of achievement goal orientations in physical education. In *International Journal of Educational Research*, vol. 39, (4-5), pp: 415-436;
 36. Duda, J. & White, S. (1992). Goal Orientations and Beliefs about the Causes of Success among Elite Skiers. *The Sport Psychologist*, 6, pp: 334 –343;
 37. Duda, J. & White, S. (1994). The relationship of gender, level of sport involvement and participation motivation to task and Ego orientation. In *International Journal of Sport Psychology*, 25, pp: 4 –18;
 38. Duda, J. & Whitehead, J. (1998). Measurements of goal perspectives in the physical domain". In *Advances in Sport and exercise psychology measurement*. Joan Duda, Ph. D. Purdue University Editor;
 39. Dunn J, Dunn JC, Syrotuik D. (2002). Relationship between Multidimensional Perfectionism and Goal Orientations in Sport. In *Journal of Sport & Exercise Psychology*, Vol. 24(4);
 40. Dweck CS. (2002). The Development of Ability Conceptions. In A. Wigfield & J. Eccles (Eds.). *The development of achievement motivation*. New York: Academic Press, pp: 57-88;

41. Elliott ES, Dweck CS. (1988). Goals: An approach to motivation and achievement. In *Journal of Personality and Social Psychology*, vol. 54 (1), pp: 5-12;
42. Elliot AJ, Harackiewicz JM. (1993). Achievement Goals and Intrinsic Motivation. In *Journal of Personality and Social Psychology*, vol. 65, (5), pp: 904-915;
43. Elliot AJ, Harackiewicz JM. (1994). Goal setting, achievement orientation, and intrinsic motivation: A mediational analysis. In *Journal of Personality and Social Psychology*, vol. 66 (5), pp: 968-980;
44. Elliot AJ, Harackiewicz JM. (1996). Approach and Avoidance Achievement Goals and Intrinsic Motivation: A Mediational Analysis. In *Journal of Personality and Social Psychology*, vol.70, (3), pp: 461-475;
45. Escartí & Gutiérrez (2001). Influence of the motivational climate in physical education on the intention to practice physical activity or sport. In *European Journal of Sport Science*, vol. 1 (4), pp: 1-12(12);
46. Fonseca, M. (1995). Motivos para a Prática desportiva: Investigação desportiva em Portugal. In *Physical Education and Sport. AGON Revista Crítica de Desporto e Educação Física*, 1, Universidade de Coimbra, curso de Desporto e Educação Física, pp: 49-63;
47. Fry MD, & Fry AC. (1999). Goal Perspectives and Motivational Responses of Elite Junior Weightlifters. In *The Journal of Strength and Conditioning Research*, vol. 13 (4), pp: 311–317;
48. Gonçalves CE. (2003). *Seminário Internacional Treino de Jovens “Ensinar Bem para Treinar Melhor”*. Instituto do Desporto Portugal, pp: 39-50;
49. Gonçalves CE. (2007). Desportivismo e desenvolvimento de competências socialmente positivas. Estudo com jovens dos 13 aos 16 anos em diferentes ambientes de prática desportiva. Coimbra: C. Gonçalves. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Universidade de Coimbra.
50. Gonçalves CE. (2005). O papel dos treinadores na educação para os valores no âmbito do desporto infantil juvenil. In *Seminário Internacional Treino de Jovens “Num Desporto com Valores Preparar o Futuro”*. Instituto do Desporto Portugal, pp: 21-34;
51. Gonçalves CE, Coelho e Silva M, Chatzisarantis N, Lee MJ & Cruz J. (2006). Tradução e validação do SAQ (Sports Attitudes Questionnaire) para jovens praticantes desportivos portugueses com idades entre os 13 e os 16 anos. In *Revista Portuguesa Ciências Desporto*, vol. 6 (1), pp: 38–49;
52. Goudas M, Biddle S, Fox K. (1994). Perceived locus of causality, goal orientations, and perceived competence in school physical education classes. In *British journal of Educational Psychology*, vol. 64 (Pt 3), pp: 453-463;
53. Grant H, Dweck CS. (2003). Clarifying Achievement Goals and their Impact. In *Journal of Personality and Social Psychology*, vol. 85 (3), pp: 541-553;
54. Guivernau M & Duda JL. (2002) Moral Atmosphere and Athletic Aggressive Tendencies in Young Soccer Players. In *Journal of Moral Education*, vol 31, (1), pp: 67-85;

55. Hall HK, Kerr AW, Matthews J. (1998). Precompetitive Anxiety in Sport: The Contribution of Achievement Goals and Perfectionism. In *Journal of Sport & Exercise Psychology*, vol. 20 (2);
56. Harackiewicz JM, Barron KE, Carter SM, Lehto AT & Elliot AJ. (1997). Predictors and Consequences of Achievement Goals in the College Classroom: Maintaining Interest and Making the Grade. In *Journal of Personality and Social Psychology*, vol 73, (6), pp: 1284-1295;
57. Harwood C, Cumming J & Hall C. (2003). Imagery Use in Elite Youth Sport Participants: Reinforcing the Applied Significance of Achievement Goal Theory. In *Research Quarterly for Exercise and Sport*, vol. 74, (3), pp. 292–300;
58. Harwood C, Cumming J, Fletcher D. (2004). Motivational Profiles and Psychological Skills Use within Elite Youth Sport. In *Journal of Applied Sport Psychology*, vol. 16, (4), pp: 318 – 332;
59. Harwood C, Hardy L, Swain A. (2000). Achievement Goals in Sport: A Critique of Conceptual and Measurement Issues. In *Journal of Sport & Exercise Psychology*, vol. 22 (3);
60. Harwood C, Hardy, L. (2001). Persistence and Effort in Moving Achievement Goal Research Forward. A Response to Treasure and Colleagues. In *Journal of Sport & Exercise Psychology*. Vol. 23, pp: 330 – 345;
61. Harwood CG, Swain AJ. (1998). Antecedents of pre-competition achievement goals in elite junior tennis players. In *Journal of Sports Sciences*, vol. 16 (4), pp: 357 – 371;
62. Hayashi CT. (1996). Achievement Motivation among Anglo-American and Hawaiian Male Physical Activity Participants: Individual Differences and Social Contextual Factors. In *Journal of Sport & Exercise Psychology*, vol. 18 (2);
63. Hom HL, Duda JL, Miller A (1993). Correlates of Goal Orientations Among Young Athletes. In *Pediatric Exercise Science*, 5, pp:166-176;
64. Kavussanu M, Roberts GC. (1996). Motivation in Physical Activity Contexts: The Relationship of Perceived Motivational Climate to Intrinsic Motivation and Self-Efficacy. In *Journal of Sport & Exercise Psychology*, vol. 18 (3);
65. Kavussanu M, Roberts GC. (2001). Moral Functioning in Sport: An Achievement Goal Perspective. In *Journal of Sport & Exercise Psychology*, vol. 23 (1);
66. Kavussanu M, Ntoumanis N (2003). Participation in Sport and Moral Functioning: Does Ego Orientation Mediate Their Relationship? In *Journal of Sport & Exercise Psychology*, Vol. 25 (4);
67. Kleiber DA, Roberts GC. (1981). The Effects of Sport Experience in the Development of Social Character: An Exploratory Investigation. In *Journal of Sport & Exercise Psychology*, vol. 3 (2), pp:
68. Kyllo LB, Landers DM. (1995). Goal Setting in Sport and Exercise: A Research Synthesis to Resolve the Controversy. In *Journal of Sport & Exercise Psychology*, Vol. 17(2), pp: 117–137;

69. Lee MJ (1996). Young people, sport and ethics: an examination of fair play in youth sport. *Technical report to the Research Unit of the Sports Council*. Londres;
70. Lee MJ, Whitehead J, Ntoumanis N, Hatzigeorgiadis A. (2002). The effect of values, achievement goals and perceived ability on moral attitudes in youth sport. *Technical Report to the Economic and Social Research Council*. Londres;
71. Lee MJ, Whitehead J & Ntoumanis N (2007). Development of the Attitudes to Moral Decision-making in Youth Sport Questionnaire (AMDYSQ). In *Psychology of Sport and Exercise*, vol. 8, (3), pp: 369-392;
72. Lesyk JJ, Kornspan AS. (2000). Coaches' expectations and beliefs regarding benefits of youth sport participation. In *Perceptual Motor Skills*, vol. 90 (2), pp: 399-402;
73. Lochbaum M, Roberts GC. (1993). Goal Orientations and Perceptions of the Sport Experience. In *Journal of Sport & Exercise Psychology*, Vol. 15(2), pp: 160–171;
74. Locke EA, Latham GP. (1985). The Application of Goal Setting to Sports. In *Journal of Sport & Exercise Psychology*, vol. 7(3), pp: 205–222;
75. Maehr ML, Nicholls JG, (1980). Culture and achievement motivation: A second look. In *Studies in cross-cultural psychology*, 3, pp: 221 – 267;
76. Magyar TM, Feltz DL (2003). The influence of dispositional and situational tendencies on adolescent girls' sport confidence sources. In *Psychology of Sport and Exercise*, vol 4, (2), pp: 175-190;
77. Mesquita I. (2005). Ensinar a aprender: Tarefa prioritária do treinador de jovens. In *Seminário Internacional Treino de Jovens “Num Desporto com Valores Preparar o Futuro”*. Instituto do Desporto Portugal, pp: 35-50;
78. Midgley C, Kaplan A, Middleton M, Maehr ML, Urdan T, Anderman LH, Anderman E, Roeser R. (1998). The Development and Validation of Scales Assessing Students' Achievement Goal Orientations. In *Contemporary Educational Psychology*, vol. 23 (2), pp: 113-131;
79. Miller BW, Roberts GC, Ommundsen Y. (2004). Effect of motivational climate on sportspersonship among competitive youth male and female football players. In *Scandinavian Journal Medicine Science Sports*, vol. 14 (3), pp: 193-202;
80. Murcia JM, Gimeno EC, Coll DC. (2007). Young Athletes' Motivational Profiles. In *Journal Of Sports Science & Medicine*, Vol. 6 (2), pp: 172-179;
81. Newton M, Duda, J. (1993). “Elite adolescent athlete’s achievement goals and beliefs concerning success in tennis”. In *Journal of Sport & Exercise Psychology*, Kinetics Publishers. Inc. Vol. 15, pp: 437 – 448.
82. Newton M, Duda JL, Yin Z. (2000). Examination of the psychometric properties of the Perceived Motivational Climate in Sport Questionnaire - 2 in a sample of female athletes. In *Journal of Sports Sciences*, vol. 18 (4), pp: 275-290;
83. Nicholls, J. (1984a). Achievement motivation: Conceptions of ability, subjective experience, task choice, and performance. In *Psychological Review*, 91, pp: 328 – 346;

84. Nicholls, J.G. (1984b). Conceptions of ability and achievement motivation. In R. Ames & C. Ames (Eds.), *Research on motivation in education: Vol.1. Student motivation*. New York: Academic Press;
85. Nicholls, J.G. (1989). *The competitive ethos and democratic education*. Cambridge, MA: Harvard Press;
86. Nicholls, J.G. (1992). The General and the Specific in the Development and Expression of Achievement motivation. Ed. GC Roberts. In *Motivation in Sport and Exercise*. Human Kinetics Publishers, Inc.;
87. Nicholl's, JC. (2001). The General and the Specific in the Development and Expression of Achievement Motivation. (Ed.) GC Roberts. In *Advances in Sport and Exercise*. Human Kinetics, Inc, pp: 31-57;
88. Nicholls JG, Cheung, PC, Lauer, J, & Patashnick M. (1989). Individual differences in academic motivation: Perceived ability, goals, beliefs and values. In *Learning and Individual Differences*, 1, pp: 63-84;
89. Nien Chiao-Lin & Duda JL. (2007). Antecedents and consequences of approach and avoidance achievement goals: A test of gender invariance. In *Psychology of Sport and Exercise*. Na imprensa, provas corrigidas. Disponível online 31 Maio em www.sciencedirect.com;
90. Ntoumanis N, Vazou S. (2005). Peer Motivational Climate in Youth Sport: Measurement Development and Validation. In *Journal of Sport & Exercise Psychology* vol. 27 (4);
91. Ommundsen Y, Pedersen BH. (1999). The role of achievement goal orientations and perceived ability upon somatic and cognitive indices of sport competition trait anxiety. A study of young athletes. In *Scandinavian Journal Medicine & Science in Sports*, vol. 9 (6), pp: 333-343;
92. Ommundsen Y, Roberts GC, Lemyre PN, Treasure D. (2003). Perceived motivational climate in male youth soccer: relations to social–moral functioning, sportpersonship and team norm perceptions. In *Psychology of Sport and Exercise*, vol. 4, (4), pp: 397-413;
93. Ommundsen Y, Roberts GC, Lemyre PN, Miller BW. (2005). Peer relationships in adolescent competitive soccer: associations to perceived motivational climate, achievement goals and perfectionism. In *Journal Sports Science*, vol 23 (9), pp: 977-989;
94. Ommundsen Y, Roberts GC, Lemyre PN, Miller BW. (2006). Parental and coach support or pressure on psychosocial outcomes of pediatric athletes in soccer. In *Clinical Journal Sports Medicine*, vol 16 (6), pp:522-526;
95. Papaioannou A. (1995). Differential Perceptual and Motivational Patterns When Different Goals Are Adopted. In *Journal of Sport & Exercise Psychology*, vol. 17 (1), pp: 18–34;

96. Papaioannou A, Bebetos E, Theodorakis Y, Christodoulidis T, Kouli O. (2006). Causal relationships of sport and exercise involvement with goal orientations, perceived competence and intrinsic motivation in physical education: a longitudinal study. In *Journal Sports Science*, vol. 24 (4), pp: 367-382;
97. Papaioannou A, Marsh HW, Theodorakis Y. (2004). A Multilevel Approach to Motivational Climate in Physical Education and Sport Settings: An Individual or a Group Level Construct? In *Journal of Sport & Exercise Psychology*, vol. 26 (1);
98. Parish LE & Treasure DC. (2003). Physical Activity and Situational Motivation in Physical Education: Influence of the Motivational Climate and Perceived Ability. In *Research Quarterly for Exercise and Sport*, vol. 74, (2), pp: 173–182;
99. Pensgaard A.M, Roberts GC. (2002). Elite athletes' experiences of the motivational climate: The coach matters. In *Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports*, vol 12 (1),pp: 54–59;
100. Polkinghorne DE (1995). Narrative Configuration in Qualitative Analysis. In *International Journal of Qualitative Studies in Education*, vol. 8, (1), pp: 5-23;
101. Referências Bibliográficas e Citações Guia para Consulta Rápida (2007). FCDEF-UC. Centro de Documentação 2007;
102. Reinboth M, Duda JL (2006). Perceived motivational climate, need satisfaction and indices of well-being in team sports: A longitudinal perspective. In *Psychology of Sport and Exercise*, vol. 7, (3), pp: 269-286;
103. Roberts, GC. (1984). Achievement motivation in children's sport. In J.G. Nicholls (Ed.), *Advances in motivation and achievement: Vol. 3. The development of achievement & motivation*. Greenwich, CT: JAI Press, pp: 251-281;
104. Roberts, GC. (1992). Motivation in Sport and Exercise. Conceptual Constraints and Convergence. Ed. GC Roberts. In *Motivation in Sport and Exercise*. Human Kinetics Publishers, Inc.;
105. Roberts, GC. (2001). Understanding the Dynamics of Motivation in Physical Activity: The Influence of Achievement Goals on Motivational Processes. (Ed.) GC Roberts. In *Advances in Sport and Exercise*. Human Kinetics, Inc, pp: 1-51;
106. Roberts GC. Duda JL. (1984). Motivation in Sport: The Mediating Role of Perceived Ability. In *Journal of Sport & Exercise Psychology*, vol. 6 (3), pp: 312–324;
107. Roberts GC, Treasure DC, Kavussanu M. (1996). Orthogonality of achievement goals and its relationship to beliefs about success and satisfaction in sport. In *Sport Psychologist*. Vol. 10 (4), pp: 398-408;
108. Roberts GC, Kleiber DA, Duda JL. (1981). An Analysis of Motivation in Children's Sport: The Role of Perceived Competence in Participation. In *Journal of Sport & Exercise Psychology*, vol. 3 (3), pp: 206-216;
109. Roberts, GC. & Ommundsen Y. (1996). Effect of goal orientation on achievement beliefs, cognition and strategies in team sport. In *Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports*, vol. 6 (1), pp: 46-56;

110. Sage L, Kavussanu M. (2007). The Effects of Goal Involvement on Moral Behaviour in an Experimentally Manipulated Competitive Setting. In *Journal of Sport & Exercise Psychology*, vol. 29 (2);
111. Sage L, Kavussanu M, Duda J. (2006). Goal orientations and moral identity as predictors of prosocial and antisocial functioning in male association football players. In *Journal Sports Science*, vol. 24 (5), pp:455-66;
112. Seifriz JJ, Duda JL; Chi L. (1992). The Relationship of Perceived Motivational Climate to Intrinsic Motivation and Beliefs about Success in Basketball. In *Journal of Sport & Exercise Psychology*, vol. 14 (4);
113. Serpa S. (1998). Em pequenino para não ficar menino. In *Seminário Internacional Treino de Jovens*. Instituto do Desporto Portugal, pp: 31-36;
114. Smith RE (1995). Semi Structured Interviewing and Qualitative Analysis. (Ed.) JA Smith, H. Harré & L Van Lagenhove. In *Rethinking Methods of Psychology*, pp: 9-26;
115. Smith AL, Balaguer I, Duda JL. (2006). Goal orientation profile differences on perceived motivational climate, perceived peer relationships, and motivation-related responses of youth athletes. In *Journal Sports Science*, vol 24 (12), pp:1315-1327;
116. Smith RE, Smoll FL, Curtis B. (1979). Coach Effectiveness Training: A Cognitive-Behavior Approach to Enhancing Relationship Skills in Youth Sport Coaches. In *Journal of Sport & Exercise Psychology*, vol. 1 (1), pp: 59–75;
117. Smith RE, Zane NW, Smoll FL, Coppel DB. (1983). Behavioral assessment in youth sports: coaching behaviors and children's attitudes. In *Medicine & Science in Sports & Exercise*, vol. 15 (3), pp: 208-214;
118. Smoll FL, Smith RE. (1990). Psychology of the young athlete. Stress-related maladies and remedial approaches. In *Pediatric Clinics of North America*, vol. 37 (5), pp: 1021-1046;
119. Smoll FL, Smith RE, Barnett NP, Everett JJ. (1993). Enhancement of children's self-esteem through social support training for youth sport coaches. In *Journal of Applied Psychology*, vol. 78 (4), pp: 602-610;
120. Smith M, Lee C. (1992). Goal Setting and Performance in a Novel Coordination Task: Mediating Mechanisms. In *Journal of Sport and Exercise Psychology*, vol. 14 (2), pp: 169–176;
121. Smith RE, Smoll FL, Cumming SP. (2007). Effects of a motivational climate intervention for coaches on young athletes' sport performance anxiety. In *Journal of Sport and Exercise Psychology*, vol. 29 (1), pp: 39-59;
122. Standage M, Duda JL, Ntoumanis N. (2003). Predicting motivational regulations in physical education: the interplay between dispositional goal orientations, motivational climate and perceived competence. In *Journal Sports Science*, vol. 21 (8), pp: 631-647;
123. Stephens DE. (1998). The Relationship of Goal Orientation and Perceived Ability to Enjoyment and Value in Youth Sport. In *Pediatric Exercise Science*, vol. 10(3);

124. Stephens DE, Bredemeier BJ. (1996). Moral Atmosphere and Judgments about Aggression in Girls' Soccer: Relationships among Moral and Motivational Variables. In *Journal of Sport & Exercise Psychology*, vol. 18 (2);
125. Stoeber J, Stoll O, Pescheck E & Otto K. (2008). Perfectionism and achievement goals in athletes: Relations with approach and avoidance orientations in mastery and performance goals. In *Psychology of Sport and Exercise*, vol. 9, (2), pp:102-121;
126. Theeboom M, De Knop P, Weiss MR. (1995). Motivational Climate, Psychological Responses, and Motor Skill Development in Children's Sport: A Field-Based Intervention Study. In *Journal of Sport & Exercise Psychology*, vol. 17(3), pp: 294–311;
127. Treasure DC. (2001). Enhancing Young People's Motivation in Youth Sport: An Achievement Goal Approach. In *Advances in Motivation in Sport and Exercise, Inc*, pp: 79-100;
128. Treasure DC, Roberts GC. (1994). Cognitive and Affective Concomitants of Task and Ego Goal Orientations during the Middle School Years. In *Journal of Sport & Exercise Psychology*, vol. 16, (1), pp:15–28;
129. Treasure DC, & Roberts GC. (1995). "Achievement goals, motivational climate and achievement strategies and behaviors in Sport". In *International Journal of Sport Psychology*, 26, pp: 64 – 80;
130. Treasure DC, Roberts GC. (1998). Relationship between female adolescents' achievement goal orientations, perceptions of the motivational climate, belief about success and sources of satisfaction in basketball . In *International Journal of Sport Psychology*. Vol. (29), 3, pp: 211-230;
131. Treasure DC, Duda JL, Hall HK, Roberts GC, Ames C & Maehr, 2001). Clarifying misconceptions and misrepresentations in achievement goal research in sport: A response to Harwood, Hardy, and Swain. In *Journal of Sport & Exercise Psychology*. Vol. 23 (4), pp: 317-329;
132. Valdivielso FN. (2005). Características e importância das etapas de formação na carreira do atleta. In *Seminário Internacional Treino de Jovens "Num Desporto com Valores Preparar o Futuro"*. Instituto do Desporto Portugal, pp: 65-78;
133. Vallerand R, Briere N, Blanchard C, Provencher P. (1997). Development and validation of the multidimensional sportspersonship orientations scale. *Journal of Sport and Exercise Psychology*. Vol.16, pp: 126-140;
134. Van-Yperen NW, Duda JL. (1999). Goal orientations, beliefs about success, and performance improvement among young elite Dutch soccer players. In *Scandinavian Journal Medicine & Science in Sports*, vol. 9 (6), pp: 358-364;
135. Vazou, S; Antoninos, N; Duda JL. (2005). Peer motivational climate in youth sport: a qualitative inquiry). In *Psychology of Sport and Exercise*, vol. 6, (5), pp: 497- 516;

136. Vlachopoulos S, Biddle S, Fox K. (1996). A Social-Cognitive Investigation into the Mechanisms of Affect Generation in Children's Physical Activity. In *Journal of Sport & Exercise Psychology*, vol. 18(2);
137. Xiang P, McBride RE, Bruene A, Liu Y. (2007). Achievement Goal Orientation Patterns and Fifth Graders' Motivation in Physical Education Running Programs. In *Pediatric Exercise Science*, vol. 19 (2);
138. Wakayama H, Watanabe E, Inomata K. (2002). Exploratory factor analysis of the Sport Orientation Questionnaire and the Task and Ego Orientation in Sport Questionnaire in a Japanese sport setting. In *Perceptual Motor Skills*, vol. 95 (3 Pt 2), pp:1179-1186;
139. Walling MD, Duda JL, Chi L. (1993). The Perceived Motivational Climate in Sport Questionnaire: Construct and Predictive Validity. In *Journal of Sport & Exercise Psychology*, vol. 15(2), pp: 172–183;
140. Weinberg R, Fowler C, Jackson AW, Bagnall J, Bruya L.(1991). Effect of Goal Difficulty on Motor Performance: A Replication across Tasks and Subjects. In *Journal of Sport & Exercise Psychology*, vol. 13(2), pp: 160–173;
141. Weiss MR, Duncan SC. (1992). The Relationship between Physical Competence and Peer Acceptance in the Context of Children's Sports Participation. In *Journal of Sport & Exercise Psychology*, vol. 14 (2), pp: 177–191;
142. Weiss, M., Ferrer-Caja, E. (2002). Motivational Orientations and Sport Behavior. In (Ed.) T. Horn. *Advances in Sport Psychology* (2^a Ed.) 5. Human Kinetics Publishers, Inc., pp: 101-162;
143. Weiss MR, Friedrichs WD. (1986). The Influence of Leader Behaviors, Coach Attributes, and Institutional Variables on Performance and Satisfaction of Collegiate Basketball Teams. In *Journal of Sport & Exercise Psychology*, vol. 8(4), pp: 332–346;
144. Weiss MR, Smith AL, Theeboom M. (1996). "That's What Friends Are For": Children's and Teenagers' Perceptions of Peer Relationships in the Sport Domain. In *Journal of Sport & Exercise Psychology*, vol. 18 (4);
145. White SA, & Duda JL. (1994). The relationship of gender, level of sport involvement, and participation motivation to task and ego orientation. In *International! Journal of Sport Psychology*, 25, pp: 4-18;
146. White SA, Kavussanu M, Tank KM, Wingate JM. (2004). Perceived parental beliefs about the causes of success in sport: relationship to athletes' achievement goals and personal beliefs. In *Scandinavian Journal of Medicine & Science in Sports*, vol 14 (1), pp: 57-66;
147. Whitehead J, Andrée KV & Lee MJ. (2004). Achievement perspectives and perceived ability: how far do interactions generalize in youth sport? In *Psychology of Sport and Exercise*, vol. 5, (3), pp: 291-317;

148. Williams L. (1994): "Goal orientations and athlete's performances for competences information sources". In *Journal of Sport & Exercise Psychology*, vol. 16, pp: 416 – 430;
149. Williams L, Gill DL. (1995). The Role of Perceived Competence in the Motivation of Physical Activity. In *Journal of Sport & Exercise Psychology*, vol. 17 (4), pp: 363–378;
150. Yoo J. (1999). Motivational-behavioral correlates of goal orientation and perceived motivational climate in physical education contexts. In *Perceptual Motor Skills*, vol. 89 (1), pp: 262-274.

ANEXOS



Faculdade de Ciências de Desporto e Educação Física
Universidade de Coimbra

TEOSQ – Task and Ego Orientation in Sport Questionnaires

NORD:

Em seguida apresentam-se algumas informações relativas a opiniões ou sentimentos que o desporto provoca nas pessoas. Indique, por favor, o seu grau de concordância ou discordância, relativamente ao modo como considera que elas se aplicam a si, colocando para cada uma delas, uma cruz em cima da pontuação que mais se aproxima da sua opinião.

1	Discordo totalmente
2	
3	
4	
5	Concordo totalmente

1	... sou o único executar as técnicas	1	2	3	4	5
2	... aprendo uma nova técnica e isso faz-me querer praticar mais	1	2	3	4	5
3	... consigo fazer melhor do que os meus colegas	1	2	3	4	5
4	... os outros não conseguem fazer tão bem como eu	1	2	3	4	5
5	... aprendo algo que me dá prazer fazer	1	2	3	4	5
6	... os outros cometem erros e eu não	1	2	3	4	5
7	... aprendo uma nova técnica esforçando-me bastante	1	2	3	4	5
8	... trabalho realmente bastante	1	2	3	4	5
9	... ganho a maioria das provas ou marco a maior parte dos pontos	1	2	3	4	5
10	... algo que aprendo me faz querer continuar e praticar mais	1	2	3	4	5
11	... sou o melhor	1	2	3	4	5
12	... sinto que uma técnica que aprendo está bem	1	2	3	4	5
13	... faço o meu melhor	1	2	3	4	5

Experiência desportiva na modalidade

Época	Clube	Escalão
2005/2006		
2004/2005		
2003/2004		
2002/2003		
2001/2002		
2000/2001		
1999/2000		
1998/1999		
1997/1998		
1996/1997		



Faculdade de Ciências de Desporto e Educação Física
Universidade de Coimbra

QUESTIONÁRIO DE ATITUDES FACE AO DESPORTO

NORD	
------	--

Como eu pratico desporto

Por favor, assinala cada frase com um círculo para mostrar como é que praticas a tua modalidade desportiva. O significado dos algarismos é o seguinte

1=Discordo totalmente	DT
2=Discordo	D
3=Não tenho a certeza	N
4=Concordo	C
5=Concordo totalmente	CT

Exemplo	DT	D	N	C	CT
Costumo jogar "jogos de computador"	1	2	3	4	5

Por favor responde às seguintes questões, relativas ao teu **desporto principal**

	DT	D	N	C	CT
1 Vou a todos os treinos	1	2	3	4	5
2 Às vezes perco tempo a perturbar o adversário	1	2	3	4	5
3 Era capaz de fazer batota se isso me ajudasse a ganhar	1	2	3	4	5
4 Cumprimento os adversários depois de uma derrota	1	2	3	4	5
5 Se os outros fazem batota, penso que também o posso fazer	1	2	3	4	5
6 Dou sempre o meu melhor	1	2	3	4	5
7 Como não é contra as regras pressionar psicologicamente os adversários, posso fazê-lo	1	2	3	4	5
8 Cumprimento o treinador adversário	1	2	3	4	5
9 Faço batota se ninguém der por isso	1	2	3	4	5
10 Por vezes tento enganar os meus adversários	1	2	3	4	5
11 Estou sempre a pensar em como posso melhorar	1	2	3	4	5
12 Felicito os adversários por um bom jogo ou por um bom desempenho	1	2	3	4	5
13 Por vezes é preciso fazer batota	1	2	3	4	5
14 Penso que posso perturbar os adversários desde que não viole as regras	1	2	3	4	5
15 Esforço-me sempre, mesmo que saiba que vou perder	1	2	3	4	5
16 Não há problemas em fazer batota se ninguém notar	1	2	3	4	5
17 Seja qual for o resultado, cumprimento os meus adversários	1	2	3	4	5
18 Se não quiser que alguém jogue bem, tento perturbá-lo um pouco	1	2	3	4	5
19 Por vezes faço batota para obter vantagem	1	2	3	4	5
20 É uma boa ideia irritar os meus adversários	1	2	3	4	5
21 Não desisto mesmo depois de ter cometido erros	1	2	3	4	5
22 Depois de ganhar cumprimento os meus adversários	1	2	3	4	5
23 Tento que os árbitros decidam a meu favor, mesmo que não seja verdade	1	2	3	4	5

GUIÃO DAS ENTREVISTAS

- 1 – Quais os objectivos gerais que norteiam a política formativa neste clube?
- 2 – Qual a filosofia de formação deste clube no enquadramento nacional? As linhas orientadoras.
- 3 – Existe uma perspectiva desenvolvimentista nas camadas de formação do clube? Como a descreve?
- 4 – Existe uma preocupação com o desportivismo, no sentido de orientar o futuro profissional para práticas desportivas correctas?
- 5 – Como caracteriza a política de formação dos maiores clubes nacionais?
- 6 – O que pensa que vão ser os jogadores quando terminarem a sua formação no clube?
- 7 – Qual o tipo de apoio que o clube presta aos seus jogadores na vida desportiva e na sua vida pessoal?
- 8 – Quais são as vossas ambições? O que querem para o futuro
- 9 – Crê importante um plano de formação contínuo para treinadores?
- 10 - Qual é o patamar de excelência estabelecido por si, enquanto coordenador da formação do clube?
- 11 - Pode-me explicar o porquê da divisão dos escalões em idade cronológica?
- 12 - Existem mecanismos internos que promovam a integração de jovens atletas maturacionalmente avançados no escalão seguinte? A existir quais são?

